

2º CICLO DE ESTUDOS

Criminologia



***Bullying e Cyberbullying: A Importância da Personalidade,  
Autoestima e Empatia em Jovens Vítimas e Ofensores***

Joana Fernandes Pereira

**M**

**2020**



## RESUMO

Apesar da crescente preocupação da comunidade científica sobre o *bullying* e o *cyberbullying*, o conhecimento científico relativo às associações entre estes fenómenos e variáveis individuais ainda é escasso. Esta dissertação pretende estudar a frequência da ocorrência de *bullying* e de *cyberbullying*, esclarecer a relação entre o *bullying* e o *cyberbullying*, bem como as associações entre o envolvimento nestes fenómenos, como vítima e ofensor, e características como a personalidade, autoestima e empatia. Para tal, 158 jovens estudantes da área metropolitana do Porto preencheram um conjunto de questionários com o intuito de mensurar a vitimação e perpetração de *bullying*, a vitimação e perpetração de *cyberbullying*, a autoestima, a empatia e a personalidade, nomeadamente a extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência. Os principais resultados deste estudo evidenciaram que existe uma relação entre o *bullying* e o *cyberbullying*. Este estudo evidenciou ainda que o envolvimento em *bullying* e *cyberbullying* é mais frequente em jovens do género masculino. Relativamente à idade, verificou-se que estudantes em idades mais tardias da adolescência apresentam níveis superiores de perpetração de *bullying*. Este estudo demonstrou ainda que estudantes envolvidos em *bullying* e *cyberbullying* apresentam uma autoestima mais elevada. Relativamente à personalidade, neste estudo a baixa agradabilidade foi um bom preditor da perpetração de *bullying* e de *cyberbullying*. Por outro lado, o alto neuroticismo foi um bom preditor da vitimação por *bullying* e por *cyberbullying*. Por fim, a baixa extroversão constituiu também um bom preditor da vitimação por *bullying*. Em relação à empatia, neste estudo demonstrou-se que jovens perpetradores de *bullying* apresentam valores baixos na pontuação total da escala da empatia, bem como valores baixos nas suas componentes de tomada de perspectiva e de preocupação empática. As vítimas de *bullying*, por sua vez, evidenciaram baixos níveis de tomada de perspectiva. Este estudo permitiu um melhor conhecimento das características das vítimas e dos ofensores de *bullying* e de *cyberbullying*.

**Termos-chave:** *Bullying*, *cyberbullying*, personalidade, autoestima, empatia, vítimas, ofensores;

## **ABSTRACT**

Despite the growing concern of the scientific community about bullying and cyberbullying, scientific knowledge about the associations between these phenomena and individual variables is still scarce. This dissertation intends to study the frequency of the occurrence of bullying and cyberbullying, to clarify the relationship between bullying and cyberbullying, as well as the associations between involvement in these phenomena, as victim and offender, and characteristics such as personality, self-esteem and empathy. To this end, 158 young students from the metropolitan area of Porto completed a set of questionnaires in order to measure victimization and perpetration of bullying, victimization and perpetration of cyberbullying, self-esteem, empathy and personality, namely extroversion, agreeableness, conscientiousness, neuroticism and openness. The main results of this study showed that there is a relationship between bullying and cyberbullying. This study also showed that involvement in bullying and cyberbullying is more frequent in young men. Regarding age, it was found that students at later ages of adolescence have higher levels of perpetration of bullying. This study also demonstrated that students involved in bullying and cyberbullying have a higher self-esteem. Regarding personality, in this study, low agreeableness was a good predictor of the perpetration of bullying and cyberbullying. On the other hand, high neuroticism was a good predictor of victimization by bullying and cyberbullying. Finally, low extraversion was also a good predictor of victimization by bullying. Regarding empathy, in this study it was demonstrated that young perpetrators of bullying have low values in the total score of the empathy scale, as well as low values in their components of perspective taking and empathic concern. The victims of bullying, in turn, showed low levels of perspective taking. This study allowed for a better understanding of the characteristics of victims and offenders of bullying and cyberbullying.

**Key terms:** Bullying, cyberbullying, personality, self-esteem, empathy, victims, offenders.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional e pelo suporte constante que me deram ao longo destes anos.

Aos restantes membros da minha família, agradeço o carinho e a preocupação que de uma forma ou de outra foram demonstrando.

A todos os professores da Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, especialmente ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Almeida, por todo o apoio, dedicação e pela partilha de conhecimentos.

À Ana, por estar sempre presente. Por ter entrado comigo nesta aventura e pela partilha de experiências, dúvidas, sorrisos e mágoas. Este trabalho não teria sido possível sem a sua força e amizade.

À Sílvia, por ter embarcado comigo neste desafio, pela partilha de gargalhadas e pelos momentos de procrastinação partilhados. Sem o teu ombro amigo e sem a tua constante animação, este trabalho não seria possível.

À Inês, que apesar de longe continua a ser uma inspiração. Obrigada pela confiança e pela amizade e companheirismo nos longos anos de licenciatura. A ela devo também este trabalho.

Ao Leonardo, pela calma que me transmite todos os dias, por ser um exemplo de coragem e de inspiração. Obrigada por acreditares em mim e nunca me deixares duvidar.

A todos os meus amigos, em geral, bem como as pessoas que não mencionei, mas que fizeram parte deste trabalho, obrigado por nunca me deixarem desistir.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
1.1. Concetualização .....	3
1.1.1. <i>Bullying</i> .....	3
1.1.2. <i>Cyberbullying</i> .....	6
1.2. <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> .....	9
1.3. Diferenças entre vítimas e ofensores de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> .....	13
1.3.1. <i>Género e idade</i> .....	13
1.3.2. <i>Personalidade</i> .....	14
1.3.3. <i>Autoestima</i> .....	20
1.3.4. <i>Empatia</i> .....	22
CAPÍTULO 2 – ESTUDO EMPÍRICO .....	27
2.1. Objetivos e Hipóteses .....	27
2.2. Caraterização do Estudo .....	29
2.3. Amostra .....	30
2.3.1. <i>Caraterização da Amostra</i> .....	31
2.4. Instrumentos .....	31
2.4.1. <i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	31
2.4.2 <i>Questionário de Cyberbullying-Vitimização</i> .....	32
2.4.3. <i>Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar</i> .....	32
2.4.4. <i>Índice de Reatividade Interpessoal</i> .....	33
2.4.5. <i>Escala de Autoestima de Rosenberg</i> .....	35
2.4.6. <i>Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças</i> .....	35
2.5. Procedimentos .....	36
2.5.1. <i>Análise de Dados</i> .....	37
CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS .....	40
3.1. Caraterização da Amostra Segundo as Variáveis em Estudo .....	40
3.2. Teste de Hipóteses .....	44
3.2.1. <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> .....	44

3.2.2. Idade e <i>Cyberbullying</i> .....	45
3.2.3. Idade e <i>Bullying</i> .....	45
3.2.4. Género e <i>Bullying</i> .....	46
3.2.5. Género e <i>Cyberbullying</i> .....	46
3.2.6. Autoestima e <i>Cyberbullying</i> .....	46
3.2.7. Autoestima e <i>Bullying</i> .....	47
3.2.8. Personalidade e <i>Bullying</i> .....	48
3.2.9. Personalidade e <i>Cyberbullying</i> .....	50
3.2.10. Empatia e <i>Cyberbullying</i> .....	53
3.2.10. Empatia e <i>Bullying</i> .....	56
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÕES .....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	66
ANEXOS.....	77

## **LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS**

IRI – Interpersonal Reactivity Index

RSES – Rosenber Self-Esteem Scale

BFQ-CV – Big Five Questionnaire – Children Version

CBQ-V – Questionário de Cyberbullying – Vitimação

QEVE – Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar

CEVEO – Cuestionario de Evaluación de la Violencia entre iguales en la escuela

TP – Tomada de Perspetiva

PE – Preocupação Empática

DP – Desconforto Pessoal

F – Fantasia

E – Extroversão

A – Agradabilidade

C – Conscienciosidade

N – Neuroticismo

O – Abertura à Experiência

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

*DP* – Desvio Padrão

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 .....	119
<i>Comportamento Relativos à Perpetração de Bullying</i> .....	119
Figura 2 .....	121
<i>Comportamentos Relativos à Vitimação por Bullying</i> .....	121
Figura 3 .....	124
<i>Comportamentos Relativos à Perpetração de Cyberbullying</i> .....	124
Figura 4 .....	126
<i>Comportamentos Relativos à Vitimação por Cyberbullying</i> .....	126

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 .....	78
Questionário Sociodemográfico .....	78
Anexo 2 .....	80
Questionário de Cyberbullying CBQ-V .....	80
Anexo 3 .....	84
Análise de Fidelidade do CBQ-V .....	84
Anexo 4 .....	87
Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar.....	87
Anexo 5 .....	91
Análise de Fidelidade do QEVE.....	91
Anexo 6 .....	94
Índice de Reatividade Interpessoal .....	94
Anexo 7 .....	97
Análise de Fidelidade do IRI.....	97
Anexo 8 .....	101
Escala de Autoestima de Rosenberg.....	101
Anexo 9 .....	103
Análise de Fidelidade da RSES .....	103
Anexo 10 .....	105
Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças .....	105
Anexo 11 .....	110
Análise de Fidelidade do BFQ-CV .....	110
Anexo 12 .....	114
Termo de Consentimento Informado.....	114
Anexo 13 .....	117
Estatística Descritiva do QEVE.....	117
Anexo 14 .....	122
Estatística Descritiva do CBQ-V .....	122
Anexo 15 .....	127

Resultados do Teste de Normalidade – Kolmogorov-Smirnov..... 127

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> .....	41
<i>Estatística Descritiva (médias, desvios padrões, valores mínimos e máximos) das Variáveis “Vitimação por Bullying” e “Perpetração de Bullying”</i> .....	41
<b>Tabela 2</b> .....	42
<i>Estatística Descritiva das Variáveis “Vitimação por Cyberbullying” e “Perpetração de Cyberbullying”</i> .....	42
<b>Tabela 3</b> .....	42
<i>Estatística Descritiva da Variável “Autoestima”</i> .....	42
<b>Tabela 4</b> .....	43
<i>Estatística Descritiva das Variáveis “Empatia Total”, “Empatia Cognitiva”, “Empatia Afetiva”, “Tomada de Perspetiva”, “Preocupação Empática”, “Desconforto Pessoal” e “Fantasia”</i> .....	43
<b>Tabela 5</b> .....	43
<i>Estatística Descritiva das Variáveis “Agradabilidade”, “Conscienciosidade”, “Extroversão”, “Neuroticismo” e “Abertura à Experiência”</i> .....	43
<b>Tabela 6</b> .....	44
<i>Correlações entre Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying</i> .....	44
<b>Tabela 7</b> .....	45
<i>Correlações entre Idade e Vitimação e Perpetração de Bullying</i> .....	45
<b>Tabela 8</b> .....	46
<i>Correlações entre a Autoestima e a Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying</i> .....	46
<b>Tabela 9</b> .....	48
<i>Predição da Perpetração de Bullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência</i> .....	48
<b>Tabela 10</b> .....	49
<i>Predição da Vitimação por Bullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência</i> .....	49
<b>Tabela 11</b> .....	51
<i>Predição da Perpetração de Cyberbullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência</i> .....	51

<b>Tabela 12</b> .....	52
<i>Predição da Vitimação por Cyberbullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência</i> .....	52
<b>Tabela 13</b> .....	54
<i>Correlações entre a Empatia e as suas Componentes e a Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying</i> .....	54
<b>Tabela 14</b> .....	55
<i>Predição da Perpetração de Cyberbullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia</i> .....	55
<b>Tabela 15</b> .....	55
<i>Predição da Vitimação por Cyberbullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia</i> .....	55
<b>Tabela 16</b> .....	56
<i>Predição da Perpetração de Bullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia</i> .....	56
<b>Tabela 17</b> .....	57
<i>Predição da Vitimação por Bullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia</i> .....	57

# INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido no âmbito desta dissertação de mestrado em Criminologia incide sobre o tema da violência escolar, nomeadamente sobre a agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar, designado vulgarmente como “*bullying*”. Este tema tem sido alvo de atenção por inúmeros investigadores nas últimas décadas (e.g. Nansel et al., 2001; Zych et al., 2017), dada a necessidade crescente da criação e desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção escolar, com o objetivo de reestruturar o clima social das escolas e de eliminar a agressão e vitimação entre jovens adolescentes em contexto escolar (Olweus & Limber, 2010). O surgimento de novas investigações sobre as características individuais dos jovens envolvidos em *bullying* e *cyberbullying* contribui com conhecimento essencial para intervenções mais eficazes em contexto escolar (Patchin & Hinduja, 2010).

Com a evolução tecnológica, a internet é cada vez mais utilizada em contexto escolar, laboral e social. Consequentemente, surgiram novos comportamentos agressivos bem como novos métodos através dos quais os indivíduos expandem o alcance da sua agressividade (Kowalski et al., 2014). Por um lado, emergiram novas formas de crime e de desviância. Por outro, crimes e comportamentos desviantes já existentes migraram para um novo contexto: o ciberespaço (Furnell, 2002). Assim, autores distinguem entre “crimes com assistência de computadores”, isto é, crimes que já existiam, mas que foram transferidos para o ciberespaço (e.g. fraude, assédio sexual) e “crimes realizados por um computador”, isto é, crimes que são indissociáveis da internet e que não podem ocorrer sem ela (e.g. *hacking*) (Furnell, 2002).

O *cyberbullying* nasce com a evolução e constante mudança ao nível das novas tecnologias e com a rápida disseminação e facilidade de acesso dos jovens em idade escolar (Hinduja & Patchin, 2008). Dado o carácter recente e pouco explorado da investigação científica sobre o *cyberbullying*, surge a intenção de contribuir com conhecimento científico para esta área de modo a favorecer e potenciar a criação e desenvolvimento de novas intervenções junto dos jovens (Patchin & Hinduja, 2010).

No âmbito do Mestrado em Criminologia, a presente dissertação tem como objetivo principal o desenvolvimento de um estudo empírico sobre a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*. Neste estudo procura-se compreender as relações entre o envolvimento nestes

fenómenos das diferentes perspetivas, de vítima e de ofensor, e estudar o efeito de algumas variáveis individuais como a personalidade, a empatia e a autoestima.

Especificamente, procurar-se-á esclarecer a frequência da ocorrência destes fenómenos na nossa amostra de jovens do 3º ciclo. Procurar-se-á esclarecer eventuais relações entre a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* e variáveis sociodemográficas como a idade e o género. Por fim, neste estudo procurar-se-á ainda caracterizar as vítimas e os ofensores de *bullying* e *cyberbullying* do ponto de vista da personalidade, empatia e autoestima.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo inclui o enquadramento teórico que consiste numa primeira abordagem aos assuntos em estudo, nomeadamente conceitos, tipologias, prevalência, e características das vítimas e dos ofensores de *bullying* e *cyberbullying*. O segundo capítulo consiste na apresentação do estudo empírico. Numa primeira parte são clarificados os objetivos e hipóteses de investigação subjacentes ao estudo. De seguida, inclui-se uma breve descrição do estudo e da constituição da amostra bem como a caracterização da mesma quanto aos dados sociodemográficos. Posteriormente, são apresentados e descritos os instrumentos utilizados. Por fim, descreve-se o procedimento de recolha de dados inerente ao estudo empírico. No terceiro capítulo são apresentados os principais resultados deste estudo, incluindo a caracterização da amostra e análise das associações entre variáveis. No quarto capítulo, por fim, serão discutidos os resultados em articulação com o enquadramento teórico, bem como apresentar-se-ão as principais conclusões desta investigação. Finalmente, ainda na quarta parte, serão apontadas as principais limitações deste estudo, bem como eventuais sugestões para a orientação de futuras investigações nesta área.

# CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1. Concetualização

### 1.1.1. *Bullying*

O *bullying* em contexto escolar é um tipo de comportamento agressivo extremamente destrutivo que pode ter início na infância e manter-se continuamente ao longo dos anos de escolaridade (Zych et al., 2017). Este fenómeno não é caraterístico de uma área geográfica específica nem de grupos socioeconómicos e culturais específicos (Smith et al., 2016). Na verdade, devido à sua elevada complexidade, trata-se de um fenómeno extremamente difícil de definir (Zych et al., 2017).

Apesar da existência de diferentes linhas de investigação que focam no comportamento agressivo em crianças e adolescentes, o conceito de *bullying* surgiu, pela primeira vez, nos países escandinavos, no início dos anos 70 (Zych et al., 2017). Uma década depois, em 1983, a comunicação social divulgou amplamente casos de jovens rapazes noruegueses que cometeram suicídio em consequência do sofrimento de vitimação grave por parte dos seus pares. Estes eventos levaram ao desenvolvimento de uma campanha contra o *bullying* nas escolas iniciada pelo ministro da educação norueguês. Esta campanha ficou conhecida como o “*Olweus Bullying Prevention Program*” (OBPP) (Olweus & Limber, 2010). Neste sentido, com a crescente disseminação social, a preocupação com este fenómeno aumentou e, assim, surgiram os primeiros estudos sobre *bullying* ao nível mundial (Zych et al., 2017).

Smith e Morita (1999) definem o *bullying* como uma subcategoria do comportamento agressivo, de um tipo particularmente nefasto, dirigido, repetitivamente, a uma vítima incapaz de se defender. A vítima pode estar em desvantagem numérica, ser mais nova, mais fraca, ou simplesmente ser menos autoconfiante. O perpetrador ou perpetradores aproveitam esta oportunidade para infligir dano, podendo obter gratificações psicológicas, estatuto no seu grupo de pares, ou, por vezes, ganhos financeiros diretos extorquindo dinheiro ou objetos das suas vítimas (Smith & Morita, 1999).

Em suma, o *bullying* ocorre quando um jovem é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais jovens (Olweus, 1999). Assim, apesar de um caso isolado de intimidação grave poder ser considerado um ato de *bullying* em determinadas

circunstâncias, esta definição enfatiza o carácter repetitivo e sistemático da ação, com o intuito de excluir situações ocasionais e de menor gravidade (Olweus, 1999).

Subjacente à definição referida anteriormente, é essencial referir a importância da existência de um desequilíbrio de poder entre a vítima e o perpetrador, isto é, a vítima, nestes casos, é geralmente um indivíduo incapaz de se defender. Este desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas neste fenómeno poderá manifestar-se a diferentes níveis nomeadamente quando a vítima é percebida como fisicamente mais fraca. Por outro lado, o desequilíbrio de poder poderá manifestar-se em situações em que existe superioridade numérica dos perpetradores relativamente à vítima ou em situações em que o perpetrador é difícil de identificar (e.g. situações de exclusão social; Olweus, 1999).

Existem aspetos que parecem transversais a todas as definições de *bullying*, nomeadamente o desequilíbrio de poder, o carácter repetitivo do comportamento, a intenção deliberada de provocar dano a terceiros e a situação de vulnerabilidade da vítima (Smith et al., 1999; Kowalski et al., 2008).

No entanto, o *bullying* não se trata de um comportamento agressivo de carácter individual, este é um fenómeno de certo modo grupal em que determinados adolescentes exibem padrões de comportamento relativamente estáveis e assumem determinados papéis específicos. Salmivalli et al. (1996) defendem que alguns jovens se tornam ofensores (*bullies*) enquanto outros se tornam vítimas. Além disso, os autores defendem ainda a existência de um grupo de jovens expectadores subdivididos em apoiantes do ofensor, defensores da vítima e jovens que escolhem não se envolver na situação (Salmivalli et al., 1996). Ademais, alguns jovens tornam-se ofensores e vítimas ao mesmo tempo (*bully-victims*), isto é, estes indivíduos exibem comportamentos agressivos frequentes e repetitivos bem como são também frequente e repetidamente vitimados (Zych et al., 2017). Assim, o papel adotado por um jovem numa situação de *bullying* depende amplamente de diversos fatores pessoais e contextuais. O estatuto social do jovem, por exemplo, pode determinar o leque de padrões comportamentais possíveis para determinado jovem, isto é, um jovem com baixo estatuto social pode ter receio de ser alvo de vitimação ao comportar-se como defensor da vítima, mantendo-se por isso neutro (Salmivalli et al., 1996).

Existem muitos estudos que focaram nas características das vítimas e perpetradores de *bullying*. No entanto, não existe consenso relativamente ao perfil específico destes indivíduos. Segundo Olweus (1993), os perpetradores de *bullying* apresentam pelo menos uma das seguintes

características, nomeadamente: estes indivíduos detêm uma personalidade dominante e preferem afirmar-se com recurso à força; são impulsivos, e ficam facilmente frustrados; apresentam atitudes positivas relativamente à violência; apresentam dificuldade em cumprir as regras; aparentam ser duros e demonstram pouca empatia e compaixão para com os outros; relacionam-se frequentemente de forma agressiva com os adultos; apresentam facilidade em escapar de situações difíceis; e envolvem-se frequentemente em agressões proativas e reativas (Olweus, 1993).

As motivações para o envolvimento em situações de *bullying* como perpetrador são múltiplas: pessoais, familiares, escolares, comunitárias e sociais. De acordo com Olweus (1993), as principais motivações para o envolvimento neste fenómeno são a necessidade de dominância e poder, a satisfação retirada pelo sofrimento e dano infligido a outros e eventuais recompensas que advém destes comportamentos, nomeadamente recompensas materiais (e.g. dinheiro ou outros objetos retirados às vítimas) e recompensas psicológicas (e.g. estatuto social elevado).

Relativamente às vítimas de *bullying*, e ainda de acordo com Olweus (*idem*), estas apresentam pelo menos uma ou mais das características descritas de seguida. Estes indivíduos são tipicamente calados, cautelosos, sensíveis e facilmente chorosos; são inseguros, com baixos níveis de confiança e baixa autoestima; têm poucos amigos e são socialmente isolados; apresentam medo de serem magoados; são ansiosos e depressivos; tendem a ser fisicamente mais fracos comparativamente com os seus pares e apresentam mais facilidade em relacionar-se com adultos do que com os seus pares da mesma idade (Olweus, 1993). Por outro lado, existem ainda jovens que são cumulativamente vítimas e perpetradores de *bullying*. Segundo Haynie et al. (2001), existem razões para considerar separadamente esta categoria de indivíduos dadas as suas especificidades distintivas da categoria dos perpetradores e da categoria das vítimas. Estes indivíduos apresentam cumulativamente as dificuldades ao nível social e emocional características das vítimas de *bullying* e os problemas comportamentais comuns aos perpetradores. Comparativamente com outros jovens, estes apresentam dificuldades em diversas áreas, nomeadamente ao nível do autocontrolo, das competências sociais, influência de pares desviantes e problemas de comportamento (e.g. beber, fumar, furtos, vandalismo) (Haynie et al., 2001). Por outro lado, são reportados como pouco populares entre os seus pares e desvinculados da escola bem como expressam elevados níveis de solidão e depressão (Juvonen et al., 2003).

As múltiplas definições de *bullying* incluem diferentes tipos de comportamentos agressivos agrupados em categorias mais amplas tais como o *bullying* direto e indireto (Rivers & Smith, 1994; Kowalski et al., 2008). O *bullying* direto tem lugar quando o ofensor tem como alvo direto a vítima, isto é, quando este insulta ou magoa fisicamente a vítima. O *bullying* indireto é mediado por outras pessoas, isto é, este fenómeno tem lugar quando o ofensor espalha rumores ou persuade outros a excluírem a vítima do grupo. O *bullying* direto pode ainda ser subdividido em *bullying* físico (e.g. empurrões, murros ou pontapés) ou *bullying* verbal (e.g. insultos, chamar nomes). Algumas destas formas de agressão podem transitar para o ciberespaço, isto é, a vítima pode ser diretamente insultada através de dispositivos eletrónicos ou, indiretamente, excluída de um grupo virtual (Rivers & Smith, 1994; Zych et al., 2017).

### **1.1.2. Cyberbullying**

O crescente uso das novas tecnologias por crianças e jovens deu origem à passagem do fenómeno do *bullying* para o ciberespaço. Assim, surgiu um novo tipo de *bullying* designado por *cyberbullying* que se caracteriza por ocorrer através de dispositivos eletrónicos (Zych et al., 2017). O *cyberbullying* foi inicialmente definido como o dano infligido intencionalmente e repetidamente através de mensagens eletrónicas (Patchin & Hinduja, 2006). No entanto, dada a célere evolução do fenómeno e o constante surgimento de novos métodos para causar dano (e.g. imagens), o *cyberbullying* passou a ser definido como o dano infligido intencionalmente e repetidamente através de computadores, telemóveis, e outros dispositivos eletrónicos (Patchin & Hinduja, 2015).

Portanto, com a constante mudança ao nível da tecnologia, é necessário redirecionar esforços no sentido de redefinir constantemente o conceito de *cyberbullying* bem como a forma como é operacionalizado (Corcoran et al., 2015). Smith et al. (2008), por sua vez, definem o *cyberbullying* como um ato intencional agressivo perpetrado por um indivíduo ou grupo de indivíduos, com recurso a meios eletrónicos, repetidamente, contra uma vítima incapaz de se defender (Smith et al., 2008). Outra definição, proposta com o objetivo de unificar as múltiplas definições descritas na literatura, foi sugerida por Tokunaga (2010). Este autor define *cyberbullying* como qualquer comportamento realizado através de meios eletrónicos ou digitais por indivíduos ou grupos que, repetidamente, comunicam mensagens hostis e agressivas com a intenção de infligir dano ou desconforto a outros (Tokunaga, 2010). Tokunaga (2010) acrescenta

que as situações de *cyberbullying* podem ocorrer em meio escolar não sendo, no entanto, exclusivas deste contexto podendo ocorrer noutros contextos. Adicionalmente, o autor afirma que nas situações de *cyberbullying* o perpetrador pode ou não ser anónimo (Tokunaga, 2010).

Note-se que estas definições incluem elementos comuns à definição de *bullying* referida anteriormente (e.g. repetitivo, intencional, desequilíbrio de poder). No entanto, estes elementos têm de ser entendidos de maneira diferente. No caso do *cyberbullying*, o desequilíbrio de poder poderá manifestar-se através do anonimato do perpetrador e das diferenças ao nível da proficiência da utilização das novas tecnologias, isto é, os perpetradores de *cyberbullying* consideram-se especialmente competentes ao nível do uso da internet (Vandebosch & Van Cleemput, 2008; Ybarra & Mitchell, 2004). Por outro lado, a posse de conteúdos (e.g. informações, imagens ou vídeos) passíveis de causar dano poderá ainda contribuir para o desequilíbrio de poder. O carácter repetitivo do *cyberbullying* é também importante clarificar. Nas interações existentes ao nível do ciberespaço, uma mensagem ou comentário maldoso isolado não é considerado *cyberbullying*. No entanto, estes conteúdos, uma vez visíveis e disponíveis para serem partilhados, são passíveis de se tornarem virais, sendo a vítima revitimizada cada vez que o conteúdo publicado é visto ou partilhado por outra pessoa (Slonje et al., 2013; Patchin & Hinduja, 2015).

A distinção dos diferentes tipos de *cyberbullying* pode ser feita através das diferenças ao nível dos meios utilizados (e.g. mensagens, e-mails, chats) ou ao nível dos tipos de ação (e.g. exclusão, assédio) (Slonje et al., 2012).

Relativamente aos diferentes tipos de ação, Willard (2006) inclui “*flaming*”, assédio, difamação, falsificação de identidade, “*outing*” e “*trickery*”, exclusão e *cyberstalking*. O “*flaming*” refere-se a breves discussões, entre dois ou mais indivíduos, que incluem linguagem vulgar e ofensiva, insultos e, por vezes, ameaças. Estas discussões ocorrem maioritariamente em ambientes eletrónicos públicos, como *chats* ou jogos *online*. Por outro lado, o assédio inclui o envio repetido e sistemático de mensagens ofensivas privadas a um alvo específico. Estas mensagens podem também ocorrer em ambientes eletrónicos públicos. O assédio distingue-se do “*flaming*”, uma vez que no assédio não existe reciprocidade, sendo a ação unidirecional (do perpetrador para a vítima). Relativamente à difamação, esta consiste num discurso danoso, falso ou cruel que é postado *online* ou enviado a outras pessoas e que tem como objetivo denegrir a reputação da vítima ou interferir nos seus relacionamentos. A falsificação de identidade, por sua

vez, ocorre quando o ofensor adquire a capacidade de “fazer-se passar por outra pessoa” (e.g. através do acesso às suas contas pessoais de *e-mail* ou redes sociais), postando conteúdos ou enviando mensagens que interferem com os relacionamentos da vítima ou denigrem a sua reputação. Por outro lado, o “*outing*” consiste na publicação de informações, imagens ou comunicações pessoais e íntimas ou potencialmente embaraçosas e o “*trickery*” consiste na intenção de persuadir a vítima a divulgar informações, comunicações ou imagens embaraçosas de modo a, posteriormente disseminá-las ou usá-las para ameaçar a vítima. Em relação ao fenómeno da exclusão, este está associado à pertença ou rejeição de um individuo relativamente a um determinado grupo. As consequências desta potencial rejeição podem ser experienciadas de forma intensa, especialmente pelos adolescentes. Por fim, o *cyberstalking* consiste no envio repetido de mensagens danosas, que incluem ameaças e que são altamente intimidatórias ou extremamente ofensivas, ou envolvem extorsão. O *cyberstalking* distingue-se do simples assédio, quando estas ações provocam na vítima receio pela sua própria segurança e bem-estar (Willard, 2006; Kowalski et al., 2008).

Relativamente aos meios mais utilizados no *cyberbullying*, os tipos de ação descritos anteriormente podem ser realizados com recurso a uma grande variedade de meios de comunicação. No entanto, o “*flaming*” é mais provável de ocorrer com recurso a meios de comunicação públicos, enquanto o assédio é mais provável de ocorrer com recurso a meios de comunicação privados (e.g. *e-mail*). Assim, os meios mais utilizados para perpetrar *cyberbullying* são *instant messaging*, *e-mail*, mensagens de texto, redes sociais, *chat rooms*, *blogs*, *web sites*, jogos *online* (Smith et al., 2008; Kowalski et al., 2008).

Estudos relativos ao fenómeno do *cyberbullying* enfatizam frequentemente os mesmos papéis descritos relativamente ao fenómeno do *bullying*, isto é, *cyberbullies*, *cybervictims*, *cyber bully-victims* e espectadores (Zych et al., 2017). No entanto, estes papéis estão ainda a ser debatidos, uma vez que as diferenças ao nível do contexto entre *bullying* e *cyberbullying* devem ser tidas em consideração (Zych et al., 2017). Os *cyberbullies*, por sua vez, partilham algumas das características apontadas aos perpetrados de *bullying* (e.g. personalidade dominante, impulsivos, entre outros). No entanto, é expectável a existência de diferenças substanciais ao nível das características destes indivíduos, sendo, por isso, importante explorar estas diferenças (Kowalski et al., 2008). Relativamente às motivações subjacentes a este tipo de comportamento, alguns perpetradores de *cyberbullying* envolvem-se nestas situações inadvertidamente, isto é,

muitas vezes a simples resposta a comentários negativos pode constituir *cyberbullying* sem que o autor dos mesmos se aperceba disso (Kowalski et al., 2008). No entanto, alguns perpetradores recorrem ao *cyberbullying* com a clara intenção de magoar ou humilhar as suas vítimas (Kowalski et al., 2008). Por fim, alguns perpetradores encontram no *cyberbullying* uma forma de aliviar o tédio, ou seja, estes indivíduos consideram, por exemplo, o envio de mensagens ameaçados ou intimidantes, uma forma de diversão (Kowalski et al., 2008). As vítimas de *cyberbullying*, por sua vez, apresentam, muitas vezes, problemas sociais bem como episódios prévios de vitimações em diversos contextos. Estas vítimas caracterizam-se também pela elevada frequência da utilização de meios de comunicação eletrónicos (e.g. *instant messaging*, *blogs* e *chats*) comparativamente com não vítimas (Ybarra et al., 2006). Além disso, as vítimas de *cyberbullying* apresentam também níveis elevados de ansiedade social e baixos níveis de autoestima, à semelhança dos indivíduos vítimas e perpetradores, isto é, os *cyber bully-victims* (Kowalski et al., 2008). Algumas características dos *cyberbullies*, *cybervictims* e *cyber bully-victims* vão ser discutidas mais à frente neste trabalho.

Em suma, o *cyberbullying* é uma nova forma de comportamento violento, sendo, no entanto, alvo de debate relativamente à questão de ser tratado como um tipo de *bullying* ou como um fenómeno distinto. Estudos direcionado a ambos os fenómenos demonstram que o *bullying* e o *cyberbullying* estão fortemente correlacionados (Zych et al., 2015).

## **1.2. Bullying e Cyberbullying**

Apesar do consenso relativo à existência do fenómeno do *bullying* e do *cyberbullying* ao nível mundial, a prevalência destes fenómenos continua a ser difícil de medir. A comparação da prevalência do *bullying* e do *cyberbullying* entre áreas geográficas ou culturas diferentes apresenta também algumas dificuldades. Esta complexidade reside nas diferenças ao nível da conceptualização e operacionalização dos fenómenos (Zych et al., 2017).

Os tipos de instrumentos de medida utilizados constituem elementos essenciais para a interpretação dos resultados dos diferentes estudos que existem sobre o *bullying* e o *cyberbullying*. A grande maioria dos estudos neste âmbito baseiam-se em autorrelatos, sendo que alguns também incluem relatos de pais, professores e pares. Por outro lado, muitos estudos incluem uma questão com apenas um item, normalmente após a definição de *bullying* ou *cyberbullying*. Estudos mais recentes incluem escalas com vários itens. Nestas escalas, a

prevalência é calculada quando o indivíduo seleciona uma resposta acima de um determinado ponto de referência. No entanto, estes pontos de referência variam entre estudos, uma vez que uns consideram apenas um ato singular enquanto outros estudos consideram apenas atos com frequência semanal. Além disso, o período temporal de referência utilizado nas escalas é também, muitas vezes, diferente (e.g. “nos últimos 2 meses” ou “sempre”). Portanto, tendo em consideração estas questões ao nível conceptual e metodológico, as comparações entre estudos, países ou regiões deverão ser interpretadas com especial cuidado (Zych et al., 2017).

Relativamente à investigação no âmbito do *bullying* e do *cyberbullying* na Europa, esta encontra-se desenvolvida em diversos países. Por exemplo, na Finlândia, Yang e Salmivalli (2015) estudaram o envolvimento em *bullying* autoreportado e reportado pelos pares. Relativamente aos dados autoreportados, verificou-se que 10% dos participantes reportaram vitimação, 3.5% reportaram perpetração e 2.4% reportaram vitimação e perpetração. Por outro lado, relativamente aos dados reportados pelos pares, verificou-se que 7.2% dos participantes reportaram vitimação, 7.2% reportaram perpetração e 1.6% reportaram perpetração e vitimação (Yang & Salmivalli, 2015).

Ainda ao nível europeu, Smith et al. (2008) estudaram o envolvimento em *bullying* e *cyberbullying*, em diferentes períodos temporais de referência. Neste estudo, 13.5% da amostra reportou vitimação por *bullying* na última semana/mês, 13.7% no último ano letivo e 25% há mais de um ano. Relativamente à perpetração de *bullying*, 9.2% reportou perpetração na última semana/mês, 4.8% no último ano letivo e 7.4% há mais de um ano. Em relação à vitimação por *cyberbullying*, 5.3% reportaram vitimação na última semana/mês, 3.7% no último ano letivo e 3.1% há mais de um ano. Por fim, relativamente à perpetração de *cyberbullying*, 6.5% reportou perpetração na última semana/mês, 1.8% no último letivo e 1.4% há mais de um ano (Smith et al., 2008).

Tal como na Europa, a investigação sobre os fenómenos do *bullying* e do *cyberbullying* na América do Norte encontra-se bem estabelecida. O primeiro estudo com uma amostra nacionalmente representativa foi conduzido numa amostra de 15 000 jovens estudantes e verificou que 17% da amostra reportou ter sido vítima de *bullying*, 19% da amostra reportou a perpetração e, por fim, 6% reportou vitimação e perpetração. Este estudo verificou ainda que ser rebaixado devido à aparência ou ao modo de falar é o tipo de vitimação mais comum (Nansel et al., 2001). Um estudo mais recente norte-americano verificou que de uma amostra de cerca de

7000 adolescentes, cerca de 13.3% dos adolescentes reportaram a prática de *bullying* físico, nos dois meses anteriores, 37.4% reportaram a prática de *bullying* verbal e 27.2% reportaram a prática de *bullying* relacional. Relativamente à vitimação, cerca de 12.8% reportou vitimação física, nos dois meses anteriores, 36.5% reportou vitimação verbal e 41% reportou vitimação relacional. Em relação ao *cyberbullying*, cerca de 8.3% dos adolescentes reportaram a prática de *cyberbullying*, enquanto 9.8% reportaram vitimação (Wang et al., 2009). Finalmente, Kowalski e Limber (2017), recorrendo a uma amostra de 3000 adolescentes, verificaram que 4.1% dos adolescentes reportaram a prática de *cyberbullying*, 11.1% reportaram vitimação e, cerca de 6.8% reportaram ser ao mesmo tempo vítima e perpetrador de *cyberbullying*.

Relativamente à relação entre *bullying* e *cyberbullying*, o estudo de Raskauskas e Stoltz (2007) verificou que existe uma ampla sobreposição entre as vítimas e perpetradores de *bullying* tradicional e de *cyberbullying*. Isto é, neste estudo, cerca de 85% das vítimas de *cyberbullying* foram também classificadas como vítimas de *bullying*, sendo que cerca de 94% dos perpetradores de *cyberbullying* foram também classificados como perpetradores de *bullying*. Estes resultados indicam que as vítimas e perpetradores de *bullying* apresentam elevada probabilidade de manterem os seus estatutos tanto no contexto escolar como no contexto do ciberespaço (Smith et., 2008). Portanto, apesar deste novo fenómeno ter lugar num contexto distinto este encontra-se profundamente relacionado com a escola, sendo que, o contexto escolar é potencialmente o local onde os ofensores selecionam as suas potenciais vítimas (Raskauskas & Stoltz, 2007).

Estas descobertas indicam que os fatores associados ao fenómeno do *bullying* estão, potencialmente associados ao *cyberbullying*, sugerindo que a internet e os computadores são apenas novas ferramentas utilizadas para facilitar a perpetração de determinados comportamentos pré-existentes. Portanto, os perpetradores de *bullying* poderão estar a beneficiar da evolução tecnológica, utilizando os seus novos recursos para criar meios para maltratar outras pessoas, sendo que, aparentemente, a predisposição para maltratar os seus pares permanece independentemente do contexto (Hinduja & Patchin, 2008).

Adicionalmente, o estudo de Kowalski et al. (2014) demonstrou, à semelhança do estudo referido anteriormente, que jovens vítimas de *bullying* apresentam uma elevada probabilidade de serem vítimas de *cyberbullying*. Por outro lado, este estudo demonstrou que indivíduos vítimas de *cyberbullying* são mais propensos a estar envolvidos em situações de *bullying* como perpetradores (Kowalski et al., 2014). Isto porque, as vítimas de *bullying* podem procurar

retaliação com recurso às tecnologias contactando o seu agressor uma vez que estas, no mundo real, devido a características específicas (e.g. pouca destreza física), poderão ter dificuldades em defender-se. Ora, devido ao contexto em que o *cyberbullying* ocorre, tais características tornam-se irrelevantes permitindo assim a retaliação *online* das vítimas de *bullying* tradicional sobre os seus agressores, tornando-os assim as suas vítimas no ciberespaço (Hinduja & Patchin, 2008).

O *cyberbullying* possui características bastante atrativas comparativamente com o *bullying* tradicional. Este novo fenómeno fornece aos indivíduos envolvidos a capacidade de se esconderem atrás de nomes falsos ou de se apropriarem do nome de outra pessoa e fazerem-se passar por ela. Além disso, a internet permite aos indivíduos envolvidos falar sobre assuntos sobre os quais estes ficariam reticentes em falar cara a cara. Este aspeto é fundamental para jovens socialmente ansiosos que são vítimas de *bullying*, uma vez que, as novas tecnologias e a internet contribuíram para a criação de um espaço virtual em que estes podem comunicar sem medo e, talvez, procurar vingança sobre os seus agressores (Kowalski & Limber, 2007). Além disso, as especificidades do ciberespaço, em que a vítima e o perpetrador não se conseguem ver, contribuem para a crença dos perpetradores de que as suas ações não provocam danos nos seus alvos (Kowalski & Limber, 2007).

Estudos indicam que muitos jovens envolvidos em *cyberbullying* são também alvos de *bullying*. O estudo de Ybarra e Mitchell (2004) verificou que cerca de metade dos indivíduos identificados simultaneamente como vítimas e ofensores de *cyberbullying* reportaram vitimação por *bullying*. Além disso, cerca de metade dos indivíduos identificados como ofensores, bem como os indivíduos identificados como vítimas reportaram experiências idênticas. No entanto, estes resultados sugerem ainda a existência de jovens exclusivamente envolvidos em *cyberbullying*. De acordo com os autores, para alguns jovens que sofrem de *bullying* em contexto escolar, a internet funcionaria como uma extensão da escola, que contribuiria para a manutenção da vitimação para lá do contexto escolar. Por outro lado, para outras vítimas de *bullying*, o ciberespaço constitui um local de afirmação da sua dominância. Relativamente aos jovens não envolvidos em situações de *bullying*, a internet permite a expressão de uma personalidade mais agressiva do que a personalidade que estes expressam em pessoa (Ybarra & Mitchell, 2004).

O *bullying* e o *cyberbullying* diferem em alguns aspetos, nomeadamente no que diz respeito à assimetria de poder. Isto é, alguns perpetradores de *cyberbullying* exercem dominância relativamente às suas vítimas uma vez que, nestes contextos específicos, existe a possibilidade de

manter a identidade desconhecida, sendo muito mais difícil ocultar a identidade numa situação de *bullying* (Ybarra & Mitchell, 2004).

Por outro lado, outro aspeto diferenciador consiste na acessibilidade da vítima. O *bullying* ocorre predominantemente em contexto e horário escolar (Nansel et al., 2001), enquanto que o *cyberbullying* pode ocorrer em qualquer período temporal, uma vez que a criação de *websites*, o envio de mensagens e a publicação de conteúdos na internet não se encontra circunscrito a um período temporal específico (Kowalski et al., 2008; Kowalski et al., 2014). A presença de espectadores durante a vitimação constitui outro aspeto diferenciador. Em relação ao *bullying*, a presença de espectadores poderá funcionar, para o perpetrador, como encorajamento para as suas ações, enquanto que, para a vítima, poderá funcionar como um aumento da humilhação inerente ao fenómeno. Relativamente ao *cyberbullying*, os espectadores poderão ser voluntários ou involuntários, dependendo amplamente do método utilizado pelo perpetrador (e.g. *chat rooms*). No ciberespaço, os espectadores apresentam maior probabilidade de se envolverem na vitimação, dado o anonimato característicos deste tipo de interações e a tendência para desvalorizar o dano infligido a outros através de meios eletrónicos (Kowalski et al., 2008)

### **1.3. Diferenças entre vítimas e ofensores de *bullying* e *cyberbullying***

#### **1.3.1. Género e idade**

Relativamente às diferenças de género ao nível do *bullying*, Cook et al. (2010) apontaram que jovens do género masculino apresentam um maior envolvimento em situações de *bullying*, tanto como ofensores, vítimas e ofensores-vítimas (Cook et al., 2010). Além disso, Mitsopoulou e Giovazolias (2015) verificaram que adolescentes do género masculino se encontram predominantemente envolvidos em situações de *bullying*, comparativamente com adolescentes do género feminino (Nansel et al., 2001; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015).

No que toca ao *cyberbullying*, estudos demonstraram que indivíduos de género feminino apresentam maior probabilidade de experienciar *cyberbullying* tanto no estatuto de ofensor-vítima como no estatuto de vítima (Kowalski & Limber, 2007). No entanto, outros estudos verificaram a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos do género masculino e feminino nas taxas de perpetração e vitimação por *cyberbullying* (Hinduja & Patchin, 2008). Por outro lado, Barlett e Coyne (2014) verificaram que indivíduos do género

masculino apresentam uma probabilidade acrescida de estarem envolvidos em situações de *cyberbullying* como perpetradores, comparativamente com indivíduos do gênero feminino. Além disso, este estudo demonstrou ainda a importância da idade nesta relação, isto é, indivíduos do gênero feminino apresentam uma maior probabilidade de praticar *cyberbullying* no início da adolescência, enquanto que os indivíduos do gênero masculino apresentam uma maior probabilidade numa fase mais tardia da adolescência (Barlett & Coyne, 2014).

Relativamente à idade, situações de *bullying* são predominantemente perpetradas no início da adolescência por crianças entre os 12 e os 14 anos, sendo que nesta fase existe uma maior frequência deste tipo de situações, diminuindo ao longo da adolescência (Nansel et al., 2001; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Similarmente, fenómenos de *cyberbullying* são particularmente prevalentes em pré-adolescentes, apresentando um aumento da prevalência no 5º ano de escolaridade e atingindo percentagens mais elevadas no 8º ano (Williams & Guerra, 2007).

### **1.3.2. Personalidade**

O conceito de personalidade é essencial na Psicologia. A capacidade de descrever outros indivíduos ao nível da personalidade permite ter imagens coerentes e consistentes desses indivíduos. Isto é, permite reconhecer com facilidade um indivíduo através da coerência do seu comportamento em situações distintas. Por outro lado, o conceito de personalidade implica a existência de uma força interior que afeta os comportamentos e pensamentos do indivíduo. Assim, a utilização regular do conceito de personalidade permite distinguir determinados indivíduos de outros e, além disso, catalogá-los (Hansenne, 2004).

A tendência para descrever outros com recurso a adjetivos como amável, impulsivo, colérico, entre outros, existe desde há muito tempo. Historicamente, o conceito de personalidade teve origem na palavra latina “*persona*” que designa a máscara de teatro usada por um ator, na antiguidade, para exprimir diferentes emoções e atitudes. Estas máscaras correspondiam a expressões faciais específicas e permitiam o desempenho de diferentes papéis. Assim surge a ideia de que a personalidade corresponde a uma imagem social superficial que os indivíduos adotam ao desempenharem diferentes papéis. Entretanto, atualmente, a personalidade é vista como algo mais complexo do que um jogo de papéis, uma vez que a personalidade determina o

modo com um sujeito se comporta regularmente, sendo que são expectáveis determinados comportamentos de determinadas personalidades (Hansenne, 2004).

A definição do conceito de personalidade é, ainda assim, algo controversa. Esta definição tem sido alvo de evolução ao logo do tempo, sendo, no entanto, um dos conceitos menos bem definidos na área da psicologia. A utilização mundana deste conceito baseia-se na descrição das características específicas de determinados indivíduos. No entanto, esta descrição carece de rigor (Hansenne, 2004). Assim, existem inúmeras definições de personalidade propostas por grandes autores com base na escolha dos métodos e dos pontos de vista dos mesmos. Uma das definições mais relevantes foi proposta por Allport (1937). Este definiu a personalidade como “*a organização dinâmica, no seio do indivíduo, de sistemas psicofísicos que determinam a sua adaptação ao ambiente*” (Allport, 1937, p.48). Segundo esta definição, a personalidade é composta por diversas peças em interação entre elas e em interação com o meio ambiente (Hansenne, 2004). Por outro lado, Cattell (1950) definiu a personalidade como aquilo que permite a predição de diferenças ao nível da resposta de um determinado indivíduo a dada situação (Cattell, 1950). Eysenck (1953) define a personalidade como a organização mais ou menos estável e duradoura do carácter, do temperamento, do intelecto e do físico de um determinado indivíduo que determina a sua adaptação única ao meio (Eysenck, 1953).

Para além da definição de personalidade é importante distinguir entre traços de personalidade (ou subdimensões de personalidade) e tipo de personalidade (ou dimensões de personalidade). Os traços ou subdimensões de personalidade são geralmente representados sobre um *continuum* entre dois pólos/extremos, estando cada indivíduo situado num determinado ponto desse *continuum*. Os tipos ou dimensões de personalidade são compostos por diferentes traços ou subdimensões (Hansenne, 2004).

Apesar da existência de vários modelos, propondo diferentes números de dimensões a considerar na descrição/avaliação da personalidade (Cattell, 1957; Cattell & Mead, 2008; Eysenck, 1967, 1970; Tellegen, 1985), a abordagem das cinco dimensões de personalidade (McCrae & Costa, 2008), parece ser a mais consensual e empiricamente validada. Esta abordagem considera a existência de cinco dimensões (*Big Five*) suficiente para descrever a estrutura da personalidade (Digman, 1990; Goldberg, 1990). As dimensões pertencentes ao modelo de cinco fatores, ainda que não exista unanimidade relativamente à nomenclatura (cf.

Digman, 1990; Borgatta, 1964) são: extroversão, neuroticismo, agradabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade (Costa & McCrae, 1985, 1992a).

Segundo Costa e McCrae (1992b), estudos longitudinais demonstraram que os cinco fatores consistem em disposições reais que influenciam a forma como um determinado indivíduo se comporta face a determinadas situações. Além disso, os cinco fatores estão presentes na linguagem corrente e nos principais questionários de personalidade. Ademais, os fatores subjacentes ao modelo dos cinco fatores são transversais às diferentes culturas, não sendo afetados por variáveis sociodemográficas como o sexo e a idade. Por fim, uma vez que as medidas dos cinco fatores demonstraram evidências da existência de hereditariedade, é possível que os fatores tenham uma base biológica subjacente (Costa & McCrae, 1992b).

Dada a universalidade do modelo dos 5 fatores (McCrae & Costa, 1997), os autores desenvolveram um questionário que tem como objetivo avaliar as cinco dimensões fundamentais da personalidade designado por *NEO Personality Inventory – Revised* ou *NEOPI-R* constituído por 240 itens (Costa & McCrae, 1992c). Cada fator está associado a seis facetas, sendo que, para cada faceta, existem 8 itens (Hansenne, 2004). Cada um dos cinco fatores engloba um número de traços ou facetas específicas permitindo uma visão detalhada da forma como estes fatores se expressam especificamente no indivíduo (Costa & McCrae, 1992c). O fator Neuroticismo (N) representa a tendência individual do indivíduo para experienciar *stress* psicológico (Costa & McCrae, 1992a), isto é, indivíduos com elevados níveis de neuroticismo tendem a apresentar-se ansiosos, apreensivos e preocupados. Além disso, estes tendem a apresentar-se tímidos, embaraçados, impulsivos e incapazes de lidar com emoções stressantes no âmbito dos seus relacionamentos interpessoais, particularmente com estranhos (Costa & McCrae, 1992c). Portanto, as facetas associadas ao fator Neuroticismo são: ansiedade (“*anxiety*”), cólera (“*angry hostility*”), depressão (“*depression*”), timidez (“*self-consciousness*”), impulsividade (“*impulsiveness*”) e vulnerabilidade (“*vulnerability*”) (Costa & McCrae, 1992c).

O fator Extroversão (E) engloba um amplo conjunto de traços, nomeadamente sociabilidade, atividade e a tendência para experienciar emoções positivas como alegria e prazer (Costa & McCrae, 1992b). Portanto, um indivíduo com elevados níveis de extroversão geralmente tende a apresentar-se enérgico, ativo, ocupado, dominante e alegre. As facetas associadas ao fator Extroversão são: afeto (“*warmth*”), gregarismo (“*gregariousness*”),

assertividade (“*assertiveness*”), atividade (“*activity*”), procura de sensações (“*excitement seeking*”) e emoções positivas (“*positive emotions*”) (Costa & McCrae, 1992c).

O fator Agradabilidade (A) está intimamente relacionado com o comportamento interpessoal, sendo que indivíduos com altos níveis de agradabilidade tendem a ser simpáticos, cooperantes e de confiança (Costa & McCrae, 1992a). Indivíduos com baixos níveis de agradabilidade tendem a ser cínicos, céticos, desconfiados, manipuladores e competitivos. As facetas associadas ao fator Agradabilidade são: confiança (“*trust*”), retidão (“*straightforwardness*”), altruísmo (“*altruism*”), submissão (“*compliance*”), modéstia (“*modesty*”) e sensibilidade (“*tender mindedness*”) (Costa & McCrae, 1992c).

O fator Conscienciosidade (C) distingue indivíduos escrupulosos, organizados e diligentes de indivíduos desorganizados, relaxados e indiferentes (Costa & McCrae, 1992a). As facetas associadas a este fator são: competência (“*competence*”), ordem (“*order*”), sentido do dever (“*dutifulness*”), procura de êxito (“*achievement striving*”), autodisciplina (“*self-discipline*”) e deliberação (“*deliberation*”) (Costa & McCrae, 1992c).

Por fim, o fator Abertura à Experiência (O) diferencia indivíduos intelectualmente curiosos, liberais e responsivos à música, arte, poesia e natureza. Além disso, indivíduos com elevados níveis de abertura à experiência apresentam uma elevada necessidade de variedade. As facetas associadas a este fator são: sonhos (“*fantasy*”), estética (“*aesthetics*”), sentimentos (“*feelings*”), ações (“*actions*”), ideias (“*ideas*”) e valores (“*values*”) (Costa & McCrae, 1992c).

Relativamente à relação entre a personalidade e a vitimação por *bullying*, estudos demonstraram que indivíduos que haviam experienciado *bullying* como vítimas possuíam elevados níveis de neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Georgesen et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Tani et al. (2003) demonstraram a existência de uma relação negativa entre vitimação por *bullying* e agradabilidade (Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Para além disto, estudos verificaram também a existência de uma relação negativa entre a vitimação por *bullying* e a conscienciosidade, isto é, indivíduos que reportaram vitimação apresentam baixos níveis de conscienciosidade (Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). No entanto esta relação é pouco intuitiva, sendo que segundo Mitsopoulou e Giovazolias (2015) esta relação poderá ser afetada pela presença simultânea de altos níveis de neuroticismo, ou seja, altos níveis de neuroticismo e baixos níveis de conscienciosidade num indivíduo poderão debilitar a capacidade do individuo de

regular o seu comportamento numa situação de conflito, tornando-o assim mais ansioso e inseguro, podendo, assim, agravar a situação de *bullying* (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Por fim, a relação entre a extroversão e a vitimação por *bullying* não é consensual, sendo que alguns estudos, demonstraram uma relação negativa entre a vitimação e a extroversão, isto é, indivíduos que reportaram vitimação por *bullying* apresentam baixos níveis de extroversão (Mynard & Joseph, 1997) Por outro lado, outros estudos verificaram a existência de uma relação positiva entre a vitimação por *bullying* e a extroversão (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Relativamente à abertura à experiência, os resultados avançados pela literatura são inconclusivos, apesar de alguns autores isolados verificarem a existência de uma relação negativa entre a abertura à experiência e a vitimação por *bullying* (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), esta relação carece ainda de investigação adicional.

Relativamente à relação entre a personalidade e a perpetração de *bullying*, estudos demonstram que indivíduos que perpetraram *bullying* contra os seus pares apresentavam baixos níveis de agradabilidade (Georges et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017). Esta conclusão é consistente com a literatura que afirma que indivíduos com baixos níveis de agradabilidade tendem a não expressar sentimentos de preocupação ou simpatia pelo sofrimento do outro (Costa & McCrae, 1992c). Por outro lado, estudos revelam uma relação positiva entre o *bullying* e a extroversão (Georges et al., 1999; Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017). A combinação entre baixa agradabilidade e elevada extroversão patente na estrutura da personalidade de um perpetrador de *bullying* pode parecer contraintuitiva, no entanto, tal parece acontecer, porque estes indivíduos, estão muitas vezes associados à prática de atividades que implicam altas quantidades de energia, como, por exemplo, desportos e jogos. No entanto, estas atividades não contribuem para o desenvolvimento da sensibilidade e da cooperação para com os seus pares (Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Ainda, estudos revelam a existência de uma relação negativa entre a perpetração de *bullying* e a conscienciosidade (Georges et al., 1999; Bollmer et al., 2006). Relativamente à relação entre a perpetração de *bullying* e o neuroticismo, estudos consideram este fator como um dos preditores mais consistentes do estatuto de perpetrador de *bullying*. Assim, indivíduos que reportam a perpetração de *bullying* apresentam altos níveis de neuroticismo, verificando-se assim uma relação positiva entre estas duas variáveis (Mynard & Joseph, 1997; Tani et al., 2003; Mitsopoulou &

Giovazolias, 2015). Por fim, relativamente à relação entre o *bullying* e a abertura à experiência, apesar de escassos e inconclusivos, em alguns estudos isolados os resultados aparentam apontar para uma relação negativa entre a perpetração de *bullying* e a abertura à experiência (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015).

Relativamente à moderação do género e da idade, Mitsopoulou e Giovazolias (2015) demonstraram que a relação entre a vitimação por *bullying* e o neuroticismo foi significativa apenas em participantes mais jovens. Por outro lado, o género moderou a relação entre a extroversão e a perpetração de *bullying*, ou seja, jovens do género masculino apresentam níveis mais elevados de extroversão, envolvendo-se assim em comportamentos de *bullying*.

No que toca à relação entre a personalidade e *cyberbullying*, Festl e Quandt (2013) estudaram o impacto de determinados fatores individuais na vitimação e perpetração de *cyberbullying*.

Estes autores verificaram que a conscienciosidade se encontra inversamente relacionada com a perpetração de *cyberbullying*, uma vez que indivíduos que praticam *cyberbullying* apresentam níveis de conscienciosidade inferiores, comparativamente com os indivíduos não envolvidos no fenómeno. Relativamente à personalidade das vítimas, estas apresentam elevados níveis de abertura à experiência, isto é, de procura de novas experiências, o que poderá contribuir para o risco de vitimação, especialmente ao nível das redes sociais. Por sua vez, os ofensores de *cyberbullying*, bem como indivíduos que são simultaneamente vítimas e ofensores, apresentam níveis de extroversão mais elevados do que indivíduos não envolvidos em *cyberbullying*. No que diz respeito à agradabilidade, indivíduos que são cumulativamente vítimas e ofensores de *cyberbullying* apresentam menor tolerância e tendência para criticar os seus pares. Além disso, a baixa agradabilidade é também característica dos ofensores, embora não tão pronunciada (Festl & Quandt, 2013).

Outros estudos verificaram a existência de uma relação negativa entre a perpetração de *cyberbullying* e a agradabilidade (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), o que representa um fator inibidor de comportamentos potencialmente prejudiciais para os outros, como o *cyberbullying* (van Geel et al., 2017).

Por fim, Kowalski et al. (2012), numa amostra universitária, demonstraram que as vítimas de *cyberbullying* apresentam baixos níveis de agradabilidade, comparativamente com indivíduos que não experienciaram este tipo de vitimação (Kowalski et al., 2012). Relativamente à dimensão

do neuroticismo, não se verificaram diferenças ao nível das vítimas de *cyberbullying* (Kowalski et al., 2012), ao contrário do que seria de esperar uma vez que, como descrito anteriormente, estudos revelam uma relação positiva entre a vitimação por *bullying* e o neuroticismo (Bollmer et al., 2006).

Em suma, os estudos sugerem que a perpetração de *bullying* encontra-se associada à baixa agradabilidade (Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017), baixa conscienciosidade (Georgesén et al., 1999; Bollmer et al., 2006), alta extroversão (Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017) e elevado neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Outros estudos demonstraram que a vitimação por *bullying* está associada à baixa extroversão (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), baixa agradabilidade (Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), baixa conscienciosidade (Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015) e alto neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Relativamente ao *cyberbullying*, algumas evidências mostram que a perpetração de *cyberbullying* está associada à baixa agradabilidade (Festl & Quandt, 2013; van Geel et al., 2017), baixa conscienciosidade (Festl & Quandt, 2013) e à elevada extroversão (Festl & Quandt, 2013). Por fim, em relação à vitimação por *cyberbullying*, estudos verificaram que esta está associada à elevada abertura à experiência (Festl & Quandt, 2013) e à baixa agradabilidade (Kowalski et al., 2012).

### **1.3.3. Autoestima**

A autoestima é definida por Rosenberg (1965) como uma “*atitude favorável ou desfavorável relativamente ao próprio*” (Rosenberg, 1965, p.15). A autoestima é especialmente relevante durante o período da adolescência em que os jovens vivenciam um processo de desenvolvimento da sua própria identidade (Brewer & Kerslake, 2015). Durante este período, o processo de formação de identidade está dependente do ambiente social em que os jovens se inserem, como por exemplo, de estereótipos sociais. Portanto, os jovens tendem a procurar comportamentos e situações que contribuem para a sua valorização e a evitar os comportamentos e situações que contribuem para a suscitação de sentimentos negativos relativamente a eles próprios. Assim, a autoestima encontra-se intimamente ligada à perceção e aceitação do jovem de

si próprio e, além disso, desempenha um papel essencial no seu crescimento pessoal e profissional (Twenge & Campbell, 2001).

Leary e Downs (1995) consideram que a autoestima está intimamente ligada à manutenção de relações interpessoais, isto é, estes autores definem a autoestima como uma representação interna da aceitação e rejeição social e, além disso, consideram que a autoestima funciona como um indicador psicológico que monitoriza inconscientemente o ambiente social e monitoriza permanentemente o estatuto de inclusão ou exclusão do indivíduo (Leary & Downs, 1995).

As duas definições acima assentam na ideia da autoestima como uma percepção. A autoestima, isto é, a crença do indivíduo no seu valor próprio é influenciada pela participação do mesmo no mundo social e pelos conflitos interpessoais característicos do mundo social, tal como o *bullying* (Patchin & Hinduja, 2010).

Dada a complexidade do fenómeno, os estudos que versam sobre a relação entre o *bullying* e a autoestima revelaram resultados inconsistentes (Patchin & Hinduja, 2010).

Patchin e Hinduja (2010) mostraram uma correlação entre o fenómeno do *cyberbullying* e a autoestima. O envolvimento em comportamentos de *cyberbullying*, como vítima e como ofensor, surge significativamente associado a níveis baixos de autoestima, mesmo após o controlo do efeito de variáveis demográficas, tais como género, raça e idade. No entanto, uma limitação apontada pelos autores diz respeito à natureza *cross-sectional* do estudo, que se traduz na impossibilidade estatística de aferir causalidade entre as variáveis independentes e dependentes (Patchin & Hinduja, 2010). Kowalski et al. (2014) verificaram também a existência de uma relação estatisticamente significativa entre a vitimação e perpetração de *cyberbullying* e a baixa autoestima. Isto é, este estudo verificou que indivíduos que perpetraram e que são vítimas de *cyberbullying* apresentam baixos níveis de autoestima (Kowalski et al., 2014).

Estes resultados constituem uma importante contribuição para a distinção entre o fenómeno do *bullying* e do *cyberbullying* (Brewer & Kerlake, 2015). Alguns estudos verificaram que indivíduos que perpetraram *bullying* apresentam níveis de autoestima sensivelmente acima da média, uma vez que o comportamento de dominância associado ao fenómeno do *bullying* poderá constituir um método adotado pelo perpetrador através do qual este mantém o elevado sentimento de importância no grupo de pares a que pertence (Salmivalli et al., 1999). Esta diferença ao nível da autoestima dos ofensores de *bullying* e *cyberbullying* poderá estar intimamente associado à

escolha do método através do qual estes indivíduos vitimam os seus pares. Isto é, indivíduos com elevados níveis de autoestima podem apresentar menor preocupação relativamente à opinião de outros, relativamente a eventuais retaliações, ou apresentar maior disposição para confrontos cara-a-cara. Por outro lado, indivíduos com níveis baixos de autoestima podem potencialmente optar por meios de comunicação mais seguros e anónimos, tais como os meios eletrónicos. Portanto, as diferenças ao nível da seleção pelo perpetrador do meio de comunicação a utilizar poderá refletir diferenças ao nível individual (Brewer & Kerslake, 2015).

Relativamente à vitimação por *bullying* tradicional, Salmivalli et al. (1999) verificaram a existência de uma relação entre baixos níveis de autoestima e a vitimação por *bullying* (Salmivalli et al., 1999), à semelhança da relação verificada entre vitimação por *cyberbullying* e autoestima (Kowalski et al., 2014). Assim, os indivíduos com baixa autoestima podem ser vistos pelos potenciais ofensores como alvos fáceis o que resulta na vitimação destes indivíduos. Por outro lado, salientando a natureza cíclica destes fenómenos, é possível que a experiência da vitimação contribua para fomentar a diminuição da autoestima, contribuindo assim para o aumento da perceção da vítima como um alvo apropriado para a vitimação (Salmivalli et al., 1999; Brewer & Kerslake, 2015).

#### **1.3.4. Empatia**

As especificidades interpessoais do ser humano, nomeadamente a sua capacidade de cooperação e de compreensão, permitiram o sucesso da humanidade enquanto espécie e a sua dominância sobre outras espécies. Esta capacidade é apoiada pela capacidade de desenvolver empatia (Zaki & Ochsner, 2012). Apesar da ausência de consenso na definição de empatia, múltiplos investigadores concordam que a empatia envolve pelos menos três processos distintos: sentir o que outra pessoa está a sentir; saber o que a outra pessoa está a sentir; e, responder compassivamente à experiência da outra pessoa (Decety & Jackson, 2004).

A empatia desempenha um papel essencial no contexto social, onde é especialmente importante compreender os sentimentos dos outros. Portanto, é possível entender a empatia como uma forma de cognição social (Moya-Albiol et al., 2010). Recentes desenvolvimentos sugerem que a empatia engloba duas componentes essenciais: a componente afetiva – que envolve a capacidade de experienciar uma resposta afetiva decorrente do estado emocional do outro (Shamay-Tsoory, 2011), isto é, a capacidade de partilhar as experiências emocionais de outra

pessoa (Decety & Jackson, 2004); e a componente cognitiva – que envolve a capacidade de se envolver no processo cognitivo de adoção do ponto de vista do outro (Shamay-Tsoory, 2011), isto é, a capacidade de compreender a experiência de outra pessoa (Decety & Jackson, 2004).

Apesar do conceito de empatia não ser consensual, têm sido aplicadas diversas designações com o intuito de descrever os processos subjacentes à empatia. Assim, Zaki e Ochsner (2012) consideraram útil a aglutinação em três classes: partilha da experiência dos estados internos dos alvos; *mentalizing* – considerar explicitamente (e talvez compreender) os estados e recursos dos alvos; e preocupação prossocial – expressar motivação para melhorar as experiências dos alvos (e.g. através da redução do seu sofrimento) (Zaki & Ochsner, 2012).

A investigação científica possibilitada pelos avanços ao nível das técnicas de neuroimagem e ao nível do estudo de lesões permitiu o desenvolvimento do conhecimento de estruturas neuronais envolvidas em comportamentos e processos psicológicos complexos. Assim, nos últimos anos, assistiu-se a um aumento extraordinário do número de estudos focados na análise e compreensão do funcionamento dos circuitos cerebrais relacionados com a empatia. Estes estudos demonstraram que os córtices pré-frontal e temporal, a amígdala e outras estruturas límbicas, como a ínsula e o córtex cingulado, desempenham um papel fundamental na empatia. Estas estruturas cerebrais aparentam ter semelhanças com as relacionadas com a agressão e a violência, portanto, é possível que os circuitos neuronais envolvidos na empatia e na violência sejam parcialmente semelhantes (Moya-Albiol et al., 2010).

Ademais, estudos indicam que as duas componentes da empatia estão associadas a sistemas neuronais distintos, nomeadamente, a área correspondente à parte opercular do giro frontal inferior e o lóbulo parietal inferior correspondem à empatia emocional (Moya-Albiol et al., 2010; Shamay-Tsoory, 2010). Enquanto que as áreas que englobam as partes anteriores do giro frontal superior e médio, o giro orbital, o giro reto e a área mais anterior do giro frontal superior correspondem à empatia cognitiva (Moya-Albiol et al., 2010). Portanto, apesar dos componentes emocional e cognitiva da empatia funcionarem autonomamente, uma resposta empática pode invocar ambas as componentes dependendo do contexto social (Shamay-Tsoory, 2010).

Nas últimas décadas, a relação entre o comportamento delinvente e a empatia tem sido objeto da criminologia. Tem sido proposto que indivíduos envolvidos em comportamentos antissociais e/ou delinquentes apresentam níveis inferiores de empatia, comparativamente com

indivíduos não envolvidos neste tipo de comportamentos (Bush et al., 2000; Jolliffe & Farrington, 2004). Além disso, estudos demonstram a existência de uma relação significativa entre a empatia e a delinquência grave perpetrada por jovens, bem como mostram a importância da empatia como fator explicativo das diferenças de gênero ao nível da delinquência grave (Broidy et al., 2003).

De acordo com Hoffman (2000), a empatia funciona como motivadora do comportamento pró-social, com estudos a sugerirem uma relação positiva entre a empatia e o comportamento pró-social (Miller & Eisenberg, 1988; Eisenberg et al., 2002).

Neste sentido, a existência de uma relação entre a baixa empatia e o *bullying* baseia-se no mesmo quadro teórico da relação entre baixa empatia e comportamento antissocial, isto porque, indivíduos que partilham (ou compreendem) a resposta emocional negativa, consequência das suas próprias ações contra o outro, inibem-se, potencialmente, de perpetuar este tipo de comportamentos (Jolliffe & Farrington, 2006).

Assim, estudos indicam que jovens envolvidos em *bullying* como perpetradores apresentam baixos níveis de empatia, especialmente na sua componente afetiva (Jolliffe & Farrington, 2011; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Além disso, Jolliffe e Farrington (2006) verificaram que a empatia apresenta uma relação negativa com o *bullying* de caráter violento perpetrado por jovens do sexo masculino, bem como revelam uma relação negativa entre a empatia e o *bullying* indireto perpetrado por jovens do sexo feminino. Por outro lado, estes autores (id.) mostraram uma relação entre a baixa autoestima e o *bullying* perpetrado por jovens do sexo feminino (Jolliffe & Farrington, 2006).

Por outro lado, relativamente às vítimas de *bullying*, um estudo português de Almeida et al. (2012) revelou que as vítimas apresentavam elevados níveis de sensibilidade e níveis mais elevados de empatia, em ambas as componentes cognitiva e afetiva, comparativamente com os perpetradores de *bullying* e com indivíduos cumulativamente vítimas e perpetradores (Almeida et al., 2012).

A relação entre o *bullying* e a empatia pode sofrer a influência de variáveis moderadoras, tal como a idade e o gênero. Mitsopoulou e Giovazolias (2015), verificaram que a relação entre a empatia cognitiva e a vitimação por *bullying* apenas alcançou a significância estatística para participantes numa fase mais tardia da adolescência, aos 18 anos. Por outro lado, jovens do sexo masculino apresentam menor empatia afetiva e cognitiva, envolvendo-se assim, mais

frequentemente em situações de *bullying*. No entanto, as diferenças de género ao nível da empatia diminuem com o aumento da idade (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015).

Relativamente à relação entre a empatia e o *cyberbullying*, Zych et al. (2019) procederam a uma meta-análise a partir da qual verificaram que perpetradores de *cyberbullying* apresentam baixos níveis de empatia, mesmo quando controlando com outras variáveis. Este estudo verificou ainda que estes indivíduos apresentam baixos níveis na componente afetiva da empatia e níveis ainda mais baixos na componente cognitiva (Zych et al., 2019; Kokkinos et al., 2014).

No que toca à vitimação por *cyberbullying*, Zych et al. (2019) demonstraram a existência de níveis mais elevados de empatia afetiva, comparativamente com não-vítimas. Isto é, é possível que a experiência da vitimação resulta numa melhor compreensão do sofrimento de outros e, além disso, a partilha mais intensa dos sentimentos de outros (Zych et al., 2019). Concordantemente, um estudo português verificou que, para o *cyberbullying* perpetrado com recurso ao telemóvel, as vítimas apresentavam elevados níveis de empatia cognitiva e afetiva comparativamente com jovens cumulativamente vítimas e perpetradores e, comparativamente com jovens não envolvidos (Almeida et al., 2012)

Por outro lado, um estudo chinês revelou resultados contraditórios, nomeadamente notou uma relação negativa entre a empatia e a vitimação por *cyberbullying*, isto é, indivíduos com baixos níveis de empatia apresentam maior probabilidade de serem vítimas de *cyberbullying* (Wong et al., 2014). Semelhantemente, alguns autores descobriram que a empatia afetiva apresenta uma relação negativa com a vitimação por *cyberbullying* (Kokkinos et al., 2014). Estas diferenças ao nível da direção da relação entre a empatia e a vitimação por *cyberbullying* poderão dever-se à existência de um conjunto de indivíduos que são ao mesmo tempo vítimas e perpetradores deste fenómeno (Zych et al., 2019), constituindo assim uma categoria distinta de indivíduos que deverá ser estudada separadamente.

Outro estudo corroborou a existência de uma relação entre a perpetração de *cyberbullying* e a baixa empatia, no entanto, a relação entre a empatia e a vitimação por *cyberbullying* não foi significativa (Brewer & Kerslake, 2015).

Assim, como postulado anteriormente, a empatia parece funcionar como um fator de proteção para o envolvimento em *cyberbullying*, isto é, no geral, indivíduos com níveis elevados de empatia cognitiva e afetiva apresentam menor envolvimento neste fenómeno, como vítimas e como ofensores (Kowalski et al., 2014).

Além disso, alguns autores afirmaram que os níveis baixos de empatia e o comportamento hostil em perpetradores de *bullying* podem ter subjacentes traços de personalidade como a baixa agradabilidade e baixa conscienciosidade. Por outro lado, as características das vítimas de baixa aceitação social e introversão poderão, também, ter subjacentes baixa extroversão e elevado neuroticismo (Tani et al., 2003).

## CAPÍTULO 2 – ESTUDO EMPÍRICO

### 2.1. Objetivos e Hipóteses

O principal objetivo deste estudo é explorar a relação entre a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* e os traços de personalidade, nomeadamente os *big five*, a empatia e a autoestima em jovens do 3º ciclo.

Resultante desde objetivo geral surgem objetivos específicos aos quais este estudo se propõe responder, nomeadamente os seguintes:

- Estudar a relação entre o *bullying* e o *cyberbullying*;
- Estudar a relação entre o *bullying* e o *cyberbullying* e a idade dos envolvidos nestes fenómenos;
- Estudar a relação entre o *bullying* e o *cyberbullying* e o género dos envolvidos nestes fenómenos;
- Estudar a relação entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying*;
- Estudar a relação entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*;
- Estudar a relação entre personalidade e a vitimação e perpetração de *bullying*;
- Estudar a relação entre a personalidade e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*;
- Estudar a relação entre a empatia e a vitimação e perpetração de *bullying*;
- Estudar a relação entre a empatia e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*;

Neste estudo pretende-se testar as seguintes hipóteses, que foram formuladas tendo como subjacente o estado de arte do conhecimento científico nesta área:

**H1:** Existe uma relação positiva entre a vitimação de *bullying* e a vitimação de *cyberbullying*, i.e., jovens com valores altos de vitimação por *bullying* tradicional apresentam valores altos de vitimação por *cyberbullying*;

**H2:** Existe uma relação positiva entre a perpetração de *bullying* e a perpetração de *cyberbullying*, i.e., jovens com valores altos de perpetração de *bullying* tradicional apresentam valores altos de perpetração de *cyberbullying*;

**H3:** Existe uma relação não linear quadrática entre idade e *cyberbullying*, i.e., o envolvimento em comportamentos de *cyberbullying*, como vítima e como ofensor, é mais frequente aos 13 anos;

**H4:** Existe uma relação negativa entre a idade e o envolvimento em *bullying*, i.e., jovens no início da adolescência apresentam elevados níveis de envolvimento em *bullying* como vítimas e ofensores;

**H5:** Jovens do sexo masculino apresentam maior envolvimento em *bullying* como vítimas e como ofensores;

**H6:** Jovens do sexo masculino apresentam maior envolvimento em *cyberbullying* como ofensores;

**H7:** Jovens do sexo feminino apresentam maior envolvimento em *cyberbullying* como vítimas;

**H8:** Existe uma relação negativa entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*, i.e., jovens com baixos níveis de autoestima apresentam níveis elevados de vitimação e perpetração de *cyberbullying*;

**H9:** Existe uma relação positiva entre a autoestima e a perpetração de *bullying*, i.e., jovens com elevados níveis de autoestima apresentam níveis elevados de perpetração de *bullying*;

**H10:** Existe uma relação negativa entre a autoestima e a vitimação por *bullying*, i.e., jovens com baixos níveis de autoestima apresentam níveis elevados de vitimação por *bullying*;

**H11:** Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e conscienciosidade e a perpetração de *bullying*, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em *bullying* como perpetradores;

**H12:** Existe uma relação positiva entre a extroversão e neuroticismo e a perpetração de *bullying*, i.e., jovens com altos níveis de extroversão e neuroticismo apresentam níveis elevados de envolvimento em *bullying* como perpetradores;

**H13:** Existe uma relação negativa entre a extroversão, agradabilidade e conscienciosidade e a vitimação por *bullying*, i.e., jovens com baixos níveis de extroversão, agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em *bullying* como vítimas;

**H14:** Existe uma relação positiva entre o neuroticismo e a vitimação por *bullying*, i.e., jovens com altos níveis de neuroticismo apresentam níveis elevados de envolvimento em *bullying* como vítimas;

**H15:** Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e a conscienciosidade e a perpetração de *cyberbullying*, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em *cyberbullying* como perpetradores;

**H16:** Existe uma relação positiva entre a extroversão e a perpetração de *cyberbullying*, i.e., jovens com altos níveis de extroversão apresentam níveis elevados de envolvimento em *cyberbullying* como perpetradores;

**H17:** Existe uma relação positiva entre a abertura à experiência e a vitimação por *cyberbullying*, i.e., jovens com elevados níveis de abertura à experiência apresentam altos níveis de vitimação por *cyberbullying*;

**H18:** Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e a vitimação por *cyberbullying*, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade apresentam níveis elevados de vitimação por *cyberbullying*;

**H19:** Existe uma relação negativa entre a empatia e a perpetração de *bullying* e *cyberbullying*, i.e., jovens com baixos níveis de empatia apresentam níveis mais elevados de perpetração de *bullying* e *cyberbullying*;

**H20:** Existe uma relação positiva entre a empatia e a vitimação de *bullying* e *cyberbullying*, i.e., jovens com elevados níveis de empatia apresentam níveis mais elevados de vitimação por *bullying* e *cyberbullying*;

## **2.2. Caracterização do Estudo**

O presente estudo trata-se de uma investigação transversal de natureza quantitativa, no qual se procedeu à aplicação de um conjunto de questionários com o objetivo de estudar eventuais associações entre o fenómeno do *bullying* e *cyberbullying* e algumas características como a personalidade, autoestima e empatia. Recorreu-se a uma metodologia de base quantitativa uma vez que esta é a mais apropriada ao objetivo geral do estudo de explorar relações entre variáveis. Este estudo tem como base a lógica de um estudo correlacional. Estes estudos analisam a existência de uma relação entre duas ou mais variáveis, no entanto, não permitem estabelecer relações causa-efeito entre as mesmas, sendo essa determinação apenas possível através de estudos experimentais (Bushway & Weisburd, 2005). Este estudo, uma vez que não existe manipulação do fenómeno, apenas observação do fenómeno em estudo, trata-se de um desenho de investigação não-experimental ou observacional (Bushway & Weisburd, 2005).

### 2.3. Amostra

O presente estudo realizou-se no ano letivo de 2019/2020 em três escolas públicas da área metropolitana do Porto, designadamente no Agrupamento de Escolas Clara de Resende no Porto, na escola EB 2, 3 de Gueifães na Maia e na escola EB Engenheiro Fernando Pinto de Oliveira em Leça da Palmeira. As seguintes escolas foram incluídas nesta investigação uma vez que, após o contato via *e-mail* com diversas escolas da área metropolitana do Porto, estas foram as primeiras a disponibilizarem-se para colaborar com este estudo.

Assim, este estudo é constituído por uma amostra total de 158 jovens respeitando o ano de escolaridade como um critério de inclusão dos participantes na amostra, isto é, a amostra inclui alunos do 3º ciclo, o que corresponde ao 7º ano, 8º ano e 9º ano de escolaridade, nomeadamente a estudantes com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. Esta faixa etária é particularmente relevante para o objetivo de investigação uma vez que os episódios de *bullying* e *cyberbullying* ocorrem predominantemente na pré-adolescência, entre os 12 e os 14 anos, sendo o envolvimento em *cyberbullying* particularmente frequente no 8º ano de escolaridade (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; Williams & Guerra, 2007).

Relativamente à dimensão da amostra foi tida em consideração o tamanho recomendado pela comunidade científica dados os procedimentos de análise estatística a utilizar. Portanto, a dimensão da amostra foi estimada tendo por base as «regras do polegar», sendo esta uma regra de aproximação baseada na experiência de múltiplos investigadores da comunidade científica. A partir desta regra é possível estimar o tamanho mínimo da amostra permitindo assim uma adequada análise estatística dos dados. De acordo com as «regras do polegar», uma vez que este estudo versa sobre a análise de correlações entre variáveis, a amostra deve ter um mínimo de 40 casos (Hill & Hill, 2000). Além disso, para a realização de uma análise de regressão linear múltipla, é recomendado que a dimensão da amostra inclua pelo menos 15 sujeitos por cada preditor em análise (Marôco, 2011). Portanto, a dimensão da amostra em estudo considera-se adequada ao tamanho mínimo recomendado, com base no tratamento estatístico a que os dados vão ser sujeitos com vista a responder ao objetivo principal desta investigação.

### **2.3.1. Caracterização da Amostra**

Este estudo recorreu a uma amostra não probabilística por conveniência composta por 158 jovens (41.1% feminino) do 3º ciclo, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ( $M=13.44$ ;  $DP=1.01$ ). A amostra inclui 0.6% de indivíduos com 11 anos, 21.5% de indivíduos 12 anos, 25.9% de indivíduos com 13 anos, 38.6% de indivíduos com 14 anos, 12% de indivíduos com 15 anos e 1.3% de indivíduos com 16 anos. Relativamente ao país de residência, os participantes são todos residentes em Portugal, e, de um modo geral, a maioria tem origem portuguesa (94.9%), à exceção de cinco participantes que nasceram no Brasil (2.5%) e na Suíça (0.6%). A maioria dos participantes encontrava-se a frequentar o 9º ano de escolaridade durante a recolha de dados (40.5%), sendo o 7º ano e o 8ºano representado, respetivamente, por 29.7% e 29.7% da amostra. A média da quantidade de pessoas que constitui o agregado familiar do participante é de 3.69 pessoas ( $DP=1.12$ ). Por fim, relativamente à situação conjugal dos pais dos jovens participantes, 69.2% da amostra reportou pais casados ou a viver em união de facto, 24.4% da amostra reportou pais divorciados, 5.1% da amostra reportou pais solteiros, e 1.3% reportou pais viúvos.

## **2.4. Instrumentos**

A fim de cumprir os objetivos referidos anteriormente e de testar as hipóteses enunciadas, foram utilizados um conjunto de instrumentos de recolha de dados nesta investigação, que são abordados de seguida.

### **2.4.1. Questionário Sociodemográfico**

A primeira seção tem início com um pequeno texto destinado aos jovens participantes cujo objetivo é esclarecer o carácter voluntário da sua participação e o anonimato e confidencialidade dos dados, destacando que a não participação não representa repercussões negativas para o mesmo. Esta seção inclui ainda o questionário sociodemográfico (ver anexo 1), constituído por 7 questões que correspondem aos seguintes dados: idade, género, país de residência, país de origem, ano de escolaridade, composição do agregado familiar e estado civil dos pais. Estas variáveis foram incluídas no estudo dada a sua relevância e potencial interação com outras variáveis em estudo.

#### **2.4.2 Questionário de Cyberbullying-Vitimização**

Na seção que se segue, a vitimação e perpetração de *cyberbullying* foram avaliadas através da administração da versão portuguesa do *Cuestionario de cyberbullying victimización* (CBQ-V) (Calvete et al., 2009), ou Questionário de *Cyberbullying-Vitimização*, adaptado e validado pelos autores Pinto e Cunha (2011) (ver anexo 2). O Questionário de *Cyberbullying-Vitimização* é um questionário de autopreenchimento constituído por duas subescalas, sendo que uma das subescalas é constituída por 11 itens que medem a vitimação por *cyberbullying* e a segunda subescala inclui 17 itens que medem a prática de determinados tipos de comportamentos de *cyberbullying*. Relativamente à subescala da vitimação, cada item é avaliado numa escala de Likert de três valores (0=Nunca; 1=Às Vezes; 2=Muitas Vezes) para a frequência da ocorrência de diferentes formas de vitimização por *cyberbullying* (e.g. “Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias”). É possível obter um somatório das respostas dadas nesta subescala, cujos valores podem variar entre 0 e 22, sendo que pontuações mais elevadas representam níveis mais elevados de vitimação.

Por sua vez, em relação à subescala da perpetração de *cyberbullying*, cada item é avaliado numa escala de Likert de três valores (0=Nunca; 1=Às Vezes; 2=Muitas Vezes) para a frequência da ocorrência dos comportamentos descritos em cada item (e.g. “Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone”). O somatório total das respostas dadas nesta subescala pode variar entre 0 e 34, sendo que pontuações mais altas correspondem a níveis mais altos de perpetração de *cyberbullying*.

Neste estudo, CBQ-V apresentou boas medidas de consistência interna (ver anexo 3). A subescala de perpetração de *cyberbullying* do CBQ-V apresentou o valor do coeficiente alfa ( $\alpha$ ) de Cronbach de .822, o que indica que esta subescala apresenta uma boa consistência interna, e, portanto, uma elevada fiabilidade. Relativamente à subescala de vitimação por *cyberbullying* do CBQ-V, o valor do coeficiente  $\alpha$  de Cronbach é de .803, o que representa uma boa consistência interna da subescala, e, portanto, uma elevada fiabilidade.

#### **2.4.3. Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar**

Na secção seguinte, a vitimação e agressão em contexto escolar foram avaliadas através da administração da versão portuguesa do *Cuestionario de Evaluación de la Violencia entre*

*iguales en la Escuela* (CEVEO; Díaz-Aguado, 2004), ou Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar (QEVE), adaptado e validado por Martins (2009) (ver anexo 4). O QEVE subdivide-se em duas subescalas. Uma das subescalas é constituída por 15 itens relativamente aos quais é pedido ao participante para responder em que medida foi vítima de diferentes formas de agressão. Cada item é avaliado numa escala de Likert de 4 valores (0=nunca, 1=algumas vezes, 2=muitas vezes, 3=quase sempre). Os quatro primeiros itens desta subescala remetem para situações de *bullying* indireto ou exclusão social (e.g. “*os meus colegas ignoram-me*”, “*impedem-me de participar nas suas atividades*”, “*falam mal de mim*”, “*rejeitam-me*”), os dois itens seguintes correspondem a agressões verbais (e.g. “*insultam-me*”, “*gozam-me*”, “*chamam-me nomes que me ofendem*”), os cinco itens seguintes remetem para situações de violência com agressão menor (e.g. “*escondem-me coisas*”, “*estragam-me coisas*”, “*roubam-me*”, “*batem-me*”, “*ameaçam-me para meter medo*”) e, por fim, os quatro itens seguintes correspondem a situações de violência com agressão grave (e.g. “*obrigam-me a fazer coisas que não quero*”, “*intimidam-me com insultos de carácter sexual*”, “*obrigam-me a participar em situações de carácter sexual*”, “*ameaçam-me com facas*”)(Martins, 2009). A segunda subescala inclui 15 itens relativamente aos quais o participante é convidado a responder em que medida praticou os diferentes tipos de agressão descritos anteriormente em contexto escolar. Decorrente das subescalas do QEVE, é possível proceder ao somatório das pontuações de cada uma das subescalas obtendo assim duas pontuações, variáveis entre 0 e 45, respetivamente, sendo que pontuações mais altas correspondem a níveis mais elevados de vitimação, no caso da subescala de vitimação escolar, ou agressão em contexto escolar, no caso da subescala de agressão.

Neste estudo, relativamente à consistência interna deste instrumento (ver anexo 5), a subescala de vitimação escolar do QEVE apresentou o valor do coeficiente  $\alpha$  de Cronbach de .809, o que indica que esta subescala apresenta uma boa consistência interna, e, portanto, uma elevada fiabilidade. Em relação à subescala de agressão escolar do QEVE, o valor do coeficiente  $\alpha$  de Cronbach é de .718, o que representa uma boa consistência interna da subescala, e, logo, uma elevada fiabilidade.

#### **2.4.4. Índice de Reatividade Interpessoal**

Na seção que se segue, a empatia foi avaliada com recurso à aplicação da versão portuguesa do *Interpersonal Reactivity Index* (Davis, 1980, 1983), adaptada e validade ao

contexto português por Limpo et al. (2010) (ver anexo 6). O Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) é uma medida de autorrelato composta por 24 itens que se destina a avaliar a empatia incluindo a sua dimensão afetiva e cognitiva. Os itens deste instrumento representam afirmações sobre sentimentos e pensamentos que o participante pode, ou não, ter vivenciado. Para cada afirmação é pedido ao participante que expresse em que medida essa afirmação o descreve através de uma escala de Likert de 5 valores (0=não me descreve bem a 4=descreve-me muito bem). O IRI é composto por quatro subescalas com 6 itens cada, designadamente: Tomada de Perspetiva (TP), Preocupação Empática (PE), Desconforto Pessoal (DP) e Fantasia (F). A subescala de TP (itens 2, 7, 9, 17, 21 e 24) avalia a tendência do indivíduo para adotar os pontos de vista dos outros (e.g. *“Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas”*). Por sua vez, a subescala de F (itens 4, 6, 10, 13, 19 e 22) reflete a propensão do indivíduo para se colocar em situações fictícias (*“Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance”*). As subescalas referidas anteriormente representam a dimensão cognitiva da empatia. A subescala de DP (itens 5, 11, 14, 15, 20 e 23) mede os sentimentos de desconforto, ansiedade e apreensão em situações interpessoais stressantes (e.g. *“Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/a”*). A subescala de PE (itens 1, 3, 8, 12, 16 e 18) reflete a capacidade do indivíduo de experienciar sentimentos de preocupação ou compaixão pelo outro (e.g. *“Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu”*). Estas subescalas correspondem à dimensão afetiva da empatia. As pontuações atribuídas por cada participante aos diversos itens do instrumento podem ser somadas ao nível da subescala a que pertencem e ao nível total. Isto é, os itens pertencentes à mesma subescala são somados de modo que quanto maior o valor dessa soma, maior o nível de empatia. Por outro lado, ao somar as pontuações de cada subescala obtém-se as pontuações totais de empatia do participante, sendo que pontuações mais elevadas representam níveis mais elevados de empatia. Neste instrumento, proceder-se-á ainda à recodificação dos itens invertidos (itens 2, 3, 6, 10, 11, 12, 15), sendo que 0 passa a ser codificado como 4, 1 passa a ser codificado como 3 e vice-versa.

Neste estudo, o Índice de Reatividade Interpessoal apresentou uma boa medida de consistência interna ( $\alpha$  (Empatia Total) = .789) (ver anexo 7), enquanto que as suas subescalas apresentaram medidas de consistência interna aceitáveis ( $\alpha$  de Cronbach (PE) = 0.605;  $\alpha$  (TP) = .704;  $\alpha$  (DP) = .695;  $\alpha$  (F) = .725).

#### **2.4.5. Escala de Autoestima de Rosenberg**

De seguida, a autoestima foi avaliada com recurso à aplicação da versão portuguesa do *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES) (Rosenberg, 1965), adaptada e validada por Pechorro et al. (2011) (ver anexo 8). A Escala de Autoestima de Rosenberg é uma medida breve destinada à avaliação da autoestima em adolescentes e adultos. Esta escala é constituída por 10 afirmações (e.g. “Tenho uma boa opinião de mim próprio”) sendo que para cada item é pedido ao participante que se posicione relativamente às afirmações de acordo com a forma como se vê a si próprio através de uma escala de Likert de 4 valores (0=Discordo Fortemente; 1=Discordo; 2=Concordo; 3=Concordo Fortemente). Assim, a soma dos dez itens é possível, após a recodificação dos itens invertidos (designadamente os itens 2, 5, 6, 8 e 9), sendo que o 1 passa a ser codificado como 4 e o 2 passa a ser codificado como 3 e vice-versa. Portanto, a pontuação que surge da soma dos itens do instrumento representa o nível da autoestima, sendo que pontuações mais altas correspondem a níveis mais altos de autoestima.

Neste estudo, o RSES apresentou boas medidas de consistência interna (ver anexo 9), nomeadamente, o valor do coeficiente  $\alpha$  de Cronbach é de .898, que representa uma boa consistência interna do instrumento, e, portanto, uma elevada fiabilidade do mesmo.

#### **2.4.6. Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças**

Por fim, na última seção a personalidade foi avaliada com recurso à administração da versão portuguesa do *Big Five Questionnaire – Children version* (Barbaranelli et al., 2003), adaptada e validada ao contexto e língua portuguesa por Seixas (2020) (ver anexo 10).

O Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças é um instrumento de autorrelato, composto por 65 itens, que se destina a avaliar os cinco traços de personalidade básicos baseados no modelo de cinco fatores em crianças. Este instrumento encontra-se dividido em cinco escalas que correspondem às cinco dimensões da personalidade, designadamente a extroversão (E) (13 itens), agradabilidade (A) (13 itens), conscienciosidade (C) (13 itens), neuroticismo/instabilidade emocional (N) (13 itens) e abertura à experiência (O) (13 itens). A escala de E mede aspetos como a autoconfiança, entusiasmo, atividade e assertividade, isto é a propensão para a sociabilidade e para experienciar emoções positivas (e.g. “Gosto de mover-me e de fazer uma grande quantidade de atividades”). A escala de A avalia a sensibilidade e preocupação para com

os outros e para com as suas necessidades (e.g. “*Partilho as minhas coisas com outras pessoas*”). A escala de C mede aspetos como a disciplina, a capacidade de planeamento, a organização, o cumprimento de compromissos e o rigor (e.g. “*Faço as coisas com muito cuidado e atenção*”). A escala de N avalia sentimentos e pensamentos de ansiedade, descontentamento e depressão (e.g. “*Fico nervoso(a) com coisas parvas (sem importância)*”). Por fim, a escala de O mede a criatividade, a inteligência, nomeadamente em meio escolar, e o interesse e curiosidade por pessoas e culturas diferentes (e.g. “*Tenho muita imaginação*”). Para cada item é pedido ao participante que indique a frequência com que adotou o comportamento descrito em cada uma das afirmações com recurso a uma escala de Likert de 5 valores (1 = Quase nunca; 2 = Poucas vezes; 3 = Às vezes; 4 = Muitas vezes; 5 = Quase sempre). As pontuações de cada escala podem ser obtidas através da soma dos itens correspondentes. Portanto, a pontuação ao nível da escala da Extroversão pode ser obtida através da soma das pontuações dos itens 1, 9, 14, 19, 23, 26, 35, 40, 42, 50, 55, 57 e 63. A pontuação ao nível da escala de Agradabilidade pode ser obtida através da soma das pontuações dos itens 2, 11, 13, 16, 21, 27, 32, 38, 45, 47, 51, 60 e 64. A pontuação ao nível da escala de Conscienciosidade pode ser obtida através da soma das pontuações dos itens 3, 7, 20, 22, 25, 28, 34, 37, 44, 48, 53, 56 e 65. A pontuação ao nível da escala de Neuroticismo/Instabilidade emocional pode ser obtida através da soma das pontuações dos itens 4, 6, 8, 15, 17, 29, 31, 39, 41, 49, 54, 58 e 61. Finalmente, a pontuação ao nível da escala de Intelecto/Abertura à Experiência pode ser obtida através da soma das pontuações dos itens 5, 10, 12, 18, 24, 30, 33, 36, 43, 46, 52, 59 e 62.

Neste estudo, o Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças apresentou boas medidas de consistência interna (ver anexo 11) ( $\alpha$  (E) = .777;  $\alpha$  (A) = .810;  $\alpha$  (C) = .873;  $\alpha$  (N) = .854;  $\alpha$  (O) = .809).

## **2.5. Procedimentos**

Os conselhos executivos das escolas referidas anteriormente foram contactados via *e-mail* e, posteriormente, presencialmente, a fim de divulgar os objetivos da investigação e de obter a colaboração das mesmas com o projeto de investigação.

Após a aprovação dos respetivos conselhos executivos, a investigação foi divulgada junto dos professores e diretores de turma, sendo que após a disponibilização destes para a aplicação

dos questionários na respetiva direção de turma, passar-se-ia a uma próxima fase de obtenção do consentimento informado dos pais ou encarregados de educação.

A fim de garantir a confidencialidade dos dados e o consentimento dos encarregados de educação simultaneamente, foi atribuído a cada participante um número identificativo do jovem inscrito no documento do consentimento informado preenchido e assinado pelo respetivo encarregado de educação e no documento do questionário a ser preenchido pelo participante.

Assim, numa primeira fase, foi enviado aos encarregados de educação um documento de carácter explicativo da investigação, esclarecendo os objetivos e regras para a realização do mesmo (ver anexo 12). Apenas após a receção do consentimento preenchido e assinado pelos encarregados de educação, proceder-se-ia à aplicação do questionário aos alunos cujo encarregado de educação autorizou a sua participação.

Nesta fase, dada a impossibilidade de a autora deste trabalho estar presente no momento da aplicação do questionário aos estudantes, procurou-se clarificar por escrito, numa primeira seção do questionário, as questões do anonimato, confidencialidade dos dados e voluntariedade da participação, clarificando a possibilidade dos participantes desistirem sem que de tal resultem consequências negativas para os mesmos.

A aplicação dos questionários realizou-se no decorrer do segundo período sendo que o preenchimento dos questionários decorreu durante o período letivo designadamente em contexto de sala de aula.

### **2.5.1. Análise de Dados**

A análise estatística dos dados recolhidos foi realizada com recurso ao programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 26. Numa primeira fase, os dados recolhidos através do questionário referido anteriormente, foram codificados numericamente e inseridos no software SPSS *Statistics* 26.0. Na análise de dados, considerou-se, como valor de referência, uma probabilidade de erro de tipo I de .05, uma vez que é o nível de significância mais utilizado nas ciências sociais (Marôco, 2011).

Seguidamente, realizaram-se procedimentos de estatística descritiva com o intuito de proceder à caracterização da amostra relativamente aos dados sociodemográficos. Relativamente às variáveis quantitativas (e.g. idade, número de membros do agregado familiar), utilizou-se a média amostral ( $M$ ), com o intuito de caracterizar os valores médios das variáveis, e o desvio-

padrão (*DP*), com o intuito de estudar a dispersão dos valores da variável relativamente ao valor médio. Relativamente às variáveis qualitativas nominais (e.g. género, país de residência, país de origem) e às variáveis qualitativas ordinais (e.g. ano de escolaridade) utilizou-se a moda, com o intuito de identificar os valores mais frequentes assumidos por cada variável. Além disso, utilizou-se ainda as distribuições de frequências absolutas, relativas e relativas percentuais.

A amostra foi, também, caracterizada do ponto de vista das variáveis em estudo, nomeadamente, a vitimação por *bullying*, a perpetração de *bullying*, a vitimação por *cyberbullying*, a perpetração de *cyberbullying*, a empatia, a autoestima e os traços de personalidade (extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência). Estas variáveis foram criadas a partir da soma dos itens das respetivas subescalas que constituem o questionário aplicado. Procedeu-se, também, à realização de testes de consistência interna do conjunto de itens que dão origem às variáveis quantitativas criadas (e.g. autoestima). Neste sentido, recorreu-se ao coeficiente alfa de Cronbach cujos valores encontram-se descritos anteriormente na descrição dos instrumentos. Relativamente às variáveis quantitativas em estudo (e.g. empatia) e respetivos componentes (e.g. tomada de perspetiva), estas foram descritas com recurso às medidas de tendência central e às medidas de dispersão.

Por fim, a análise das hipóteses de investigação descritas foi realizada recorrendo à análise de correlações entre as variáveis, regressões lineares múltiplas, regressões quadráticas para o estudo da relação entre a idade e envolvimento em *bullying* e *cyberbullying*, e diferenças entre grupos para o estudo da relação entre género e envolvimento em *bullying* e *cyberbullying*.

De modo a escolher o método estatístico (paramétrico ou não paramétrico) mais adequado, realizou-se um teste estatístico de normalidade. Dada a dimensão da amostra ( $n (158) > 50$ ), recorreu-se ao teste de Kolmogorov-Smirnov, uma vez que a alternativa, o teste de Shapiro-Wilk, é mais adequado para amostras de menor dimensão ( $n < 30$ ). Por outro lado, de modo a avaliar a linearidade da relação entre as duas variáveis, utilizou-se diagramas de dispersão.

Após a verificação das condições necessárias para a utilização do método estatístico mais adequado, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson para estudar as relações entre variáveis que seguem uma distribuição normal. Relativamente às variáveis que não seguem uma distribuição normal, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Spearman para estudar as relações entre estas e outras variáveis. Tendo como referência o trabalho de Cohen (1988) considerou-se correlações fracas, quando o valor absoluto do coeficiente de correlação é inferior

a .3, correlações moderadas, quando o valor absoluto do coeficiente de correlação é superior ou igual a .3 e inferior a .5, e, por fim, correlações fortes, quando o valor absoluto é superior a .5. Além disso, considerou-se ainda o valor do *p-value*, de modo a averiguar a significância estatística da relação entre as duas variáveis em estudo.

Finalmente, recorreu-se ainda a análises de regressões lineares múltiplas com o intuito de estudar relações entre variáveis, isto é, de compreender o poder preditivo de determinadas variáveis independentes (preditoras) sobre determinada variável dependente (critério ou de resposta). Assim, este método permite conhecer qual o melhor estimador da variável dependente, no entanto, não contribui para a inferência de uma relação de causa-efeito entre as variáveis (Marôco, 2011).

## CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS

### 3.1. Caracterização da Amostra Segundo as Variáveis em Estudo

Primeiramente, será apresentada a análise das estatísticas descritivas relativas às diferentes partes que constituem o questionário de exclusão social e violência escolar, nomeadamente as frequências de cada uma das respostas aos 15 itens da escala de perpetração de *bullying* e as frequências de cada uma das respostas aos 15 itens da escala de vitimação de *bullying* (ver anexo 13).

Na figura 1 (ver anexo 13) encontra-se representado um resumo dos comportamentos relativos à perpetração de *bullying*, tendo-se somado as percentagens correspondentes às alternativas de resposta “algumas vezes”, “muitas vezes” e “quase sempre”. Da análise da figura 1, verificou-se que o comportamento mais frequente foi “Ignorei um(a) colega” (44.9%), seguido por “Falei mal de um colega” (40.5%) e por “Escondi as coisas de um(a) colega” (24.7%).

Relativamente à escala de vitimação por *bullying*, a figura 2 (ver anexo 13) apresenta um resumo dos comportamentos relativos à vitimação por *bullying*, tendo-se somado as percentagens correspondentes às alternativas de resposta “algumas vezes”, “muitas vezes” e “quase sempre”, excluindo a alternativa “nunca”. A partir da análise da figura 2, verificou-se que o tipo de vitimação mais frequente foi “Os meus colegas ignoram-me” (31.2%), seguido por “Os meus colegas falam mal de mim” (26.9%) e por “Os meus colegas escondem-me coisas” (24.4%), à semelhança dos resultados obtidos na escala perpetração de *bullying* do QEVE.

A partir da soma dos itens da escala de perpetração de *bullying* do QEVE, gerou-se uma nova variável quantitativa, designada por “perpetração de *bullying*” e que traduz o maior ou menor envolvimento em comportamentos de *bullying*. Por outro lado, a partir da soma dos itens da escala de vitimação por *bullying* do QEVE, criou-se outra variável quantitativa, designada por “vitimação por *bullying*”, cujos valores, quanto maiores, mais elevado o envolvimento em *bullying*, como vítima.

Assim, de seguida, na tabela 1, estas variáveis são descritas com recurso às medidas de tendência central (e.g. média) e medidas de dispersão (e.g. desvio padrão).

**Tabela 1**

*Estatística Descritiva (médias, desvios padrões, valores mínimos e máximos) das Variáveis “Vitimação por Bullying” e “Perpetração de Bullying”.*

<b>Variáveis</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Vitimação por Bullying</b>	1.91	2.96	0	14
<b>Perpetração de Bullying</b>	1.95	2.32	0	10

De seguida, serão apresentados os principais resultados da análise das estatísticas descritivas relativas às diferentes partes que constituem o questionário do *cyberbullying*, nomeadamente a escala relativa à prática de *cyberbullying* e a escala relativa à vitimação por *cyberbullying*.

Relativamente à escala de perpetração de *cyberbullying*, as frequências para cada uma das respostas aos 17 itens (ver anexo 14) deram origem à figura 3 (ver anexo 14) que representa um resumo dos comportamentos relativos à prática de *cyberbullying*. Procedeu-se à soma das percentagens correspondentes às alternativas de resposta “às vezes” e “muitas vezes”, excluindo a alternativa “nunca”. Da análise da figura 3, verificou-se que o tipo de *cyberbullying* mais praticado foi “*Remover intencionalmente alguém de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)*” (18%), seguido por “*Manter lutas e discussões “online”, usando insultos, etc... através de mensagens eletrónicas*” (15.3%) e por “*Enviar links onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um/a conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam*” (7%).

Relativamente à escala de vitimação por *cyberbullying*, as frequências para cada uma das respostas aos 11 itens (ver anexo 14) deram origem à figura 4 (ver anexo 14) que representa um resumo dos comportamentos relativos à vitimação por *cyberbullying*, tendo-se somado as percentagens correspondentes às alternativas de resposta “às vezes” e “muitas vezes”, excluindo a alternativa “nunca”.

Da análise da figura 4, verificou-se que o tipo de vitimação por *cyberbullying* mais reportado foi “*Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)*” (15.5%), seguido por “*Receber ameaças ou mensagens insultuosas por*

telemóvel” (7.7%), por “Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas” (6.4%) e por “Escreverem na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo/a” (5.7%).

A partir da soma dos itens da escala de perpetração de *cyberbullying*, gerou-se uma nova variável quantitativa, designada por “perpetração de *cyberbullying*” e que traduz o maior ou menor envolvimento neste fenómeno, como ofensor. Por outro lado, a partir da soma dos itens da escala de vitimação por *cyberbullying*, criou-se outra variável quantitativa, designada por “vitimação por *cyberbullying*”, cujos valores, quanto maiores, mais elevado o envolvimento em *cyberbullying*, como vítima.

Assim, de seguida, na tabela 2, estas variáveis são descritas com recurso às medidas de tendência central (e.g. média) e medidas de dispersão (e.g. desvio padrão).

### Tabela 2

*Estatística Descritiva das Variáveis “Vitimação por Cyberbullying” e “Perpetração de Cyberbullying”.*

Variáveis	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
<b>Vitimação por Cyberbullying</b>	.48	1.28	0	11
<b>Perpetração de Cyberbullying</b>	.76	1.85	0	17

De seguida, procedeu-se à descrição da variável “Autoestima”, uma variável quantitativa criada com recurso à soma dos 10 itens da escala de autoestima de Rosenberg. Esta variável será descrita, na tabela 3, através das medidas de tendência central e das medidas de dispersão.

### Tabela 3

*Estatística Descritiva da Variável “Autoestima”.*

Variáveis	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
<b>Autoestima</b>	19.31	5.92	10	37

De seguida, procedeu-se à descrição da variável “Empatia Total”, uma variável quantitativa criada com recurso à soma dos itens do Índice de Reatividade Interpessoal, e das respetivas variáveis constituintes, designadamente, a “Empatia cognitiva” e a “Empatia Afetiva”, bem como a “Tomada de Perspetiva”, “Preocupação Empática”, “Desconforto Pessoal” e

“Fantasia”. Estas variáveis quantitativas serão descritas com recurso a medidas de tendência central e medidas de dispersão, na tabela 4.

**Tabela 4**

*Estatística Descritiva das Variáveis “Empatia Total”, “Empatia Cognitiva”, “Empatia Afetiva”, “Tomada de Perspetiva”, “Preocupação Empática”, “Desconforto Pessoal” e “Fantasia”.*

<b>Variáveis</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Empatia Total</b>	55.58	11.88	24	93
<b>Empatia Cognitiva</b>	28.51	7.69	5	48
<b>Empatia Afetiva</b>	27.19	6.68	12	48
<b>Tomada de Perspetiva</b>	15.63	4.10	3	24
<b>Preocupação Empática</b>	17.11	4.03	8	24
<b>Desconforto Pessoal</b>	10.10	4.58	0	24
<b>Fantasia</b>	12.77	5.55	0	24

Por fim, procedeu-se à descrição dos traços de personalidade dos participantes, através das variáveis quantitativas “Agradabilidade”, “Conscienciosidade”, “Extroversão”, “Neuroticismo” e “Abertura à experiência”. Relativamente a estas variáveis, encontra-se na tabela 5, as estatísticas descritivas, nomeadamente as medidas de tendência central e medidas de dispersão.

**Tabela 5**

*Estatística Descritiva das Variáveis “Agradabilidade”, “Conscienciosidade”, “Extroversão”, “Neuroticismo” e “Abertura à Experiência”.*

<b>Variáveis</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Agradabilidade</b>	37.55	6.80	17	52
<b>Conscienciosidade</b>	35.95	8.11	14	52
<b>Extroversão</b>	35.86	6.97	7	48
<b>Neuroticismo</b>	22.29	9.09	2	44
<b>Abertura à Experiência</b>	32.25	7.82	16	52

### 3.2. Teste de Hipóteses

Após a descrição das estatísticas descritivas das variáveis em estudo, irão ser testadas as hipóteses de investigação.

#### 3.2.1. *Bullying* e *Cyberbullying*

Relativamente à Hipótese 1 “*Existe uma relação positiva entre a vitimação de bullying e a vitimação de cyberbullying, i.e., jovens com valores altos de vitimação por bullying tradicional apresentam valores altos de vitimação por cyberbullying*” e à Hipótese 2 “*Existe uma relação positiva entre a perpetração de bullying e a perpetração de cyberbullying, i.e., jovens com valores altos de perpetração de bullying tradicional apresentam valores altos de perpetração de cyberbullying*”, procedeu-se à análise das correlações entre a perpetração e a vitimação de *bullying* e *cyberbullying*.

A tabela 6 representa as correlações entre as variáveis vitimação por *cyberbullying*, perpetração de *cyberbullying*, vitimação por *bullying* e perpetração de *bullying*.

**Tabela 6**

*Correlações entre Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying*

	1	2	3	4
<b>1. Vitimação por Cyberbullying</b>	-	.426**	.383**	<b>.516**</b>
<b>2. Perpetração de Cyberbullying</b>		-	<b>.448**</b>	.246**
<b>3. Perpetração de Bullying</b>			-	.469**
<b>4. Vitimação por Bullying</b>				-

Nota: Correlação de Spearman \* p<.05; \*\* p<.01;

Primeiro, verificou-se a existência de uma relação positiva entre a vitimação por *cyberbullying* e a vitimação por *bullying*, isto é, jovens que reportam vitimação por *cyberbullying* apresentam elevados níveis de vitimação de *bullying*. Constatou-se, também, a existência de uma

relação positiva entre a perpetração de *bullying* e a perpetração de *cyberbullying*, isto é, jovens com valores elevados de perpetração de *bullying* exibem valores elevados de perpetração de *cyberbullying*.

### 3.2.2. Idade e *Cyberbullying*

Relativamente à Hipótese 3 “*Existe uma relação não linear quadrática entre idade e cyberbullying, i.e., o envolvimento em comportamentos de cyberbullying, como vítima e como ofensor, é mais frequente aos 13 anos*”, verificou-se a inexistência de uma relação significativa entre a idade e o envolvimento em *cyberbullying*, como vítima ( $R^2$  quadrático = .002,  $p=NS$ ) e como ofensor ( $R^2$  quadrático = .007,  $p=NS$ ).

### 3.2.3. Idade e *Bullying*

Relativamente à relação entre a idade e o envolvimento em *bullying*, postulada pela Hipótese 4 “*Existe uma relação negativa entre a idade e o envolvimento em bullying, i.e., jovens mais novos apresentam elevados níveis de envolvimento em bullying como vítimas e ofensores*”, procedeu-se à análise de correlações entre as variáveis.

A tabela 7 mostra as correlações entre a variável idade e as variáveis vitimação por *bullying* e perpetração de *bullying*. Existe uma relação positiva estatisticamente significativa entre a idade e a perpetração de *bullying*, isto é, os jovens em idades mais tardias da adolescência apresentam níveis superiores de perpetração de *bullying*.

**Tabela 7**

*Correlações entre Idade e Vitimação e Perpetração de Bullying*

	1	2	3
<b>1. Idade</b>	-	.201*	-.002
<b>2. Perpetração de Bullying</b>		-	.469**
<b>3. Vitimação por Bullying</b>			-

Nota: Correlação de Spearman \*  $p<.05$ ; \*\*  $p<.01$ ;

### 3.2.4. Género e *Bullying*

Relativamente à Hipótese 5 “*Jovens do sexo masculino apresentam maior envolvimento em bullying como vítimas e como ofensores*”, verificou-se que os participantes do género masculino apresentaram valores de perpetração de *bullying* ( $M=2.57$ ;  $DP=2.89$ ) e vitimação por *bullying* ( $M=2.69$ ;  $DP=3.84$ ), significativamente superiores aos participantes do género feminino (perpetração de *bullying* ( $M=1.52$ ;  $DP=1.71$ ), vitimação por *bullying* ( $M=1.38$ ;  $DP=2.02$ )).

### 3.2.5. Género e *Cyberbullying*

Relativamente à Hipótese 6 “*Jovens do sexo masculino apresentam maior envolvimento em cyberbullying como ofensores*” e à Hipótese 7 “*Jovens do sexo feminino apresentam maior envolvimento em cyberbullying como vítimas e como vítimas-ofensores*”, verificou-se que os participantes do género masculino apresentaram valores de perpetração de *cyberbullying* ( $M=1.30$ ;  $DP=2.66$ ) e vitimação por *cyberbullying* ( $M=.75$ ;  $DP=1.80$ ), significativamente superiores aos participantes do género feminino (perpetração de *cyberbullying* ( $M=.39$ ;  $DP=.79$ ); vitimação por *cyberbullying* ( $M=.29$ ;  $DP=.66$ )).

### 3.2.6. Autoestima e *Cyberbullying*

Relativamente à Hipótese 8 “*Existe uma relação negativa entre a autoestima e a vitimação e perpetração de cyberbullying, isto é, jovens com baixos níveis de autoestima apresentam níveis elevados de vitimação e perpetração de cyberbullying*”, verificou-se, na tabela 8, as correlações entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*.

**Tabela 8**

*Correlações entre a Autoestima e a Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying*

	Vitimação por <i>Cyberbullying</i>	Perpetração de <i>Cyberbullying</i>	Perpetração de <i>Bullying</i>	Vitimação por <i>Bullying</i>
<b>Autoestima</b>	.323**	.270**	.212**	.362**

Nota: Correlação de Spearman \*  $p<.05$ ; \*\*  $p<.01$ ;

Na tabela 8 é possível observar que a autoestima se correlaciona positivamente com a vitimação e perpetração de *cyberbullying*, ou seja, jovens envolvidos em episódios de *cyberbullying* como vítimas ou como ofensores apresentam níveis elevados de autoestima.

No sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para autoestima com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Verificou-se um efeito significativo do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 153) = 8.021, p < .01$ ). Da análise das categorias de estatuto do *cyberbullying* duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=17.88; DP=5.31$ ) apresentaram valores significativamente mais baixos do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor de *cyberbullying* ( $M=24.09; DP=6.29$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima de *cyberbullying* ( $M=21.15; DP=6.55$ ) ou de ofensor de *cyberbullying* ( $M=19.58; DP=5.21$ ).

### **3.2.7. Autoestima e *Bullying***

Relativamente à Hipótese 9 “*Existe uma relação positiva entre a autoestima e a perpetração de bullying, i.e., jovens com elevados níveis de autoestima apresentam níveis elevados de perpetração de bullying*” e à Hipótese 10 “*Existe uma relação negativa entre a autoestima e a vitimação por bullying, i.e., jovens com baixos níveis de autoestima apresentam níveis elevados de vitimação por bullying*”, a tabela 8 representa as correlações entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying*. Nesta tabela é possível verificar a existência de uma relação positiva estatisticamente significativa entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying*, ou seja, jovens vítimas e ofensores de *bullying* apresentam níveis superiores de autoestima.

No sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para autoestima com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Verificou-se um efeito significativo do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 153) = 5.139, p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=17.00; DP=5.03$ ) apresentaram valores significativamente mais baixos do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=21.27; DP=5.75$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=19.88; DP=5.33$ ) ou ofensor ( $M=18.76; DP=6.74$ ).

### 3.2.8. Personalidade e *Bullying*

Relativamente à Hipótese 11 “*Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e conscienciosidade e a perpetração de bullying, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em bullying como perpetradores*” e à Hipótese 12 “*Existe uma relação positiva entre a extroversão e neuroticismo e a perpetração de bullying, i.e., jovens com altos níveis de extroversão e neuroticismo apresentam níveis elevados de envolvimento em bullying como perpetradores*”, a tabela 9 apresenta o modelo de predição da variável de perpetração de *bullying* a partir dos traços de personalidade: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência.

Da análise da tabela 9 verificou-se que 20.7% da variância total da perpetração de *bullying* é explicada pelos traços de personalidade. Constatou-se ainda que apenas a agradabilidade teve um efeito significativo na predição da perpetração de *bullying*, sendo a variável que mais contribui para a predição desta, nomeadamente, a agradabilidade contribui de forma negativa na explicação desta variável ( $\beta = -.423$ ).

**Tabela 9**

*Predição da Perpetração de Bullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	<i>t</i>	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )		
<b>Extroversão</b>	.045	.032	.137	1.384	.169
<b>Agradabilidade</b>	-.140	.035	-.423	-4.062	.000
<b>Conscienciosidade</b>	-.007	.030	-.026	-.240	.811
<b>Neuroticismo</b>	.029	.021	.113	-1.399	.164
<b>Abertura à Experiência</b>	-.043	.033	-.140	-1.314	.191

Notas:  $r^2 = .237$ ;  $r_a^2 = .207$

Relativamente à Hipótese 13 que propõe que “*Existe uma relação negativa entre a extroversão, agradabilidade e conscienciosidade e a vitimação por bullying, i.e., jovens com baixos níveis de extroversão, agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em bullying como vítimas*” e à Hipótese 14 que afirma que “*Existe uma relação*

positiva entre o neuroticismo e a vitimação por bullying, i.e., jovens com altos níveis de neuroticismo apresentam níveis elevados de envolvimento em bullying como vítimas”, a tabela 10 apresenta o modelo de predição da variável de vitimação por bullying a partir dos traços de personalidade.

Da análise da tabela 10 constatou-se que 18.4% da variância total da vitimação por bullying é explicada pelos traços de personalidade. Averiguou-se ainda que a extroversão e o neuroticismo apresentaram efeitos significativos na predição da vitimação por bullying, sendo as variáveis que mais contribuíram para a predição da variável dependente. A extroversão entra negativamente para a explicação da vitimação por bullying ( $\beta=-.275$ ), enquanto que o neuroticismo entra positivamente para a explicação da vitimação por bullying ( $\beta=.247$ ).

**Tabela 10**

*Predição da Vitimação por Bullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )		
<b>Extroversão</b>	-.112	.041	-.275	-2.750	.007
<b>Agradabilidade</b>	-.083	.043	-.198	-1.899	.060
<b>Conscienciosidade</b>	.022	.038	.061	.568	.571
<b>Neuroticismo</b>	.078	.026	.247	2.991	.003
<b>Abertura à Experiência</b>	.033	.042	.085	.790	.431

Notas:  $r^2=.215$ ;  $r_a^2=.184$

De seguida, no sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para os traços de personalidade com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Em relação à extroversão, verificou-se efeitos significativos do estatuto relativo ao bullying ( $F(3, 149) = 3.257, p < .05$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=38.29$ ;  $DP=5.90$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=34.61$ ;  $DP=7.71$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=33.71$ ;  $DP=5.88$ )

ou ofensor ( $M=35.54$ ;  $DP=6.85$ ). Quanto à agradabilidade, verificou-se um efeito significativo do estatuto ( $F(3, 147) = 9.369$ ,  $p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=41.46$ ;  $DP=5.93$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=35.37$ ;  $DP=5.63$ ) e do que os participantes com estatuto de ofensor ( $M=35.68$ ;  $DP=7.57$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=36.80$ ;  $DP=7.16$ ). Relativamente à conscienciosidade, verificou-se efeitos significativos do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 152) = 3.863$ ,  $p < .05$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=39.08$ ;  $DP=7.79$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=34.28$ ;  $DP=7.20$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=34.13$ ;  $DP=6.69$ ) ou ofensor ( $M=35.07$ ;  $DP=9.89$ ). Em relação ao neuroticismo, verificou-se um efeito significativo do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 146) = 4.029$ ,  $p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=19.72$ ;  $DP=8.82$ ) apresentaram valores significativamente inferiores aos dos participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=25.30$ ;  $DP=8.29$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=22.76$ ;  $DP=8.09$ ) ou ofensor ( $M=20.18$ ;  $DP=10.18$ ). Por fim, quanto à abertura à experiência, verificou-se um efeito significativo do estatuto ( $F(3, 150) = 3.878$ ,  $p < .05$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=35.08$ ;  $DP=7.76$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=30.75$ ;  $DP=7.57$ ) e do que os participantes com estatuto de ofensor ( $M=29.96$ ;  $DP=7.55$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=32.82$ ;  $DP=7.33$ ).

### **3.2.9. Personalidade e Cyberbullying**

Relativamente à Hipótese 15 “*Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e a conscienciosidade e a perpetração de cyberbullying, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade apresentam níveis elevados de envolvimento em cyberbullying como perpetradores*” e à Hipótese 16 “*Existe uma relação positiva entre a*

*extroversão e a perpetração de cyberbullying, i.e., jovens com altos níveis de extroversão apresentam níveis elevados de envolvimento em cyberbullying como perpetradores”, a tabela 11 apresenta o modelo de predição da variável de perpetração de cyberbullying a partir dos traços de personalidade: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência.*

Da análise da tabela 11 verificou-se que 11% da variância total da perpetração de *cyberbullying* é explicada pelos traços de personalidade. Constatou-se ainda que apenas a agradabilidade teve um efeito significativo na predição da perpetração de *cyberbullying*, sendo a variável que mais contribui para a predição desta, nomeadamente, a agradabilidade contribui de forma negativa na explicação desta variável ( $\beta = -.277$ ).

**Tabela 11**

*Predição da Perpetração de Cyberbullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )		
<b>Extroversão</b>	.022	.020	.118	1.123	.264
<b>Agradabilidade</b>	-.053	.021	-.277	-2.538	.012
<b>Conscienciosidade</b>	-.026	.018	-.160	-1.447	.150
<b>Neuroticismo</b>	-.003	.013	-.022	-.251	.802
<b>Abertura à Experiência</b>	-.013	.020	-.071	-.632	.528

Notas:  $r^2 = .144$ ;  $r_a^2 = .110$

Relativamente à Hipótese 17 “*Existe uma relação positiva entre a abertura à experiência e a vitimação por cyberbullying, i.e., jovens com elevados níveis de abertura à experiência apresentam altos níveis de vitimação por cyberbullying*” e à Hipótese 18 “*Existe uma relação negativa entre a agradabilidade e a vitimação por cyberbullying, i.e., jovens com baixos níveis de agradabilidade apresentam níveis elevados de vitimação por cyberbullying*”, a tabela 12 apresenta o modelo de predição da variável de vitimação por *cyberbullying* a partir dos traços de personalidade.

Da análise da tabela 12, constatou-se que 6.1% da variância total da vitimação por *cyberbullying* é explicada pelos traços de personalidade. Verificou-se ainda que o neuroticismo apresenta efeitos significativos na predição da vitimação por *cyberbullying*, sendo a variável que mais contribui para a predição da variável vitimação por *cyberbullying* e, além disso, este contribui positivamente para a explicação da vitimação por *cyberbullying* ( $\beta=.254$ ).

**Tabela 12**

*Predição da Vitimação por Cyberbullying a partir dos Traços de Personalidade: Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Extroversão</b>	-.018	.013	-.150	-1.369	.173
<b>Agradabilidade</b>	-.003	.014	-.025	-.224	.823
<b>Conscienciosidade</b>	.002	.012	.019	.167	.868
<b>Neuroticismo</b>	.024	.008	.254	2.875	.005
<b>Abertura à Experiência</b>	.005	.013	.041	.347	.729

Notas:  $r^2=.097$ ;  $r_a^2=.061$

No sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para os traços de personalidade com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Em relação à extroversão, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 149) = .974, p > .05$ ). Quanto à agradabilidade, verificou-se um efeito significativo do estatuto ( $F(3, 147) = 4.640, p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=38.91$ ;  $DP=6.56$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de ofensor ( $M=34.08$ ;  $DP=8.75$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=38.50$ ;  $DP=4.21$ ) e para os estatutos de vítima-ofensor ( $M=35.05$ ;  $DP=4.32$ ). Relativamente à conscienciosidade, verificou-se efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 152) = 8.664, p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com

correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=38.27$ ;  $DP=7.45$ ) apresentaram valores significativamente mais elevados do que os participantes com estatuto de ofensor ( $M=30.17$ ;  $DP=8.33$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=33.75$ ;  $DP=7.92$ ) ou vítima-ofensor ( $M=33.65$ ;  $DP=6.97$ ). Em relação ao neuroticismo, verificou-se um efeito significativo do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 146) = 7.169, p < .01$ ). Analisando as categorias de estatuto duas a duas através da comparação múltipla com correção de Bonferroni, verificou-se que os participantes não envolvidos ( $M=20.01$ ;  $DP=8.37$ ) apresentaram valores significativamente mais baixos do que participantes com estatuto de vítima-ofensor ( $M=28.61$ ;  $DP=9.10$ ), não existindo diferenças para os estatutos de vítima ( $M=26.33$ ;  $DP=7.82$ ) ou ofensor ( $M=22.65$ ;  $DP=9.14$ ). Por fim, quanto à abertura à experiência, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 150) = 1.92, p > .05$ ).

### **3.2.10. Empatia e Cyberbullying**

Relativamente à Hipótese 19 “*Existe uma relação negativa entre a empatia e a perpetração de bullying e cyberbullying, i.e., jovens com baixos níveis de empatia apresentam níveis mais elevados de perpetração de bullying e cyberbullying*” e à Hipótese 20 “*Existe uma relação positiva entre a empatia e a vitimação de bullying e cyberbullying, i.e., jovens com elevados níveis de empatia apresentam níveis mais elevados de vitimação por bullying e cyberbullying*”, procedeu-se à análise de correlações e regressões lineares múltiplas.

A tabela 13 apresenta as correlações entre a empatia e respetivas componentes e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*. A partir da análise desta verificou-se a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a perpetração de *cyberbullying* e a empatia e os seus componentes (fantasia, tomada de perspectiva, preocupação empática e desconforto pessoal), bem como entre a vitimação por *cyberbullying* e a empatia e os seus componentes.

**Tabela 13**

*Correlações entre a Empatia e as suas Componentes e a Vitimação e Perpetração de Bullying e Cyberbullying*

	Vitimação por <i>Cyberbullying</i>	Perpetração de <i>Cyberbullying</i>	Perpetração de <i>Bullying</i>	Vitimação por <i>Bullying</i>
<b>IRI Total</b>	.100	-.128	-.209*	.014
<b>Fantasia</b>	.056	-.048	-.064	.036
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.004	-.096	-.232**	-.162*
<b>Preocupação Empática</b>	.060	-.112	-.166*	.002
<b>Desconforto Pessoal</b>	.071	-.045	-.027	.145

Nota: Correlação de Spearman \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ;

Procedeu-se ainda à análise dos modelos de predição das variáveis da vitimação por *cyberbullying* e da perpetração de *cyberbullying* a partir das componentes da empatia, como se pode verificar nas tabelas 14 e 15.

A tabela 14 apresenta o modelo de predição da variável de perpetração de *cyberbullying* a partir das componentes da empatia. Da análise desta tabela, constatou-se que a variância total da perpetração de *cyberbullying* que é explicada pelas componentes da empatia é muito baixa (1.9%). No entanto, verificou-se que a preocupação empática apresentou efeitos significativos na predição da perpetração de *cyberbullying*, contribuindo negativamente para a explicação desta ( $\beta = -.224$ ).

A tabela 15 apresenta o modelo de predição da variável de vitimação por *cyberbullying* a partir das componentes da empatia. Da análise desta tabela, verificou-se a inexistência de variáveis predictoras com efeitos estatisticamente significativos na predição da vitimação por *cyberbullying*.

**Tabela 14**

*Predição da Perpetração de Cyberbullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	<i>t</i>	
<b>Desconforto Pessoal</b>	-.006	.038	-.013	-.149	.882
<b>Preocupação Empática</b>	-.112	.052	-.224	-2.163	.032
<b>Tomada de Perspetiva</b>	.040	.050	.081	.806	.422
<b>Fantasia</b>	-.017	.034	-.047	-.498	.619

Notas:  $r^2=.048$ ;  $r_a^2=.019$

**Tabela 15**

*Predição da Vitimação por Cyberbullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	<i>t</i>	
<b>Desconforto Pessoal</b>	.016	.027	.055	.609	.544
<b>Preocupação Empática</b>	-.041	.036	-.119	-1.136	.258
<b>Tomada de Perspetiva</b>	.041	.036	.118	1.158	.249
<b>Fantasia</b>	.015	.023	.061	.643	.521

Notas:  $r^2=.019$ ;  $r_a^2= -.011$

No sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para empatia e respetivos componentes com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Em relação ao desconforto pessoal, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 148) = 1.286, p > .05$ ). Quanto à fantasia, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 145) = .339, p > .05$ ). Relativamente à tomada de perspetiva, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 154) = .682, p > .05$ ). Por fim, em

relação à preocupação empática, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *cyberbullying* ( $F(3, 147) = .755, p > .05$ ).

### 3.2.10. Empatia e *Bullying*

Relativamente às Hipóteses 19 e 20 enunciadas anteriormente, procedeu-se à análise de correlações entre as variáveis empatia e respetivas componentes e a vitimação e perpetração de *bullying* bem como a análise dos modelos de predição das variáveis da vitimação por *bullying* e da perpetração de *bullying* a partir das componentes da empatia, como se pode verificar nas tabelas 16 e 17.

A tabela 13, apresentada anteriormente, apresenta as correlações entre a empatia e respetivas componentes e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*. A partir da análise desta verificou-se a existência de uma correlação negativa fraca estatisticamente significativa ( $p < .05$ ) entre a perpetração de *bullying* e a pontuação total do IRI, que mede a empatia e as suas diversas componentes. Verificou-se ainda correlações negativas estatisticamente significativas entre a tomada de perspetiva ( $p < .01$ ) e a preocupação empática ( $p < .05$ ) e a perpetração de *bullying*. Por fim, verificou-se a existência de uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a tomada de perspetiva e a vitimação por *bullying* ( $p < .05$ ).

A tabela 16 apresenta o modelo de predição da variável de perpetração de *bullying* a partir das componentes da empatia. Da análise desta tabela, constatou-se que a variância total da perpetração de *bullying* que é explicada pelas componentes da empatia é muito baixa (2.9%).

**Tabela 16**

*Predição da Perpetração de Bullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	<i>t</i>	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )		
<b>Desconforto Pessoal</b>	-.009	.045	-.018	-.199	.843
<b>Preocupação Empática</b>	-.089	.063	-.148	-1.416	.159
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.080	.061	-.132	-1.299	.196
<b>Fantasia</b>	.008	.041	.017	.185	.854

Notas:  $r^2 = .058$ ;  $r_a^2 = .029$

A tabela 17 apresenta o modelo de predição da variável de vitimação por *bullying* a partir das componentes da empatia. Da análise desta tabela, constatou-se que a variância total da vitimação por *bullying* que é explicada pelas componentes da empatia é muito baixa (1.3%).

**Tabela 17**

*Predição da Vitimação por Bullying a partir das Componentes da Empatia: Desconforto Pessoal, Preocupação Empática, Tomada de Perspetiva e Fantasia*

Variáveis	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )		
<b>Desconforto Pessoal</b>	.083	.058	.126	1.415	.567
<b>Preocupação Empática</b>	-.041	.079	-.053	-.514	.476
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.107	.078	-.139	-1.377	.162
<b>Fantasia</b>	.033	.052	.060	.642	.522

Notas:  $r^2=.042$ ;  $r_a^2=.013$

De seguida, no sentido de explorar esta associação de forma mais aprofundada realizou-se uma ANOVA para empatia e respetivos componentes com o estatuto (vítima, ofensor, vítima-ofensor e não envolvido) como variável intersujeitos. Em relação ao desconforto pessoal, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 148) = .465, p > .05$ ). Quanto à fantasia, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 145) = .214, p > .05$ ). Relativamente à tomada de perspetiva, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 154) = 1.667, p > .05$ ). Por fim, em relação à preocupação empática, não se verificaram efeitos significativos do estatuto relativo ao *bullying* ( $F(3, 147) = .318, p > .05$ ).

## CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÕES

Este estudo analisou as correlações entre a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* e variáveis individuais como a personalidade, autoestima e empatia. Especificamente, analisou-se a frequência da ocorrência dos fenómenos de *bullying* e *cyberbullying* numa amostra de jovens do 3º ciclo, bem como as relações entre a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*, e as relações entre estas e a idade e o género dos jovens participantes. Pretendeu-se também compreender a contribuição das variáveis da autoestima, empatia e personalidade na explicação do envolvimento dos jovens em episódios de *bullying* ou *cyberbullying*, como vítimas, ofensores e vítimas-ofensores. Para isto, foram aplicados um conjunto de questionários a estudantes do 3º ciclo de escolas públicas da área metropolitana do Porto.

Neste estudo foi testada a relação entre o envolvimento em *bullying* e o envolvimento em *cyberbullying*. Estudos anteriores demonstraram a existência de uma relação entre vitimação por *bullying* e vitimação por *cyberbullying* (Kowalski et al., 2014; Raskauskas & Stoltz, 2007). Os resultados deste estudo evidenciaram a existência de uma correlação entre estas variáveis, suportando a noção de que os fatores subjacentes ao fenómeno do *bullying* estão, também, associados ao fenómeno do *cyberbullying* (Hinduja & Patchin, 2008). Os resultados deste trabalho demonstraram ainda uma correlação entre a perpetração de *bullying* e a perpetração de *cyberbullying*, consistentemente com o estudo de Raskauskas e Stoltz (2007). Neste sentido, os perpetradores de *bullying* poderão estar a beneficiar da evolução tecnológica, aproveitando estes novos métodos para infligir dano a terceiros, sendo que, aparentemente, a predisposição para este tipo de comportamento permanece independente do contexto em que ocorre (Hinduja & Patchin, 2008).

Estudos indicam que o envolvimento em *bullying* como ofensor é mais frequente em jovens do género masculino (Cook et al., 2010; Nansel et al., 2001; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Por outro lado, estudos indicam que o envolvimento em *bullying* como vítima é, também, mais frequente em jovens do género masculino (Cook et al., 2010). Os resultados deste estudo mostram resultados consistentes com a literatura, isto é, existem diferenças significativas entre o género feminino e masculino relativamente à vitimação e perpetração de *bullying*, nomeadamente,

jovens do género masculino evidenciam valores significativamente mais elevados de vitimação e perpetração de *bullying*, comparativamente com jovens do género feminino.

Relativamente ao *cyberbullying*, estudos mostram que jovens do género masculino apresentam maior envolvimento em *cyberbullying* como ofensores (Barlett & Coyne, 2014), enquanto que o envolvimento como vítima é mais frequente em jovens do género feminino (Kowalski & Limber, 2007). Os resultados deste estudo demonstram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e masculino relativamente à vitimação e perpetração de *cyberbullying*, isto é, jovens do género masculino evidenciaram valores significativamente mais elevados de vitimação e perpetração de *cyberbullying*. Portanto, rejeita-se a hipótese de que jovens do género feminino apresentam maior envolvimento em *cyberbullying* como vítimas. Estes resultados poderão dever-se à sobreposição entre vítimas e ofensores de *bullying* e *cyberbullying*, isto é, devido à elevada percentagem de indivíduos que são ao mesmo tempo vítimas e ofensores de *bullying* e *cyberbullying*, pelo que seria interessante explorar, em investigações futuras, esta sobreposição entre vítimas e ofensores relativamente ao género destes indivíduos.

A relação entre o envolvimento em *bullying* e *cyberbullying* e a idade foi também estudada. Segundo a literatura, o envolvimento em *bullying* é mais frequente no início da adolescência, nomeadamente dos 12 aos 14, diminuindo com a idade (Nansel et al., 2001; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). No entanto, no presente estudo, verificou-se a existência de uma correlação positiva entre a idade e a perpetração de *bullying*, o que sugere que o envolvimento em situações de *bullying* como perpetrador aumenta em idades mais tardias da adolescência, nomeadamente aos 15/16 anos. Não se verificaram correlações significativas entre a idade e a vitimação por *bullying*.

A relação entre a idade e o envolvimento em *cyberbullying* foi também testada. A literatura demonstrou que o envolvimento em comportamentos de *cyberbullying*, como vítima ou como ofensor, é mais frequente no 8º ano de escolaridade, isto é, verificando-se percentagens mais elevadas aos 13 anos (Williams & Guerra, 2007). Este estudo, no entanto, verificou a inexistência de associações estatisticamente significativas desta relação.

Em suma, relativamente à relação entre idade e vitimação e perpetração de *bullying*, verificou-se, contrariamente ao que seria de esperar, uma relação positiva entre a idade e a perpetração de *bullying*, constatando-se que jovens em idades mais tardias da adolescência

apresentam valores mais elevados de perpetração de *bullying*. Esta relação, contrária à evidenciada na literatura poderá ter-se verificado devido à curta amplitude de idades (dos 11 aos 16 anos) incluídos na investigação bem como devido à inclusão de indivíduos com idades superiores (maiores de 18 anos) nos artigos científicos analisados, e, a partir dos quais, foram formuladas as hipóteses. Possivelmente, em investigações futuras, seria interessante incluir jovens participantes com uma maior amplitude de idades, nomeadamente dos 10 aos 18 anos, bem como garantir uma distribuição de idades mais homogênea, possibilitando assim uma análise mais eficaz da relação entre a idade e o envolvimento em comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*.

Existem algumas evidências da relação entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* (Salmivalli et al., 1999; Patchin & Hinduja, 2010). Relativamente à relação entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *cyberbullying*, estudos sugerem a existência de uma relação negativa entre o envolvimento em *cyberbullying*, como vítima e como ofensor, e a autoestima, isto é, jovens com baixos níveis de autoestima apresentam níveis elevados de vitimação e perpetração de *cyberbullying* (Patchin & Hinduja, 2010; Kowalski et al., 2014). A relação entre baixa autoestima e perpetração de *cyberbullying* é explicitada por Brewer e Kerslake (2015), uma vez que indivíduos com níveis baixos de autoestima optam preferencialmente por meios de comunicação percecionados como mais seguros e anónimos, tais como os meios eletrónicos, com o objetivo de infligir danos a terceiros. Contrariamente a estas evidências, este estudo mostrou correlações positivas entre a autoestima e a perpetração e vitimação por *cyberbullying*, o que sugere que indivíduos envolvidos em *cyberbullying*, independentemente do estatuto, apresentam valores elevados de autoestima. Por conseguinte, foi rejeitada a hipótese da existência de uma relação negativa entre a autoestima e o envolvimento em *cyberbullying*. No entanto, o estudo das diferenças ao nível da autoestima entre os estatutos de vítima, ofensor, e vítima-ofensor de *cyberbullying*, evidenciou diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente os participantes incluídos no estatuto de vítima-ofensor apresentaram valores de autoestima significativamente superiores, comparativamente com indivíduos não envolvidos no fenómeno.

Relativamente à relação entre a autoestima e o envolvimento em *bullying*, estudos demonstram que jovens com elevados níveis de autoestima apresentam níveis elevados de perpetração de *bullying* (Salmivalli et al., 1999), isto é, indivíduos com elevados níveis de

autoestima apresentam menor preocupação relativamente à opinião de outros, menor preocupação relativa a eventuais retaliações, ou maior disposição para confrontos cara-a-cara (Brewer & Kerslake, 2015). Este estudo, consistentemente com a literatura, verificou a existência de uma relação positiva entre a autoestima e a perpetração de *bullying*. No entanto, contrariamente aos resultados evidenciados por outros autores sugerindo que indivíduos com baixa autoestima podem ser vistos pelos potenciais ofensores como alvos fáceis e, como tal, tornarem-se vítimas (Salmivalli et al., 1999), foi rejeitada a hipótese da existência de uma relação entre a baixa autoestima e a vitimação por *bullying*, uma vez que, surpreendentemente, neste estudo, verificou-se uma correlação positiva entre a autoestima e o envolvimento em *bullying*, como vítima. Finalmente, o estudo das diferenças ao nível da autoestima entre os estatutos de vítima, ofensor, e vítima-ofensor de *bullying* e indivíduos não envolvidos, evidenciou diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente os participantes incluídos no estatuto de vítima-ofensor apresentaram valores de autoestima significativamente superiores, comparativamente com indivíduos não envolvidos no fenómeno.

O surgimento de associações contraintuitivas entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* poderá dever-se à influência da deseabilidade social associada às medidas de autorrelato. Dada a elevada sensibilidade das questões relativas à autoestima, as respostas dos jovens às questões relacionadas com as perceções que têm de si próprios poderão estar influenciadas pela sua própria perceção do que seria socialmente aceitável estes sentirem relativamente a eles próprios, expressando assim perceções, e, por conseguinte, valores de autoestima que não correspondem à realidade. Assim, seria interessante, do ponto de vista da investigação futura incluir outros tipos de métodos de recolha de dados, nomeadamente metodologias qualitativas, de modo a avaliar construtos sensíveis, como por exemplo, a autoestima, de um modo mais eficaz, abrangente e holístico, explorando assim a questão da deseabilidade social. Por outro lado, seria também interessante incluir medidas dirigidas aos pais, professores ou aos pares, de modo a explorar as diferenças entre as perceções do próprio inquirido e as perceções das pessoas mais próximas relativas ao inquirido.

Em relação à autoestima, chama-se ainda à atenção para uma limitação relacionada com a natureza transversal deste estudo. Este tipo de estudo não permite, estabelecer uma relação causal entre a autoestima e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*. Assim, não é claro se a baixa autoestima é causa ou consequência do envolvimento nestas situações. Portanto, seria

interessante, no futuro, estudar a autoestima com recurso a um design experimental, averiguando, assim, a causalidade entre a autoestima e a perpetração e vitimação de *bullying* e *cyberbullying*.

A relação entre a personalidade e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying* foi também alvo de estudo. Estudos sugerem que a perpetração de *bullying* encontra-se associada a baixa agradabilidade (Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017), baixa conscienciosidade (Georgesén et al., 1999; Bollmer et al., 2006), alta extroversão (Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017) e elevado neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Alguns autores demonstraram que a vitimação por *bullying* está associada a baixa extroversão (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), baixa agradabilidade (Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015), baixa conscienciosidade (Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015) e alto neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Relativamente ao *cyberbullying*, evidências mostram que a perpetração de *cyberbullying* está associada a baixa agradabilidade (Festl & Quandt, 2013; van Geel et al., 2017), baixa conscienciosidade (Festl & Quandt, 2013) e à elevada extroversão (Festl & Quandt, 2013). Por outro lado, em relação à vitimação por *cyberbullying*, alguns autores verificaram que esta está associada a elevada abertura à experiência (Festl & Quandt, 2013) e a baixa agradabilidade (Kowalski et al., 2012).

Relativamente à relação entre a personalidade e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*, este estudo demonstrou a baixa agradabilidade como um bom preditor da perpetração de *bullying* (Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015; van Geel et al., 2017), não encontrando efeitos significativos da baixa conscienciosidade, alta extroversão e alto neuroticismo na predição da perpetração de *bullying*. À semelhança dos resultados evidenciados pela literatura, este estudo mostrou ainda que os baixos níveis de extroversão (Mitsopoulou & Giovazolias, 2015) e os elevados níveis de neuroticismo (Mynard & Joseph, 1997; Georgesén et al., 1999; Tani et al., 2003; Bollmer et al., 2006; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015) contribuem para a predição da vitimação por *bullying*. Não se verificaram, no entanto, efeitos significativos da agradabilidade e da conscienciosidade, contrariamente ao evidenciado por alguns autores (e.g. Tani et al., 2003; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Neste estudo verificou-se apenas um efeito significativo da baixa

agradabilidade sobre a perpetração de *cyberbullying* (Festl & Quandt, 2013; van Geel et al., 2017), sendo que não se verificaram efeitos significativos dos preditores conscienciosidade e extroversão. Relativamente à vitimação por *cyberbullying*, verificou-se apenas um efeito significativo de altos níveis de neuroticismo sobre a vitimação por *cyberbullying*, contrariamente aos resultados evidenciados pela literatura, não se verificaram efeitos significativos da baixa agradabilidade e da elevada abertura à experiência na predição da vitimação por *cyberbullying*.

Relativamente ao *bullying*, ao comparar as médias dos diferentes traços de personalidade entre os estatutos (vítima, ofensor e vítima-ofensor de *bullying* e não envolvido), este estudo demonstrou que indivíduos com o estatuto de vítima-ofensor apresentaram baixos níveis de extroversão, agradabilidade, conscienciosidade e abertura à experiência e altos níveis de neuroticismo, comparativamente com indivíduos não envolvidos neste fenómeno. Além disso, verificou-se ainda que indivíduos com o estatuto de ofensor apresentaram níveis significativamente inferiores de abertura à experiência, comparativamente com indivíduos não envolvidos no fenómeno. Em suma, a inclusão do estudo dos estatutos de vítima-ofensor, e não apenas o estudo das vítimas e dos ofensores isoladamente, é essencial para melhorar o estudo da influência dos traços de personalidade, isto porque os indivíduos envolvidos neste fenómeno, encontram-se frequentemente envolvidos como ofensores e como vítimas cumulativamente.

Relativamente ao *cyberbullying*, comparou-se as médias dos diferentes traços de personalidade entre estatutos (vítima, ofensor, vítima-ofensor de *cyberbullying* e não envolvido), verificando-se que indivíduos incluídos no estatuto de ofensor apresentaram baixos níveis de agradabilidade e baixos níveis de conscienciosidade comparativamente com indivíduos não envolvidos neste fenómeno. Além disso, verificou-se ainda que indivíduos vítimas-ofensores de *cyberbullying* apresentaram níveis significativamente superiores de neuroticismo, comparativamente com indivíduos não envolvidos no fenómeno. Por fim, reitera-se a importância do estudo separado dos estatutos de vítima, ofensor e vítima-ofensor na influência dos traços de personalidade.

Nesta investigação, estudou-se ainda a relação entre a empatia e a vitimação e perpetração de *bullying* e *cyberbullying*. Estudos indicam que indivíduos envolvidos em *bullying* como ofensores apresentam baixos níveis de empatia (Jolliffe & Farrington, 2011; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Neste estudo foi possível corroborar a existência de uma relação negativa estatisticamente significativa entre a perpetração de *bullying* e a pontuação total do IRI. Além

disso, verificou-se ainda a existência de uma relação negativa entre as componentes da empatia: preocupação empática e tomada de perspectiva e a perpetração de *bullying*. Consistente com a literatura que demonstra que jovens perpetradores de *bullying* apresentam baixos níveis de empatia (Jolliffe & Farrington, 2011; Mitsopoulou & Giovazolias, 2015). Esta relação deve-se às dificuldades dos jovens perpetradores de *bullying* na capacidade de partilhar as experiências emocionais de outra pessoa (Decety & Jackson, 2004) e na capacidade de compreender a experiência de outra pessoa (Shamay-Tsoory, 2011). Relativamente às vítimas de *bullying*, estudos mostram que estas apresentam elevados níveis de sensibilidade e níveis mais elevados de empatia, em ambas as componentes cognitiva e afetiva, comparativamente com os perpetradores de *bullying* e com indivíduos cumulativamente vítimas e perpetradores (Almeida, Correia, Marinho, & Garcia 2012). No entanto, neste estudo, não foi possível corroborar as evidências salientadas pelos autores, designadamente, verificou-se uma relação negativa entre a tomada de perspectiva e a vitimação por *bullying*. Evidenciando assim que vítimas de *bullying* apresentam dificuldades em adotar os pontos de vista dos outros. Neste sentido, à semelhança da autoestima, dada a impossibilidade de averiguar a existência de relações causais entre as variáveis, seria interessante, no futuro, estudar a causalidade entre a empatia e a vitimação de *bullying*.

Em relação ao *cyberbullying*, a literatura sugere que indivíduos envolvidos em *cyberbullying* como ofensores apresentam baixos níveis de empatia (e.g. Zych et al., 2019; Kokkinos et al., 2014), no entanto, neste estudo, não foram encontrados efeitos significativos da empatia sobre a perpetração de *cyberbullying*. Relativamente às vítimas de *cyberbullying*, evidências demonstram que estas apresentam níveis mais elevados de empatia afetiva, comparativamente com não-vítimas, uma vez que a experiência da vitimação resulta, potencialmente, numa melhor compreensão do sofrimento de outros e promove a partilha mais intensa dos sentimentos de outros (Zych et al., 2019). No entanto, neste estudo, não se verificaram efeitos estatisticamente significativos da empatia sobre a vitimação por *cyberbullying*.

Por fim, apesar da relevância do assunto abordado neste trabalho, este estudo empírico apresenta diversas limitações. Primeiro, a técnica de amostragem utilizada, nomeadamente a utilização de uma amostra não probabilística por conveniência, bem como a dimensão reduzida da amostra não permitem a extrapolação dos resultados para a população geral, pelo que seria

interessante do ponto de vista científico a replicação deste estudo com recurso a uma amostra representativa mais ampla dos estudantes portugueses.

Relativamente à reduzida dimensão da amostra, é importante referir que a recolha dos dados utilizados neste trabalho foi interrompida pelo início do confinamento decorrente da pandemia de Covid-19, não tendo, por isso, sido recolhidos o número de participantes desejado inicialmente, nem a distribuição de idades (jovens do 5º ano ao 12º ano). Foram efetuadas tentativas de continuação da recolha de dados por meios eletrónicos, não tendo sido obtidos resultados satisfatórios. No entanto, dado o extenso período de confinamento e consequente aumento do uso de meios eletrónicos para auxílio ao estudo e para manutenção das relações interpessoais entre estudantes, seria interessante estudar o efeito do aumento do uso das novas tecnologias em período de confinamento pelos jovens na vitimação e perpetração de *cyberbullying*.

Por outro lado, outra limitação verificada prende-se com a natureza transversal deste estudo, como já foi referido. Os estudos transversais impossibilitam a aferição de causalidade entre as variáveis independentes e dependentes. Portanto, não podemos afirmar com certeza se o envolvimento em *bullying* ou *cyberbullying* diminui os níveis de determinada característica, como por exemplo, a autoestima, ou se, por outro lado, jovens com baixos níveis de uma determinada característica (e.g. autoestima) são alvos mais frequentes destas situações (Patchin & Hinduja, 2010).

Por fim, outro aspeto importante a apontar como limitação deste estudo está relacionado com as limitações intrínsecas do método de recolha de dados adotado, nomeadamente a utilização de medidas de autorrelato em jovens participantes. Assim, o relato do envolvimento em situações de *bullying* ou *cyberbullying* poderá não corresponder à realidade e ter sido reportado com menos frequência devido à tendência dos indivíduos, especialmente os mais jovens, de fornecer respostas socialmente aceitáveis a questões sensíveis ou incriminatórias. Por outro lado, relativamente à utilização de medidas de autorrelato que remetem para um período temporal anterior (e.g. dois últimos meses), existe também a tendência para os jovens participantes distorcerem ou deturparem fatos relativos a um determinado período temporal anterior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. Holt, Rinehart & Winston.
- Almeida, A., Correia, I., Marinho, S., & Garcia, D. J. (2012). Virtual but not Less Real A Study of Cyberbullying and Its Relations to Moral Disengagement and Empathy. In Q. Li, D. Cross, & P. K. Smith (Eds.), *Cyberbullying in the Global Playground: Research from International Perspectives* (pp. 223–244). Blackwell Publishing Ltd.
- Barbaranelli, C., Caprara, G. V., Rabasca, A., & Pastorelli, C. (2003). A questionnaire for measuring the Big Five in late childhood. *Personality and Individual Differences*, 34(4), 645–664. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00051-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00051-X)
- Barlett, C., & Coyne, S. M. (2014). A meta-analysis of sex differences in cyber-bullying behavior: The moderating role of age. *Aggressive Behavior*, 40(5), 474–488. <https://doi.org/10.1002/ab.21555>
- Bollmer, J. M., Harris, M. J., & Milich, R. (2006). Reactions to bullying and peer victimization: Narratives, physiological arousal, and personality. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 803–828. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.09.003>
- Borgatta, E. F. (1964). The structure of personality. *Behavioral Sciences*, 12, 8–17. <https://doi.org/10.4324/9781351305280-2>
- Brewer, G., & Kerslake, J. (2015). Cyberbullying, self-esteem, empathy and loneliness. *Computers in Human Behavior*, 48, 255–260. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.073>
- Broidy, L., Cauffman, E., Espelage, D. L., Mazerolle, P., & Piquero, A. (2003). Sex differences in empathy and its relation to juvenile offending. *Psychological Bulletin*, 118(5), 503–516. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.84.4.712>
- Bush, C. A., Mullis, R. L., & Mullis, A. K. (2000). Differences in empathy between offender and nonoffender youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(4), 467–478. <https://doi.org/10.1023/A:1005162526769>

- Bushway, S. & Weisburd, D. (2005). *Quantitative methods in criminology*. Aldershot: Ashgate
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 1128–1135. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>
- Cattell, H. E. P., & Mead, A. D. (2008). *The Sixteen Personality Factor Questionnaire (16PF)*. In G. J. Boyle, G. Matthews, & D. H. Saklofske (Eds.), *The SAGE handbook of personality theory and assessment, Vol. 2. Personality measurement and testing* (p. 135–159). Sage Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781849200479.n7>
- Cattell, R. B. (1950). *Personality: A systematic theoretical and factual study*. McGraw-Hill.
- Cattell, R. B. (1957). *Personality and Motivation Structure and Measurement*. World Book.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E., & Sadek, S. (2010). Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. *School Psychology Quarterly*, 25(2), 65–83. <https://doi.org/10.1037/a0020149>
- Corcoran, L., Guckin, C., & Prentice, G. (2015). Cyberbullying or Cyber Aggression?: A Review of Existing Definitions of Cyber-Based Peer-to-Peer Aggression. *Societies*, 5(2), 245–255. <https://doi.org/10.3390/soc5020245>
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1985). *The NEO Personality Inventory*. Psychological Assessment Resources
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992a). Normal Personality Assessment in Clinical Practice: The NEO Personality Inventory. *Psychological Assessment*, 4(1), 5–13. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.4.1.5>
- Costa, P., & McCrae, R. R. (1992b). Four ways five factors are basic. *Personality and Individual Differences*, 13(6), 653–665. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(92\)90236-I](https://doi.org/10.1016/0191-8869(92)90236-I)

- Costa, P. T., Jr. & McCrae, R. R. (1992c). *NEO-PI-R professional manual*. Psychological Assessment Resources.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, *44*, 113-126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Decety, J., & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, *3*(2), 71–100. <https://doi.org/10.1177/1534582304267187>
- Díaz-Aguado, M. (2004). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde de la escuela*. 3 volúmenes y un vídeo. Instituto de la Juventud.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, *41*, 114–440. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.41.020190.002221>
- Eisenberg, N., Guthrie, I. K., Cumberland, A., Murphy, B. C., Shepard, S. A., Zhou, Q., & Carlo, G. (2002). Prosocial development in early adulthood: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, *82*(6), 993–1006. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.993>
- Eysenck, H. J. (1967). *The biological basis of personality*. Thomas.
- Eysenck, H. J. (1970). *The Structure of Human Personality* (3rd. ed.). Methuen.
- Festl, R., & Quandt, T. (2013). Social Relations and Cyberbullying: The Influence of Individual and Structural Attributes on Victimization and Perpetration via the Internet. *Human Communication Research*, *39*(1), 101–126. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2012.01442.x>
- Furnell, S. (2002). *Cybercrime: vandalizing the Information Society*. Addison-Wesley.

- Georges, J. C., Harris, M. J., Milich, R., & Young, J. (1999). "Just teasing . . .": Personality effects on perceptions and life narratives of childhood teasing. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(10), 1254–1267. <https://doi.org/10.1177/0146167299258007>
- Goldberg, L.R. (1990). 'An alternative "description of personality": The big-five factor structure'. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216–29. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.6.1216>
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da Personalidade*. Climepsi Editores, Lda
- Haynie, D. L., Nansel, T., Eitel, P., Crump, A. D., Saylor, K., Yu, K., & Simons-Morton, B. (2001). Bullies, victims, and bully/victims: Distinct groups of at-risk youth. *Journal of Early Adolescence*, 21(1), 29–49. <https://doi.org/10.1177/0272431601021001002>
- Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29(2), 129–156. <https://doi.org/10.1080/01639620701457816>
- Hoffman, M. L. (2001). *Empathy and Moral Development: implications for caring and justice*. Cambridge University Press.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 9(5), 441–476. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2003.03.001>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Examining the Relationship Between Low Empathy and Bullying. *Aggressive Behaviour*, 32(3), 540–550. <https://doi.org/10.1002/ab>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2011). Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables? *Journal of Adolescence*, 34(1), 59–71. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.02.001>

- Juvonen, J., Graham, S., & Schuster, M. A. (2003). Bullying among Young Adolescents: The Strong, the Weak, and the Troubled. *Pediatrics*, *112*(6), 1231–1237.
- Kokkinos, C. M., Antoniadou, N., & Markos, A. (2014). Cyber-bullying: An investigation of the psychological profile of university student participants. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *35*(3), 204–214. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2014.04.001>
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Electronic Bullying Among Middle School Students. *Journal of Adolescent Health*, *41*(6 SUPPL.), 22–30. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.017>
- Kowalski, R. M., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008). *Cyber bullying: Bullying in the Digital Age*. Blackwell Publishing.
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, *140*(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Reese, H. H. (2012). Cyber bullying among college students: Evidence from multiple domains of college life. In C. Wankel & L. Wankel (Eds.), *Misbehavior online in higher education* (pp. 293–321). Emerald Group Publishing Ltd. [https://doi.org/10.1108/S2044-9968\(2012\)0000005016](https://doi.org/10.1108/S2044-9968(2012)0000005016)
- Leary, M. R., & Downs, D. L. (1995). Interpersonal Functions of the Self-Esteem Motive. In M. H. Kernis (Ed.), *Efficacy, Agency, and Self-Esteem* (pp. 123–144). Plenum. [https://doi.org/10.1007/978-1-4899-1280-0\\_7](https://doi.org/10.1007/978-1-4899-1280-0_7)
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reatividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, *8*, 2, 171-184. <http://hdl.handle.net/10400.12/3425>
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Edições Sílabo.
- Martins, M.J.D. (2009) *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Novembro.

- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52 (5), 509–516. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.52.5.509>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2008). *The five-factor theory of personality*. In O. L. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (p. 159–181). The Guilford Press.
- Miller, P. A., & Eisenberg, N. (1988). The Relation of Empathy to Aggressive and Externalizing/Antisocial Behavior. *Psychological Bulletin*, 103(3), 324–344. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.324>
- Mitsopoulou, E., & Giovazolias, T. (2015). Personality traits, empathy and bullying behavior: A meta-analytic approach. *Aggression and Violent Behavior*, 21, 61–72. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.01.007>
- Moya Albiol, L., Herrero Sebastián, N., & Bernal Santacreu, M. C. (2010). Bases neuronales de la empatía. *Revista de Neurología*, 50(02), 89. <https://doi.org/10.33588/rn.5002.2009111>
- Mynard, H., & Joseph, S. (1997). Bully/victim problems and their association with Eysenck's personality dimensions in 8 to 13 year-olds. *British Journal of Educational Psychology*, 67(1), 51–54. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1997.tb01226.x>
- Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). Bullying Behaviors Among US Youth: Prevalence and Association With Psychosocial Adjustment. *Journal of the American Medical Association*, 285, 2094–2100. <https://doi.org/10.1001/jama.285.16.2094>
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (1999). Sweden. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying: A cross national Perspective*. Routledge.

- Olweus, D., & Limber, S. P. (2010). The Olweus Bullying Prevention Program: Implementation and evaluation over two decades. In S. R. Jimerson, S. M. Swearer, & D. L. Espelage (Eds.), *The Handbook of Bullying in Schools: An international perspective* (pp. 377–401). Routledge. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2010.01015.x>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148–169. <https://doi.org/10.1177/1541204006286288>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80(12), 614–621. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00548.x>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2015). Measuring cyberbullying: Implications for research. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 69–74. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.013>
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da escala de auto-estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arq Med* [online], 25, 5-6, 174-179.
- Pinto, T. M. G. & Cunha, M. (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/139>
- Raskauskas, J., & Stoltz, A. D. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Developmental Psychology*, 43(3), 564–575. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.3.564>
- Rivers, I., & Smith, P. K. (1994). Types of bullying behaviour and their correlates. *Aggressive Behavior*, 20(5), 359–368. [https://doi.org/10.1002/1098-2337\(1994\)20:5<359::AID-AB2480200503>3.0.CO;2-J](https://doi.org/10.1002/1098-2337(1994)20:5<359::AID-AB2480200503>3.0.CO;2-J)
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press.

- Salmivalli, C., Kaukiainen, A., Kaistaniemi, L., & Lagerspetz, K. M. J. (1999). Self-evaluated self-esteem, peer-evaluated self-esteem, and defensive egotism as predictors of adolescents' participation in bullying situations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(10), 1268–1278. <https://doi.org/10.1177/0146167299258008>
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22(1), 1–15. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)
- Seixas, M. (2020). *Traços psicopáticos na infância: desenvolvimento de uma medida de traços do domínio interpessoal e relação com o comportamento antissocial e agressivo* [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade do Porto.
- Slonje, R., Smith, P. K., & Frisé, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 26–32. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.05.024>
- Shamay-Tsoory, S. G. (2011). The neural bases for empathy. *Neuroscientist*, 17(1), 18–24. <https://doi.org/10.1177/1073858410379268>
- Smith, P. K., Kwak, K., & Toda, Y. (2016). *School bullying in different cultures - Eastern and western perspectives*. Cambridge University Press.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>
- Smith, P. K., & Morita, Y. (1999). Introduction. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying: A cross national Perspective*. Routledge.

- Smith, P., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R., & Slee, P. (1999). *The nature of school bullying: A cross national Perspective*. Routledge.
- Tani, F., Greenman, P. S., Schneider, B. H., & Fregoso, M. (2003). Bullying and the Big Five A Study of Childhood Personality and Participant Roles in Bullying Incidents. *School Psychology International*, 24(2), 131–146. <https://doi.org/10.1177/0143034303024002001>
- Tellegen, A. (1985). Structures of Mood and Personality and Their Relevance to Assessing Anxiety, with an Emphasis on Self-Report. In A. H. Tuma, & J. D. Master (Eds.), *Anxiety and the Anxiety Disorders* (pp. 681-706). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
- Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2001). Age and Birth Cohort Differences in Self-Esteem: A Cross-Temporal Meta-Analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 5(4), 321–344. <https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0504>
- Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2008). Defining cyberbullying: A qualitative research into the perceptions of youngsters. *Cyberpsychology and Behavior*, 11(4), 499–503. <https://doi.org/10.1089/cpb.2007.0042>
- van Geel, M., Goemans, A., Toprak, F., & Vedder, P. (2017). Which personality traits are related to traditional bullying and cyberbullying? A study with the Big Five, Dark Triad and sadism. *Personality and Individual Differences*, 106, 231–235. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.10.063>
- Wang, J., Iannotti, R. J., & Nansel, T. R. (2009). School bullying among adolescents in the United States: Physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, 45(6), 368–375. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>
- Willard, N. E. (2006). *Cyberbullying and cyberthreats*. Center for safe and Responsible Internet Use.

- Williams, K. R., & Guerra, N. G. (2007). Prevalence and Predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health, 41*(6 SUPPL.), 14–21. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.018>
- Wong, D. S. W., Chan, H. C., & Cheng, C. H. K. (2014). Cyberbullying perpetration and victimization among adolescents in Hong Kong. *Children and Youth Services Review, 36*, 133–140. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2013.11.006>
- Yang, A., & Salmivalli, C. (2015). Effectiveness of the KiVa antibullying programme on bully-victims, bullies and victims. *Educational Research, 57*(1), 80–90. <https://doi.org/10.1080/00131881.2014.983724>
- Ybarra, M. L., & Mitchell, K. J. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence, 27*(3), 319–336. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.03.007>
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to Internet harassment: Findings from the Second Youth Internet Safety Survey. *Pediatrics, 118*(4). <https://doi.org/10.1542/peds.2006-0815>
- Zaki, J., & Ochsner, K. (2012). The neuroscience of empathy: Progress, pitfalls and promise. *Nature Neuroscience, 15*(5), 675–680. <https://doi.org/10.1038/nn.3085>
- Zych, I., Baldry, A. C., & Farrington, D. P. (2017). School Bullying and Cyberbullying: Prevalence, Characteristics, Outcomes, and Prevention. In V. B. Van Hasselt & M. L. Bourke (Eds.), *Handbook of Behavioral Criminology* (pp. 113–138). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-61625-4>
- Zych, I., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2019). Are children involved in cyberbullying low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different cyberbullying roles. *Aggression and Violent Behavior, 45*(2019), 83–97. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.004>

Zych, I., Ortega-Ruiz, R., & Del Rey, R. (2015). Systematic review of theoretical studies on bullying and cyberbullying: Facts, knowledge, prevention, and intervention. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 1–21. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.10.001>

## ANEXOS

*Questionário Sociodemográfico*

O presente questionário surge no âmbito da dissertação de Mestrado pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto.

A tua identidade é anónima, bem como as tuas respostas são confidenciais. Serão apresentadas um conjunto de questões às quais te será pedido que respondas, sendo que não existem respostas certas nem erradas e podes desistir a qualquer momento.

### Dados Sociodemográficos

1 - Idade: \_\_\_\_\_

2 - Género:  Masculino  Feminino

3 – Qual é o ano em que te encontras?

- |  |                                     |                                      |
|--|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="radio"/> <i>Ensino básico</i> | <input type="radio"/> <i>7º ano</i> | <input type="radio"/> <i>10º ano</i> |
| <input type="radio"/> <i>5º ano</i>        | <input type="radio"/> <i>8º ano</i> | <input type="radio"/> <i>11º ano</i> |
| <input type="radio"/> <i>6º ano</i>        | <input type="radio"/> <i>9º ano</i> | <input type="radio"/> <i>12º ano</i> |

4 - **Em que país resides atualmente?** (Se mudaste de país recentemente ou estás a viver num país temporariamente, por favor indica o país onde passaste a maior parte dos últimos 5 anos)

\_\_\_\_\_

5 - **Se crescestes num país diferente do indicado na pergunta anterior, por favor assinala-o aqui:** \_\_\_\_\_

6 - **Indica, em números, a quantidade de pessoas que constituem o teu agregado familiar?** (É considerado agregado familiar um ou mais indivíduos que vivem e compartilham as tuas despesas domésticas) \_\_\_\_\_

7 - **Situação conjugal dos teus pais**

- Casados/ união de facto*
- Solteiros*
- Viúvos*
- Divorciados*

*Questionário de Cyberbullying CBQ-V*

## Questionário de Cyberbullying CBQ-V

Calvete et al. (2009)<sup>1</sup>

Versão portuguesa: tradução e adaptação de Tânia Pinto e Marina Cunha (2011)<sup>2</sup>

As frases que se seguem referem-se à utilização da internet e do telemóvel. Lê atentamente cada uma das afirmações, e **rodeia com um círculo** a resposta que melhor corresponde à frequência com que possas ter realizado algumas destas ações, nos últimos dois meses.

	<i>Nunca</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>
<i>1. Manter lutas e discussões “online”, usando insultos, etc... através de mensagens eletrónicas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>2. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>3. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>4. Colocar imagens de um conhecido/a ou de um/a colega na internet que possam ser humilhantes (por exemplo, a vestir-se no balneário)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>5. Enviar links de imagens humilhantes a outras pessoas para que as possam ver</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>6. Escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, que colocam o outro numa situação de ridículo</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>7. Enviar links onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um/a conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

<sup>1</sup> Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L. & Padilla, P. (2009). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26, 1128-1135.

<sup>2</sup> Pinto, T. M. G. & Cunha, M. (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/139>

	<i>Nunca</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>
<i>8. Conseguir a senha (nicks, passwords, etc.) de outra pessoa e enviar mensagens em seu nome por e-mail, que a podem deixar mal ou criar-lhe problemas com os outros</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>9. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto um grupo se ri e obriga outra pessoa a fazer algo humilhante ou ridículo</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>10. Enviar essas imagens a outras pessoas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>11. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto alguém bate ou magoa outra pessoa</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>12. Enviar essas imagens gravadas para outras pessoas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>13. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias de alguém</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>14. Remover intencionalmente alguém de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>15. Enviar insistentemente (de forma repetida) mensagens que incluem ameaças ou que são muito intimidatórias</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>16. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel a um/a colega envolvido/a num comportamento de cariz sexual</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>17. Enviar essas imagens para outras pessoas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

Lê atentamente cada uma das afirmações e **rodeia com um círculo** a resposta que melhor corresponde à frequência com que possas ter sofrido algumas destas ações nos últimos dois meses.

	<i>Nunca</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>
<i>18. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por e-mail</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>19. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>20. Colocarem fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes (por exemplo, a vestir-me no balneário)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>21. Escreverem na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo/a</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>22. Conseguir a minha senha (nicks, passwords, etc.) e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros, ou me criar problemas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>23. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com telemóvel enquanto um grupo se ri de mim e me obriga a fazer algo humilhante ou ridículo</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>24. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com o telemóvel quando alguém me bate ou me magoa</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>25. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>26. Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>27. Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<i>28. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com o telemóvel em algum tipo de comportamento de cariz sexual</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>



### Análise de Fidelidade da Subescala de *Cyberbullying* do CBQ-V

Estatísticas Item-Total				
Itens da Escala de <i>Cyberbullying</i>	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Cyber_Of_1	.59	2.632	.467	.820
Cyber_Of_2	.74	3.105	.511	.809
Cyber_Of_3	.71	2.922	.587	.802
Cyber_Of_4	.75	3.216	.464	.814
Cyber_Of_5	.72	2.997	.522	.806
Cyber_Of_6	.74	3.066	.456	.811
Cyber_Of_7	.68	2.893	.443	.812
Cyber_Of_8	.74	3.066	.584	.806
Cyber_Of_9	.74	3.076	.664	.805
Cyber_Of_10	.73	3.030	.467	.810
Cyber_Of_11	.75	3.212	.688	.812
Cyber_Of_12	.75	3.212	.688	.812
Cyber_Of_13	.72	3.088	.390	.814
Cyber_Of_14	.57	2.922	.213	.851
Cyber_Of_15	.75	3.164	.597	.810
Cyber_Of_16	.75	3.212	.688	.812
Cyber_Of_17	.75	3.212	.688	.812
				Alfa = .822

**Análise de Fidelidade da Subescala de Vitimação por *Cyberbullying* do CBQ-V**

<b>Estadísticas Item-Total</b>				
<b>Itens da Escala de vitimação por <i>Cyberbullying</i></b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
Cyber_Vit_18	.47	1.506	.630	.789
Cyber_Vit_19	.40	1.301	.430	.795
Cyber_Vit_20	.44	1.372	.499	.783
Cyber_Vit_21	.42	1.252	.625	.767
Cyber_Vit_22	.45	1.439	.450	.789
Cyber_Vit_23	.47	1.453	.624	.783
Cyber_Vit_24	.47	1.506	.630	.789
Cyber_Vit_25	.42	1.330	.462	.788
Cyber_Vit_26	.32	1.175	.418	.818
Cyber_Vit_27	.45	1.334	.661	.769
Cyber_Vit_28	.47	1.506	.630	.789
				Alfa = .803

*Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar*

## Questionário de exclusão social e violência escolar

*Díaz-Aguado, 2004<sup>3</sup>*

*Versão portuguesa de Martins, 2009<sup>4</sup>*

De seguida, encontrarás uma série de perguntas que descrevem algumas situações sofridas por alguns rapazes e raparigas nas relações com os seus colegas e que ocorrem nas escolas. Se já sofreu alguma das situações descritas rodeia com um círculo a resposta que reflete a frequência com que isso aconteceu na escola durante os últimos dois meses, tendo em conta que **0** equivale a que isso **nunca se passou contigo**, o **1** que aconteceu contigo **algumas vezes**, o **2** que aconteceu contigo **muitas vezes**, e o **3** que te acontece **quase sempre**.

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
<i>1. Os meus colegas ignoram-me</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>2. Os meus colegas impedem-me de participar nas suas atividades</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>3. Os meus colegas falam mal de mim</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>4. Os meus colegas rejeitam-me</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>5. Os meus colegas insultam-me e gozam-me</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>6. Os meus colegas chamam-me nomes que me ofendem e ridicularizam</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>7. Os meus colegas escondem-me coisas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>8. Os meus colegas estragam-me coisas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

<sup>3</sup> Díaz-Aguado, M. (Dir.) (2004). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde de la escuela*. 3 volúmenes y un vídeo. Madrid: Instituto de la Juventud.

<sup>4</sup> Martins, M.J.D. (2009) *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Novembro

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
<i>9. Os meus colegas roubam-me coisas</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>10. Os meus colegas batem-me</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>11. Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>12. Os meus colegas obrigam-me a fazer coisas que não quero com ameaças (trazer e dar-lhes o dinheiro, fazer-lhes tarefas, dar-lhes as minhas coisas)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>13. Os meus colegas intimidam-me com frases ou insultos de carácter sexual</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>14. Os meus colegas obrigam-me, através de ameaças, a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a minha vontade</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>15. Os meus colegas ameaçam-me com armas (facas, bastões ...)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

**Durante os últimos dois meses, alguma vez participaste, na escola, nas situações que a seguir se descrevem aborrecendo um(a) ou mais colegas na escola?**

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
<i>16. Ignorei um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>17. Impedi um(a) colega de participar nas minhas atividades</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>18. Falei mal de um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>19. Rejeitei um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>20. Insultei e/ou gozei um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
<i>21. Chamei nomes que ofendem e ridicularizam um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>22. Escondi as coisas de um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>23. Estraguei as coisas de um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>24. Roubei as coisas de um(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>25. Bati num(a) colega</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>26. Ameacei um(a) colega, para lhe meter medo</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>27. Obriguei, através de ameaças, um(a) colega a fazer coisas que não quer (trazer e dar-me dinheiro, fazer-me tarefas, dar-me as suas coisas)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>28. Intimidei um(a) colega com frases ou insultos de carácter sexual</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>29. Obriguei um(a) colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>30. Ameacei um(a) colega com armas (faca, bastões...)</i>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>



## Análise de Fidelidade da Subescala de Vitimação Escolar do QEVE

Estatísticas Item-Total				
Itens da Escala de Vitimação Escolar	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Bul_Vit_1	1.58	6.978	.535	.789
Bul_Vit_2	1.79	7.451	.654	.783
Bul_Vit_3	1.59	6.426	.709	.770
Bul_Vit_4	1.74	7.422	.367	.805
Bul_Vit_5	1.68	6.519	.715	.769
Bul_Vit_6	1.70	6.381	.709	.770
Bul_Vit_7	1.64	7.462	.359	.806
Bul_Vit_8	1.79	7.512	.468	.794
Bul_Vit_9	1.87	8.284	.372	.803
Bul_Vit_10	1.88	8.383	.313	.806
Bul_Vit_11	1.86	8.132	.471	.799
Bul_Vit_12	1.90	8.598	.279	.809
Bul_Vit_13	1.89	8.700	.021	.814
Bul_Vit_14	1.91	8.737	.000	.813
Bul_Vit_15	1.91	8.737	.000	.813
				Alfa = .809

## Análise de Fidelidade da Subescala de Agressão Escolar do QEVE

Estatísticas Item-Total				
Itens da Escala de Agressão Escolar	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Bul_Of_16	1.45	4.170	.357	.709
Bul_Of_17	1.82	4.603	.448	.689
Bul_Of_18	1.53	4.251	.406	.695
Bul_Of_19	1.77	4.321	.366	.702
Bul_Of_20	1.75	4.200	.502	.678
Bul_Of_21	1.83	4.416	.561	.675
Bul_Of_22	1.69	4.305	.453	.686
Bul_Of_23	1.91	5.103	.291	.709
Bul_Of_24	1.92	5.197	.239	.713
Bul_Of_25	1.89	4.844	.420	.697
Bul_Of_26	1.93	5.217	.252	.714
Bul_Of_27	1.95	5.396	.000	.722
Bul_Of_28	1.95	5.396	.000	.722
Bul_Of_29	1.94	5.297	.249	.717
Bul_Of_30	1.94	5.211	.215	.715
				Alfa = .718

*Índice de Reatividade Interpessoal*

## Índice de Reatividade Interpessoal

### IRI - *Interpersonal Reactivity Index*

Mark Davis, 1983<sup>5</sup>

Adaptação portuguesa de Teresa Limpo, Rui A. Alves e São Luís Castro, 2010<sup>6</sup>

As afirmações seguintes referem-se a pensamentos e sentimentos que poderás ter tido em diversas situações. **Indica em que medida cada item te descreve** escolhendo o número apropriado na escala abaixo, desde **0** (não me descreve bem) a **4** (descreve-me muito bem). Lê atentamente cada item antes de responder no espaço correspondente.

	<i>Não me descreve bem</i>		<i>Descreve-me muito bem</i>		
1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu (PE)	0	1	2	3	4
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros (TP)(i)	0	1	2	3	4
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas (PE)(i)	0	1	2	3	4
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance (F)	0	1	2	3	4
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/a (DP)	0	1	2	3	4
6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo (F)(i)	0	1	2	3	4
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão (TP)	0	1	2	3	4
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger (PE)	0	1	2	3	4
9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas (TP)	0	1	2	3	4

<sup>5</sup> Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126

<sup>6</sup> Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reatividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8, 2, 171-184.

	<i>Não me descreve bem</i>			<i>Descreve-me muito bem</i>	
10. <i>É raro ficar completamente envolvido/a num bom livro ou filme (F)(i)</i>	0	1	2	3	4
11. <i>Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo/a (DP)(i)</i>	0	1	2	3	4
12. <i>As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito (PE)(i)</i>	0	1	2	3	4
13. <i>Depois de um filme ou teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens (F)</i>	0	1	2	3	4
14. <i>Estar numa situação emocional tensa assusta-me (DP)</i>	0	1	2	3	4
15. <i>Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências (DP)(i)</i>	0	1	2	3	4
16. <i>Fico muitas vezes emocionado/a com coisas que vejo acontecer (PE)</i>	0	1	2	3	4
17. <i>Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos (TP)</i>	0	1	2	3	4
18. <i>Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole (PE)</i>	0	1	2	3	4
19. <i>Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista (F)</i>	0	1	2	3	4
20. <i>Tendo a perder o controlo em situações de emergência (DP)</i>	0	1	2	3	4
21. <i>Quando estou aborrecido/a com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento (TP)</i>	0	1	2	3	4
22. <i>Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo (F)</i>	0	1	2	3	4
23. <i>Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido/a (DP)</i>	0	1	2	3	4
24. <i>Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar (TP)</i>	0	1	2	3	4

**Legenda:** (i)– item invertido; (TP) – Tomada de perspetiva; (PE) – Preocupação empática; (DP) – Desconforto Pessoal; (F) – Fantasia



## Análise de Fidelidade do Índice de Reatividade Interpessoal

Estatísticas Item-Total				
Itens do IRI	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item- total corrigida	Alfa se o item for retirado
<b>Empat_1</b>	52.58	131.851	.366	.780
<b>Empat_2</b>	53.44	137.606	.093	.793
<b>Empat_3</b>	52.50	133.405	.220	.787
<b>Empat_4</b>	53.86	121.375	.537	.768
<b>Empat_5</b>	53.51	128.135	.450	.775
<b>Empat_6</b>	53.24	136.271	.100	.795
<b>Empat_7</b>	52.81	131.074	.390	.779
<b>Empat_8</b>	52.26	135.537	.212	.787
<b>Empat_9</b>	52.46	132.586	.379	.780
<b>Empat_10</b>	53.29	130.923	.263	.786
<b>Empat_11</b>	54.02	134.941	.162	.791
<b>Empat_12</b>	52.82	135.215	.166	.790
<b>Empat_13</b>	53.76	127.380	.354	.780
<b>Empat_14</b>	53.70	128.491	.369	.779
<b>Empat_15</b>	53.76	139.906	.009	.796
<b>Empat_16</b>	53.07	122.900	.591	.766
<b>Empat_17</b>	52.59	132.361	.412	.779
<b>Empat_18</b>	52.98	128.343	.437	.776
<b>Empat_19</b>	53.36	124.174	.491	.772
<b>Empat_20</b>	54.30	133.305	.254	.785
<b>Empat_21</b>	53.46	131.987	.272	.785
<b>Empat_22</b>	53.40	121.439	.548	.767
<b>Empat_23</b>	54.17	130.758	.311	.782
<b>Empat_24</b>	52.99	129.460	.435	.777
				Alfa = .789

### Análise de Fidelidade da escala da Fantasia (F) do IRI

Estatísticas Item-Total				
Itens da escala de Fantasia (F)	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Empat_4	11.03	20.199	.623	.634
Empat_6	10.41	26.037	.221	.750
Empat_10	10.40	24.174	.350	.718
Empat_13	10.92	22.001	.486	.679
Empat_19	10.55	21.187	.603	.644
Empat_22	10.54	22.016	.486	.679
				Alfa = .725

### Análise de Fidelidade da escala de Tomada de Perspetiva (TP) do IRI

Estatísticas Item-Total				
Itens da escala de Tomada de Perspetiva (TP)	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Empat_2	13.54	15.627	-.006	.795
Empat_7	12.87	11.594	.584	.617
Empat_9	12.56	11.975	.581	.622
Empat_17	12.68	12.192	.588	.624
Empat_21	13.48	11.537	.450	.661
Empat_24	13.03	11.415	.548	.626
				Alfa = .704

### Análise de Fidelidade da escala de Preocupação Empática (PE) do IRI

Estatísticas Item-Total				
Itens da escala de Preocupação Empática (PE)	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Empat_1	14.15	11.896	.458	.517
Empat_3	14.03	12.530	.251	.598
Empat_8	13.83	12.930	.313	.571
Empat_12	14.34	13.504	.159	.631
Empat_16	14.66	10.431	.499	.484
Empat_18	14.57	11.647	.385	.541
				Alfa = .605

### Análise de Fidelidade da escala de Desconforto Pessoal (DP) do IRI

Estatísticas Item-Total				
Itens da escala de Desconforto Pessoal (DP)	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
Empat_5	8.02	15.614	.428	.654
Empat_11	8.52	16.535	.273	.705
Empat_14	8.26	14.772	.441	.650
Empat_15	8.23	16.975	.333	.682
Empat_20	8.81	15.131	.507	.629
Empat_23	8.67	13.857	.590	.596
				Alfa = .695

*Escala de Autoestima de Rosenberg*

## Escala de Autoestima de Rosenberg

Rosenberg (1965)<sup>7</sup>

Versão portuguesa de Pechorro et al. (2011)<sup>8</sup>

Abaixo está uma lista de demonstrações com sentimentos gerais sobre ti próprio/a. Se **concordares bastante**, faz um círculo em **1**. Se **concordares** com a declaração, faz um círculo em **2**. Se **discordares**, faz um círculo em **3**. Se **discordares bastante**, faz um círculo em **4**.

	<i>Concordo bastante</i>	<i>Concordo</i>	<i>Discordo</i>	<i>Discordo bastante</i>
<i>1. De um modo geral estou satisfeito comigo próprio</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>2. Por vezes penso que não presto (i)</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>3. Sinto que tenho algumas boas qualidades</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>4. Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>5. Sinto que não tenho motivos para me orgulhar de mim próprio (i)</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>6. Por vezes sinto que sou um inútil (i)</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>7. Sinto que sou uma pessoa de valor</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio (i)</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>9. De um modo geral sinto-me um fracassado (i)</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<i>10. Tenho uma boa opinião de mim próprio</i>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<sup>7</sup> Rosenberg, M. (1965). Society and the adolescent self-image. Princeton University Press.

<sup>8</sup> Pechorro, P., Maroco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com adolescentes Portugueses em contexto forense e escolar. *Arq Med* [online], 25, 5-6, 174-179.



### Análise de Fidelidade da Escala de Autoestima de Rosenberg

Estatísticas Item-Total				
Itens da Escala de Autoestima	Média da Escala se o item for retirado	Variância da escala se o item for retirado	Correlação item-total corrigida	Alfa se o item for retirado
AutoEst_1	17.49	29.088	.689	.886
AutoEst_2	12.20	26.436	.755	.880
AutoEst_3	17.66	31.887	.462	.899
AutoEst_4	17.56	31.372	.487	.897
AutoEst_5	17.39	27.756	.683	.886
AutoEst_6	17.31	26.436	.731	.883
AutoEst_7	17.47	30.356	.610	.891
AutoEst_8	16.69	27.952	.576	.895
AutoEst_9	17.60	27.850	.755	.881
AutoEst_10	17.44	28.221	.766	.881

Alfa = .898

*Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças*

## Questionário dos Cinco Fatores – Versão Crianças <sup>9</sup>

Abaixo está uma lista de afirmações sobre ti. Lê atentamente cada uma das afirmações, e **rodeia com um círculo** a resposta que melhor corresponde à frequência com que estas situações ocorrem.

	<i>Quase Nunca</i>	<i>Poucas Vezes</i>	<i>Às Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
1. Gosto de conhecer outras pessoas (E)	0	1	2	3	4
2. Partilho as minhas coisas com outras pessoas (A)	0	1	2	3	4
3. Faço as coisas com muito cuidado e atenção (C)	0	1	2	3	4
4. Fico nervoso(a) com coisas parvas (sem importância) (N)	0	1	2	3	4
5. Sei muitas coisas (O)	0	1	2	3	4
6. Estou de mau humor (N)	0	1	2	3	4
7. Trabalho muito e com prazer ou gosto (C)	0	1	2	3	4
8. Discuto com as outras pessoas muito irritado(a) ou zangado(a) (N)	0	1	2	3	4
9. Gosto de competir ou concorrer com os outros (E)	0	1	2	3	4
10. Tenho muita imaginação (O)	0	1	2	3	4
11. Comporto-me de forma correta e sincera com as outras pessoas (A)	0	1	2	3	4
12. Aprendo facilmente o que estudo na escola (O)	0	1	2	3	4
13. Percebo quando os outros precisam da minha ajuda (A)	0	1	2	3	4
14. Gosto de mover-me e de fazer uma grande quantidade de atividades (E)	0	1	2	3	4
15. Irrito-me com facilidade (N)	0	1	2	3	4

<sup>9</sup> Versão portuguesa do Big Five Questionnaire – Children (BFQ-C; Barbaranelli et al. 2003), traduzido e adaptado ao contexto português por Seixas (2020).

	<i>Quase Nunca</i>	<i>Poucas Vezes</i>	<i>Às Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
16. Gosto de dar prendas (A)	0	1	2	3	4
17. Discuto com as outras pessoas (N)	0	1	2	3	4
18. Quando o(a) professor(a) coloca questões, eu sou capaz de responder corretamente (O)	0	1	2	3	4
19. Gosto de estar com as outras pessoas (E)	0	1	2	3	4
20. Esforço-me (trabalho muito) nas coisas que faço (C)	0	1	2	3	4
21. Se alguém é injusto comigo, eu desculpo-o(a) (A)	0	1	2	3	4
22. Na aula estou concentrado(a) no que faço (C)	0	1	2	3	4
23. Consigo dizer aos outros o que penso com facilidade (E)	0	1	2	3	4
24. Gosto de ler livros (O)	0	1	2	3	4
25. Quando termino os trabalhos de casa, verifico-os muitas vezes para ver se os fiz corretamente (C)	0	1	2	3	4
26. Digo o que penso (E)	0	1	2	3	4
27. Trato os meus colegas com amor e carinho (A)	0	1	2	3	4
28. Respeito as regras (C)	0	1	2	3	4
29. Fico ofendido(a) facilmente (N)	0	1	2	3	4
30. Quando o(a) professor(a) explica alguma coisa, percebo logo (O)	0	1	2	3	4
31. Estou triste (N)	0	1	2	3	4
32. Sou bom/boa para as outras pessoas (A)	0	1	2	3	4
33. Gosto de programas de TV científicos (como por exemplo, sobre ciência, vida selvagem ou experiências) (O)	0	1	2	3	4

	<i>Quase Nunca</i>	<i>Poucas Vezes</i>	<i>Às Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
34. <i>Se prometer algo, cumpro essa promessa (C)</i>	0	1	2	3	4
35. <i>Faço qualquer coisa para não me aborrecer (E)</i>	0	1	2	3	4
36. <i>Gosto de ver o telejornal, para saber o que acontece no mundo (O)</i>	0	1	2	3	4
37. <i>O meu quarto está arrumado (C)</i>	0	1	2	3	4
38. <i>Sou bem-educado(a) quando falo com os outros (A)</i>	0	1	2	3	4
39. <i>Quando quero fazer alguma coisa tenho que a fazer logo, é difícil esperar (N)</i>	0	1	2	3	4
40. <i>Gosto de conversar com os outros (E)</i>	0	1	2	3	4
41. <i>Sou impaciente (N)</i>	0	1	2	3	4
42. <i>Quando alguém pensa de forma diferente de mim, consigo mudar-lhe a opinião ou as ideias (E)</i>	0	1	2	3	4
43. <i>Sou capaz de criar jogos e entretenimentos novos (O)</i>	0	1	2	3	4
44. <i>Quando começo a fazer alguma coisa, faço de tudo para a acabar (C)</i>	0	1	2	3	4
45. <i>Se um(a) colega tem alguma dificuldade, eu ajudo-o(a) (A)</i>	0	1	2	3	4
46. <i>Sou capaz de resolver problemas de matemática (O)</i>	0	1	2	3	4
47. <i>Confio nas outras pessoas (A)</i>	0	1	2	3	4
48. <i>Gosto de manter todas as minhas coisas da escola organizadas (C)</i>	0	1	2	3	4
49. <i>Perco a calma facilmente (N)</i>	0	1	2	3	4
50. <i>Quando falo, as outras pessoas ouvem-me e fazem o que digo (E)</i>	0	1	2	3	4

	<i>Quase Nunca</i>	<i>Poucas Vezes</i>	<i>Às Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Quase Sempre</i>
51. Também sou simpático(a) com as pessoas de quem não gosto (A)	0	1	2	3	4
52. Gosto de conhecer e aprender coisas novas (O)	0	1	2	3	4
53. Só brinco depois de terminar os trabalhos de casa (C)	0	1	2	3	4
54. Faço coisas com agitação (irrequieto(a), com nervosismo e sem calma) (N)	0	1	2	3	4
55. Gosto de dizer piadas (E)	0	1	2	3	4
56. Estou sempre atento(a) (C)	0	1	2	3	4
57. Faço amigos facilmente (E)	0	1	2	3	4
58. Choro (N)	0	1	2	3	4
59. Gostaria muito de viajar e conhecer os costumes ou tradições de outros países (O)	0	1	2	3	4
60. Acho que as outras pessoas são boas e honestas (verdadeiras) (A)	0	1	2	3	4
61. Preocupo-me com coisas parvas (sem importância) (N)	0	1	2	3	4
62. Percebo rapidamente (O)	0	1	2	3	4
63. Estou feliz e alegre (E)	0	1	2	3	4
64. Deixo as outras pessoas usarem as minhas coisas (A)	0	1	2	3	4
65. Faço as minhas tarefas (C)	0	1	2	3	4

**Legenda:**

E – Extroversão/Energia (Extraversion/Energy)

C – Conscienciosidade (Conscientiousness)

A – Agradabilidade (Agreeableness)

N – Neuroticismo/Instabilidade Emocional (Neuroticism/Emotional Instability)

O – Abertura à experiência/Intelecto (Openness/Intellect)



<b>Estatísticas Item-Total</b>				
<b>Itens da escala de Extroversão (E)</b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
BF_E_1	32.63	41.348	.524	.751
BF_E_9	33.87	43.642	.151	.799
BF_E_14	33.07	41.432	.426	.760
BF_E_19	32.39	41.891	.601	.749
BF_E_23	33.40	41.544	.420	.761
BF_E_26	33.42	41.064	.415	.761
BF_E_35	32.99	42.322	.410	.762
BF_E_40	32.39	42.160	.551	.752
BF_E_42	33.81	44.372	.238	.778
BF_E_50	33.81	43.562	.336	.768
BF_E_55	33.09	40.805	.441	.758
BF_E_57	32.89	40.485	.549	.748
BF_E_63	32.55	43.631	.431	.762
				Alfa = 0.777

<b>Estatísticas Item-Total</b>				
<b>Itens da escala de Agradabilidade (A)</b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
BF_A_2	34.99	38.605	.447	.798
BF_A_11	34.24	40.702	.506	.794
BF_A_13	34.35	41.209	.433	.798
BF_A_16	34.76	38.947	.428	.800
BF_A_21	35.30	41.546	.266	.813
BF_A_27	34.47	39.189	.582	.787
BF_A_32	34.22	40.732	.506	.794
BF_A_38	34.18	41.928	.424	.800
BF_A_45	34.38	39.352	.567	.788
BF_A_47	34.87	40.820	.376	.803
BF_A_51	35.17	37.964	.466	.796
BF_A_60	35.00	39.388	.512	.792
BF_A_64	34.64	40.342	.402	.801
				Alfa = 0.810

<b>Estatísticas Item-Total</b>				
<b>Itens da escala de Conscienciosidade (C)</b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
<b>BF_C_3</b>	33.20	57.856	.553	.864
<b>BF_C_7</b>	33.42	56.785	.557	.864
<b>BF_C_20</b>	32.92	57.091	.672	.859
<b>BF_C_22</b>	33.32	55.785	.713	.856
<b>BF_C_25</b>	34.18	55.269	.469	.871
<b>BF_C_28</b>	32.73	58.526	.501	.867
<b>BF_C_34</b>	32.59	61.795	.316	.875
<b>BF_C_37</b>	32.95	56.347	.452	.871
<b>BF_C_44</b>	33.27	58.358	.397	.873
<b>BF_C_48</b>	32.92	53.578	.744	.853
<b>BF_C_53</b>	33.53	54.080	.561	.864
<b>BF_C_56</b>	33.50	55.370	.706	.856
<b>BF_C_65</b>	32.83	56.155	.637	.860

Alfa = 0.873

<b>Estatísticas Item-Total</b>				
<b>Itens da escala de Neuroticismo (N)</b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
<b>BF_N_4</b>	20.33	67.840	.591	.838
<b>BF_N_6</b>	21.01	70.164	.608	.838
<b>BF_N_8</b>	20.86	71.420	.542	.842
<b>BF_N_15</b>	20.41	66.695	.707	.830
<b>BF_N_17</b>	21.05	73.655	.516	.844
<b>BF_N_29</b>	20.73	74.391	.378	.852
<b>BF_N_31</b>	21.17	70.142	.558	.841
<b>BF_N_39</b>	19.61	81.075	.034	.869
<b>BF_N_41</b>	20.12	71.094	.487	.845
<b>BF_N_49</b>	20.59	66.901	.697	.831
<b>BF_N_54</b>	20.76	73.118	.458	.847
<b>BF_N_58</b>	20.59	72.134	.496	.845
<b>BF_N_61</b>	20.18	69.178	.566	.840

---

Alfa = 0.854

---

---

**Estatísticas Item-Total**

---

<b>Itens da escala de Abertura à Experiência (O)</b>	<b>Média da Escala se o item for retirado</b>	<b>Variância da escala se o item for retirado</b>	<b>Correlação item-total corrigida</b>	<b>Alfa se o item for retirado</b>
<b>BF_O_5</b>	29.47	53.757	.550	.791
<b>BF_O_10</b>	29.55	54.183	.344	.805
<b>BF_O_12</b>	29.73	50.919	.661	.780
<b>BF_O_18</b>	29.76	51.756	.652	.782
<b>BF_O_24</b>	30.53	54.277	.288	.811
<b>BF_O_30</b>	29.96	51.518	.639	.782
<b>BF_O_33</b>	30.17	51.877	.362	.807
<b>BF_O_36</b>	30.26	53.916	.285	.813
<b>BF_O_43</b>	30.26	53.593	.330	.807
<b>BF_O_46</b>	29.83	51.290	.472	.794
<b>BF_O_52</b>	29.04	53.665	.539	.791
<b>BF_O_59</b>	28.81	55.099	.333	.805
<b>BF_O_62</b>	29.56	51.781	.641	.783

---

Alfa = 0.809

---

*Termo de Consentimento Informado*

## **Termo de Consentimento Informado**

Joana Fernandes Pereira, estudante do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, vem por este meio solicitar a colaboração da Escola \_\_\_\_\_, com um estudo a ser desenvolvido no âmbito da dissertação final, sob a orientação do Prof. Doutor Pedro Manuel Rocha Almeida. Foi obtida a autorização por parte da Comissão de Ética da FDUP para a recolha de dados e aplicação dos questionários.

Neste estudo pretende-se estudar a relação entre a vitimação e perpetração de cyberbullying e bullying e os traços de personalidade, a empatia e a autoestima em jovens entre os 12 e os 18 anos.

No sentido de avaliar a vitimação e perpetração de cyberbullying e de bullying, será pedido ao seu educando para responder a um conjunto de questionários onde são mencionadas diversas situações, às quais este deverá fazer corresponder a frequência da ocorrência das mesmas.

No que diz respeito aos traços de personalidade, empatia e autoestima será pedido ao seu educando para responder a um questionário destinado a avaliar algumas variáveis de personalidade e sociocognitivas (autoestima e empatia).

Todos os dados recolhidos serão utilizados estritamente para fins de investigação científica. Os dados serão tratados de forma absolutamente anónima e a identidade do seu educando(a) não será divulgada. A participação do seu educando(a) neste estudo é voluntária e este é livre de interromper em qualquer momento da investigação.

Declaro que fui informado(a) dos objetivos do estudo e que tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas relativamente ao estudo. A participação do meu educando é de forma voluntária e fui informado que a participação, ou recusa em participar, não acarreta quaisquer benefícios ou custos para o meu educando.

No caso de querer colocar alguma questão relacionada com o estudo poderá contactar a estudante (Telemóvel: 918493290; E-mail: up201407927@direito.up.pt).

Eu, \_\_\_\_\_ encarregado(a) de educação do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_, declaro que fui informado(a) dos objetivos do estudo e que tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas relativamente a este. Assim sendo autorizo a participação do meu educando de forma voluntária e declaro que fui informado(a) que a participação, ou recusa em participar, não acarreta quaisquer benefícios ou custos para o meu educando.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

Telemóvel: \_\_\_\_\_

Assinatura do Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

Assinatura do Investigador: \_\_\_\_\_

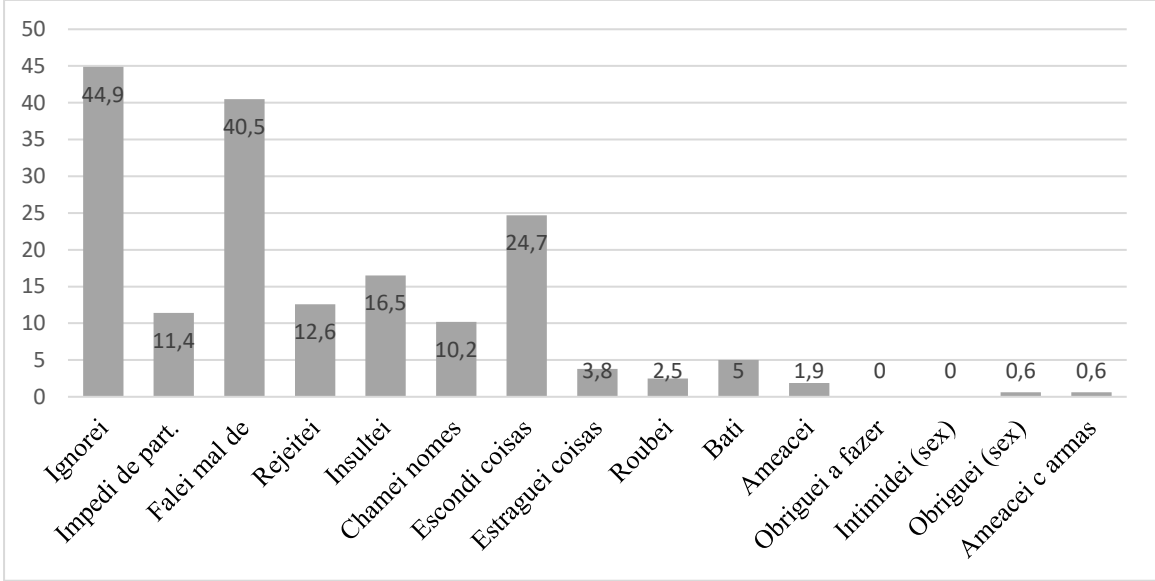


## Frequências das Respostas aos 15 Itens da Escala de Perpetração de *Bullying*

Itens da Escala de Perpetração de <i>Bullying</i>	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Quase Sempre
1. Ignorei um(a) colega	87 (55.1%)	65 (41.1%)	5 (3.2%)	1 (0.6%)
2. Impedi um(a) colega de participar nas minhas atividades	140 (88.6%)	17 (10.8%)	1 (0.6%)	0 (0%)
3. Falei mal de um(a) colega	94 (59.5%)	62 (39.2%)	2 (1.3%)	0 (0%)
4. Rejeitei um(a) colega	138 (87.3%)	16 (10.1%)	1 (0.6%)	3 (1.9%)
5. Insultei e/ou gozei um(a) colega	131 (83.4%)	23 (14.6%)	2 (1.3%)	1 (0.6%)
6. Chamei nomes que ofendem e ridicularizam um(a) colega	142 (89.9%)	14 (8.9%)	2 (1.3%)	0 (0%)
7. Escondi as coisas de um(a) colega	119 (75.3%)	37 (23.4%)	2 (1.3%)	0 (0%)
8. Estraguei as coisas de um(a) colega	152 (96.2%)	6 (3.8%)	0 (0%)	0 (0%)
9. Roubei as coisas de um(a) colega	154 (97.5%)	4 (2.5%)	0 (0%)	0 (0%)
10. Bati num(a) colega	150 (94.9%)	7 (4.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)
11. Ameacei um(a) colega. para lhe meter medo	155 (98.1%)	3 (1.9%)	0 (0%)	0 (0%)
12. Obriguei, através de ameaças. um(a) colega a fazer coisas que não quer (trazer e dar-me dinheiro, fazer-me tarefas, dar-me as suas coisas)	158 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
13. Intimidei um(a) colega com frases ou insultos de carácter sexual	155 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
14. Obriguei um(a) colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)	0 (0%)
15. Ameacei um(a) colega com armas (faca, bastões...)	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)	0 (0%)

**Figura 1**

*Comportamento Relativos à Perpetração de Bullying*

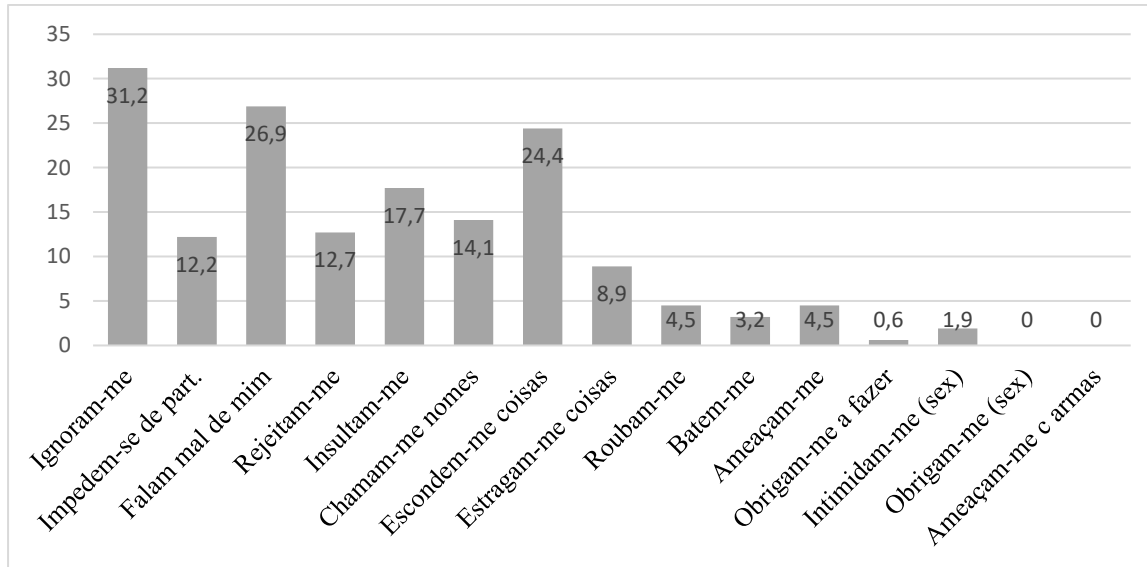


## Frequências das Respostas aos 15 Itens da Escala de Vitimação por *Bullying*

Itens da Escala de Vitimação por <i>Bullying</i>	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Quase Sempre
<b>16.</b> <i>Os meus colegas ignoram-me</i>	108 (68.8%)	45 (28.7%)	4 (2.5%)	0 (0%)
<b>17.</b> <i>Os meus colegas impedem-me de participar nas suas atividades</i>	137 (87.8%)	19 (12.2%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>18.</b> <i>Os meus colegas falam mal de mim</i>	114 (73.1%)	35 (22.4%)	7 (4.5%)	0 (0%)
<b>19.</b> <i>Os meus colegas rejeitam-me</i>	137 (87.3%)	14 (8.9%)	4 (2.5%)	2 (1.3%)
<b>20.</b> <i>Os meus colegas insultam-me e gozam-me</i>	128 (81%)	22 (13.9%)	5 (3.2%)	1 (0.6%)
<b>21.</b> <i>Os meus colegas chamam-me nomes que me ofendem e ridicularizam</i>	134 (85.9%)	14 (9%)	6 (3.8%)	2 (1.3%)
<b>22.</b> <i>Os meus colegas escondem-me coisas</i>	118 (75.6%)	33 (21.2%)	5 (3.2%)	0 (0%)
<b>23.</b> <i>Os meus colegas estragam-me coisas</i>	143 (91.1%)	11 (7%)	2 (1.3%)	1 (0.6%)
<b>24.</b> <i>Os meus colegas roubam-me coisas</i>	150 (95.5%)	7 (4.5%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>25.</b> <i>Os meus colegas batem-me</i>	152 (96.8%)	5 (3.2%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>26.</b> <i>Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo</i>	150 (95.5%)	7 (4.5%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>27.</b> <i>Os meus colegas obrigam-me a fazer coisas que não quero com ameaças (trazer e dar-lhes o dinheiro, fazer-lhes tarefas, dar-lhes as minhas coisas)</i>	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>28.</b> <i>Os meus colegas intimidam-me com frases ou insultos de carácter sexual</i>	154 (98.1%)	3 (1.9%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>29.</b> <i>Os meus colegas obrigam-me, através de ameaças, a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a minha vontade</i>	157 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
<b>30.</b> <i>Os meus colegas ameaçam-me com armas (facas, bastões ...)</i>	157 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

**Figura 2**

*Comportamentos Relativos à Vitimação por Bullying*



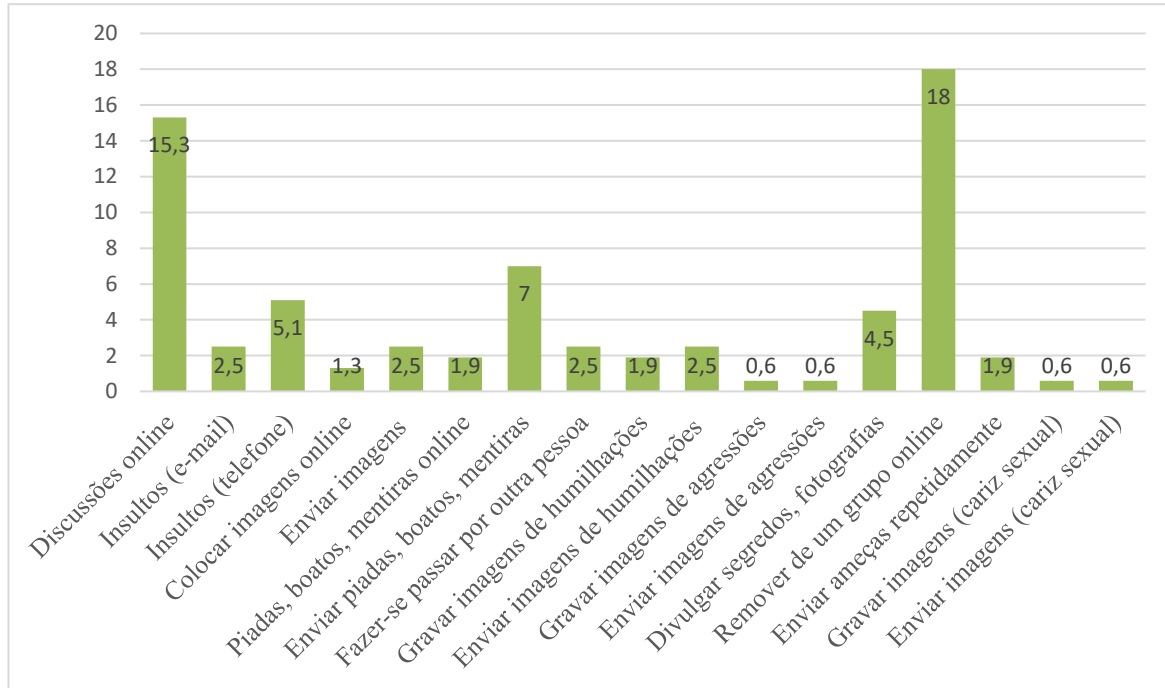


## Frequências das Respostas aos Itens da Escala de Perpetração de *Cyberbullying*

Itens da escala de perpetração de <i>cyberbullying</i>	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
1. Manter lutas e discussões “online”, usando insultos, etc... através de mensagens eletrônicas	133 (84.7%)	22 (14%)	2 (1.3%)
2. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail	153 (97.5%)	4 (2.5%)	0 (0%)
3. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone	149 (94.9%)	8 (5.1%)	0 (0%)
4. Colocar imagens de um conhecido/a ou de um/a colega na internet que possam ser humilhantes (por exemplo, a vestir-se no balneário)	155 (98.7%)	2 (1.3%)	0 (0%)
5. Enviar links de imagens humilhantes a outras pessoas para que as possam ver	150 (95.5%)	7 (2.5%)	0 (0%)
6. Escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, que colocam o outro numa situação de ridículo	154 (98.1%)	2 (1.3%)	1 (0.6%)
7. Enviar links onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um/a conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam	145 (92.9%)	10 (6.4%)	1 (0.6%)
8. Conseguir a senha (nicks, passwords, etc.) de outra pessoa e enviar mensagens em seu nome por e-mail, que a podem deixar mal ou criar-lhe problemas com os outros	153 (97.5%)	4 (2.5%)	0 (0%)
9. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto um grupo se ri e obriga outra pessoa a fazer algo humilhante ou ridículo	154 (98.1%)	3 (1.9%)	0 (0%)
10. Enviar essas imagens a outras pessoas	153 (97.5%)	3 (1.9%)	1 (0.6%)
11. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto alguém bate ou magoa outra pessoa	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)
12. Enviar essas imagens gravadas para outras pessoas	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)
13. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias de alguém	150 (95.5%)	7 (4.5%)	0 (0%)
14. Remover intencionalmente alguém de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)	128 (82.1%)	26 (16.7%)	2 (1.3%)
15. Enviar insistentemente (de forma repetida) mensagens que incluem ameaças ou que são muito intimidatórias	154 (98.1%)	3 (1.9%)	0 (0%)
16. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel a um/a colega envolvido/a num comportamento de cariz sexual	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)
17. Enviar essas imagens para outras pessoas	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)

**Figura 3**

*Comportamentos Relativos à Perpetração de Cyberbullying*

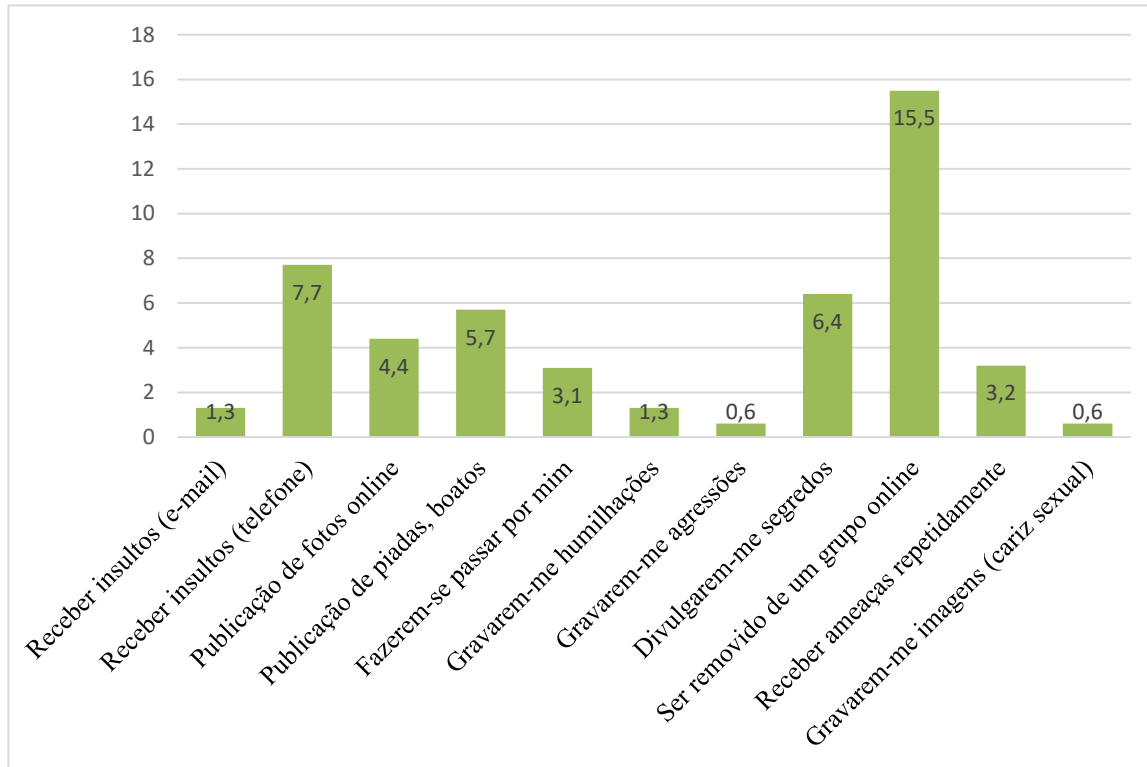


## Frequências das Respostas aos Itens da Escala de Vitimação por *Cyberbullying*

Itens da escala de vitimação por <i>Cyberbullying</i>	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
18. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por e-mail	155 (98.7%)	2 (1.3%)	0 (0%)
19. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel	144 (92.3%)	12 (7.7%)	0 (0%)
20. Colocarem fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes (por exemplo, a vestir-me no balneário)	150 (95.5%)	6 (3.8%)	1 (0.6%)
21. Escreverem na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo/a	148 (94.3%)	9 (5.7%)	0 (0%)
22. Conseguir a minha senha (nicks, passwords, etc.) e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros, ou me criar problemas	152 (96.8%)	4 (2.5%)	1 (0.6%)
23. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com telemóvel enquanto um grupo se ri de mim e me obriga a fazer algo humilhante ou ridículo	155 (98.7%)	2 (1.3%)	0 (0%)
24. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com o telemóvel quando alguém me bate ou me magoa	156 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)
25. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas	147 (93.6%)	10 (6.4%)	0 (0%)
26. Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)	131 (84.5%)	24 (15.5%)	0 (0%)
27. Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias	151 (96.8%)	5 (3.2%)	0 (0%)
28. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com o telemóvel em algum tipo de comportamento de cariz sexual	155 (99.4%)	1 (0.6%)	0 (0%)

**Figura 4**

*Comportamentos Relativos à Vitimação por Cyberbullying*



*Resultados do Teste de Normalidade – Kolmogorov-Smirnov*

*Resultados do Teste de Normalidade – Kolmogorov-Smirnov*

Variável	Kolmogorov-Smirnov		
	Estatística	df	p-value
<b>Idade</b>	.229	158	.000*
<b>Vitimação Escolar</b>	.259	154	.000*
<b>Agressão Escolar</b>	.201	154	.000*
<b>Cyberbullying</b>	.344	155	.000*
<b>Cyber-vitimação</b>	.406	154	.000*
<b>Autoestima</b>	.089	154	.005*
<b>Empatia</b>	.072	138	.073**
<b>Preocupação Empática</b>	.073	148	.049*
<b>Desconforto Pessoal</b>	.093	149	.003*
<b>Tomada de Perspetiva</b>	.084	155	.010*
<b>Fantasia</b>	.067	146	.200**
<b>Extroversão</b>	.081	150	.019*
<b>Neuroticismo</b>	.047	147	.200**
<b>Agradabilidade</b>	.053	148	.200**
<b>Conscienciosidade</b>	.083	153	.011*
<b>Abertura à experiência</b>	.075	151	.036*

\*p-value < .05 – Rejeição de hipótese nula: a variável não segue uma distribuição normal;

\*\*p-value > .05 – Não rejeição de hipótese nula: a variável segue uma distribuição normal;